



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES - CH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH

**A “LIBERDADE” DE REIVENTAR O CARNAVAL CAMPINENSE:
ASTÚCIAS E RESISTÊNCIAS DOS MORADORES DOS BAIRROS
POPULARES DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980.**

PRISCYLLA LARYSSA DA SILVA LIMA

LINHA DE PESQUISA: CULTURA E CIDADE

CAMPINA GRANDE

Julho de 2021

A “liberdade” de reinventar o carnaval campinense: astúcias e resistências dos moradores dos bairros populares (1970-1980)

Priscylla Laryssa da Silva Lima

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História. Linha de pesquisa: Cultura e Cidades.

Orientadora: Keila Queiroz e Silva

CAMPINA GRANDE

JULHO 2021

L732l

Lima, Priscylla Laryssa da Silva.

A "liberdade" de reinventar o carnaval Campinense : astúcias e resistências dos moradores dos bairros populares durante as décadas de 1970 e 1980 / Priscylla Laryssa da Silva Lima. - Campina Grande, 2023.

119 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação: Profª. Dra. Keila Queiroz e Silva."

Referências.

1. História do Carnaval. 2. Campina Grande. 3. Memórias - Escola de Samba Unidos da Liberdade. 4. Resistência de Grupos. 5. Festejos Carnavalescos. I. Silva, Keila Queiroz. II. Título.

CDU 930.85:394.25(043)

FICHA CATALOGráfICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA ITAPUANA SOARES DIAS GONÇALVES CRB-15/093

PRISCYLLA LARYSSA DA SILVA LIMA

**A “LIBERDADE” DE REIVENTAR O CARNAVAL CAMPINENSE:
ASTÚCIAS E RESISTÊNCIAS DOS MORADORES DOS BAIRROS
POPULARES DURANTE AS DÉCADAS DE 1970 E 1980.**

Texto dissertativo avaliado em 07/07/2021 com aceito APROVADO

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr. Keila Queiroz e Silva- Orientadora

Universidade Federal de Campina Grande- PPGH-UFCG

Prof.^o Antônio Clarindo Barbosa de Souza- Examinador Interno

Universidade Federal de Campina Grande- UFCG

Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina de Aragão- Examinadora Externa

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

Prof.^aDr.^aGiuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira-Suplente Interno

Universidade Federal de Campina Grande- UFCG


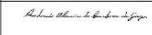
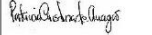





UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Às 15h (quinze horas) do dia 07 (sete) de julho de 2021 (dois mil e vinte e um), através de sala de videoconferência do Mestrado da Universidade Federal de Campina Grande, a Comissão Examinadora da Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pela aluna **Priscylla Larissa da Silva Lima**, intitulada: **“A Liberdade de Reinventar o Carnaval Campinense: Astúcias e Resistências dos moradores dos Bairros populares 1970-1990”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“Aprovada”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Keila Queiroz e Silva (Orientadora), Antônio Clarindo Barbosa de Souza (Examinador Interno), Patrícia Cristina de Aragão Araújo (Examinador Externo) e Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira (Examinador Interno). Assinam também a presente Ata o Coordenador do Programa Prof. Dr. José Otávio Aguiar e o Secretário do PPGH Yaggo Fernando Xavier de Aquino, para os devidos efeitos legais.

Parecer :A banca considerou a dissertação da mestranda muito qualificada e merecedora de aprovação.

Lista de Presença

Orientadora	Keila Queiroz e Silva	
Examinador Interno	Antônio Clarindo Barbosa de Souza	
Examinador Externo	Patrícia Cristina de Aragão Araújo	
Examinador Interno Suplente	Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira	
Coordenador	José Otávio Aguiar	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	

Campina Grande-PB, 07 de julho de 2021.

Aos meus: Dona Raimunda, Breno, Fabiana, Jobson, Brenda, Josembergue e a vida que pulsa dentro do meu ventre: Manuela. Pedacos de mim, partes amadas e jamais esquecidas.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido até eu colocar o último ponto final nas linhas que escrevi sobre esse trabalho, foi mais desafiador de todos os meus vinte sete anos de vida, isto porque como cita Ecléa Bosi, narrar é sofrer, e principalmente quando não se opera a ruptura entre o sujeito e objeto. Sujeitos e objetos estavam o tempo todo dentro de mim, porque assim como meus narradores que terciam o tempo inteiro suas memórias, tão cheias de emoções, de saudade, de dores, de alegrias, elas mexiam com as minhas memórias. Memórias de uma infância e adolescência em que minha avó e meus tios narravam suas participações no carnaval campinense, no bairro da Liberdade, na escola de Samba Unidos da Liberdade. Eu cresci conhecendo cada espaço, cada rosto que os meus narradores citavam e de todas essas narrativas eu precisava fazer o meu trabalho de historiadora. Porém, só quem trabalha com fontes orais, compreende o universo que cada narrador é, e representa para o pesquisador, e os meus narradores me fizeram muitas vezes derramar lágrimas, sorrir, sentir raiva com toda a conjuntura de opressão que eles passaram e passam nos festejos Campinense. Para findar a dissertação foi necessário toda uma rede de apoio, por isso agradeço e dedico essa dissertação:

A minha avó materna, Dona Raimunda costureira da Escola de Samba Unidos da Liberdade, que sempre narrou para mim sentada em sua máquina de costura os episódios dos anos em que ela participava da agremiação. Agradeço por tanto amor, afeto, cuidado e companheirismo, por sua história de luta, garra e superação, migrante nordestina e moradora do bairro da liberdade desde 1948.

Ao meu Pai, Breno por promover sempre os meus estudos, dedicar-se sempre ao cuidado e ao zelo comigo e meus irmãos. Obrigada por está presente sempre em minhas conquistas em minhas derrotas. Esse trabalho te dedico meu Pai, sou a sua primeira filha, primeira me formar em uma universidade Pública e me tornar mestre essa conquista é nossa.

A minha mãe Fabiana por tanto amor, por renunciar tanto de si para cuidar de mim e dos meus irmãos, por cuidar dos nossos estudos, da nossa casa, da nossa comida com tanto amor. Obrigada mãe por me ensinar a ser forte e guerreira.

Ao meu irmão Jobson e a minha irmã Brenda, pelo cuidado, companheirismo, pelas nossas inúmeras conversas sobre a vida, história, política, cidades, amor, vocês são o meu porto-seguro.

Ao meu esposo, companheiro nessa longa jornada da vida, por escutar minhas inúmeras descobertas sobre a pesquisa, por toda a paciência em me acompanhar na busca das fontes entre tantas aventuras para a conclusão dessa dissertação.

Aos meus amigos que sempre procuram compreender as minhas conquistas, as minhas angústias durante o percurso de escrita da dissertação, os afagos deles muitas vezes fizeram o caminho se tornar mais leve, eles os quais não quero citar nomes com medo de esquecer de alguém foram fundamentais em alguns momentos desses últimos anos me acolhendo quando precisei derramar inúmeras lágrimas de tristeza ou quando nos abraçamos nos inúmeros momentos de alegria.

A minha orientadora Keila Queiroz e Silva, que me fez despertar com sua sensibilidade um novo olhar para o Carnaval popular, aprendi muito em todas as nossas conversas, sobre história, vida e toda a conjuntura política e de uma pandemia que vivenciamos nesses últimos anos. Obrigada por segurar a minha mão e mergulhar no universo do Carnaval.

Agradeço ao meu professor e amigo Antônio Clarindo, pela sua amizade, por me fazer despertar a paixão pela cidade e pelo Carnaval, seus escritos, suas orientações no período da monografia foram de fundamental importância para que eu pudesse ir mais adiante com a pesquisa e chegar ao mestrado.

Agradeço a todos os professores e professoras do PPGH/UFCG que me ajudaram na compreensão do fazer história e acreditar na pesquisa. Agradeço também a todos os membros da Linha I Cultura e Cidades, jamais esquecerei a trajetória de cada um, o quanto nós somos apaixonados pela história, pela cidade e pela cultura, obrigada pelo companheirismo. Em especial pelas afinidades construídas com Amélia e Mariana vocês preenchem os meus dias com afeto, cuidado e boas risadas.

Agradeço a três amigas historiadoras que dividem a vida comigo. Primeiramente a minha amiga de infância Jaqueline, trilhamos o mesmo caminho na escola, na graduação e no mestrado você é muito especial para mim. A Ana Carolina pela paciência em corrigir meus escritos, me aconselhar e acreditar em mim e no potencial da minha pesquisa. A

Fabelly amiga e companheira que o mestrado me trouxe, meu muito obrigada pelas nossas conversas, risadas e indignações.

Agradeço aos meu narradores e narradoras que foram fundamentais para a realização desse trabalho: Léa Amorim, Eneida Agra Maracajá, Valter Tavares, Raimundo Formiga, Francinente Alves, Maria de Lurdes, José Alexandre Neto (Zé Neto) meu muito obrigada por narrar suas memórias e resistir às inúmeras tentativas de silenciamento com o Carnaval Campinense.

Agradeço a CAPES, instituição a qual fui bolsista durante os dois anos de mestrado e financio todos os gastos com a pesquisa. Agradeço aos membros da Biblioteca Atila Almeida, espaço em que foi possível pesquisar no acervo do Jornal Diário da Borborema e também a Valter Tavares que permitiu o meu acesso aos jornais disponíveis na secretária de Cultura de Campina Grande.

Por fim e não menos importante agradeço a Alarmack (Bau) e Waleska filhos de José Alexandre pela disponibilidade em me ajudar na busca pelas fotografias. Eles foram fundamentais na busca pelo acervo pessoal de alguns membros da escola de samba e na liberação do acervo pessoal do seu pai. No começo desses agradecimentos eu relatei que o caminho percorrido havia sido bastante difícil e finalizo essas linhas explicando o porquê. Em maio de 2019 eu senti a dor da partida do meu tio Zé Neto, meu narrador, aquele que lutou pela causa do carnaval popular até os últimos dias de sua vida. Sua partida me afetou muito e atingiu todo o percurso da escrita da dissertação, Zé neto não viveu fisicamente para lê esses escritos, mas ele vive no Carnaval popular e em cada linha escrita nesse trabalho. O meu muito obrigada a ele por tanta resistência e tanto amor ao Carnaval.

Dedico as linhas da canção seguinte a ele, foi essa canção que escutei e vi a sambista cantar em cima da sua sepultura no dia do seu velório. O samba jamais morrerá, no carnaval de 2020 eu fui para a avenida e ao ver ao Unidos da Liberdade desfilar eu senti que ele estava lá, representado por cada componente da agremiação.

Não Deixe O Samba Morrer¹

E quando eu não puder pisar mais na avenida

Quando as minhas pernas não puderem aguentar

Levar meu corpo, junto com meu samba

O meu anel de bamba, entrego a quem mereça usar

Eu Vou ficar

No meio do povo

Espiando

Minha escola perdendo ou ganhando

Mais um carnaval

Antes de me despedir

Deixo ao sambista mais novo

O meu pedido final

Antes de me despedir

Deixo ao sambista mais novo

O meu pedido final

Não deixa o samba morrer

Não deixa o samba acabar

O morro foi feito de samba

De samba para gente sambar.

¹ “Não deixe o samba morrer” é um samba composto por Edson Conceição e Aloísio Silva. Foi gravado em 1975 pela cantora Alcione, que ganharia as paradas de sucesso no início do ano seguinte com essa canção, faixa de seu primeiro álbum de estúdio A Voz do Samba.

RESUMO

Esse trabalho narra a história de resistência dos grupos populares no carnaval campinense através das memórias da Escola de Samba Unidos da Liberdade e do bairro do mesmo nome, onde ela está situada. Ressalta como os festejos carnavalescos de Campina Grande passaram por inúmeras transformações a partir de 1970-1994 e os populares através de uma rede de micropoderes conseguem se tornar os protagonistas dos festejos na cidade. Para tanto o percurso metodológico foi dividido em três momentos: O primeiro é uma abordagem sobre o panorama dos festejos da elite campinense e como a cidade está de forma econômica e social durante os anos da Ditadura Civil- Militar. O segundo trata mais especificamente sobre a Unidos da Liberdade, sua história no Carnaval campinense e no bairro da liberdade durante os seus primeiros quinze anos de desfile. O terceiro momento é a análise dos discursos e práticas de resistência por parte da escola de Samba Unidos da Liberdade para participar do Carnaval campinense. Para construir a análise foram utilizados jornais, relatos orais de memória, fotografias e documentos da Escola de Samba Unidos da Liberdade. Entre os principais estudos analisados Luca (2005), Alberti (2010) Certeau (2012) Portella (2013) Souza (2002) Santos (2009)

Palavras-chave: Carnaval, Campina Grande, Unidos da Liberdade, Resistência.

ABSTRACT

This work narrates the history of resistance of popular groups in the Campinas carnival through the memories of the Unidos da Liberdade Samba School and the neighborhood of the same name, where it is located. It highlights how the carnival festivities in Campina Grande underwent countless transformations from 1970-1994 and the popular, through a network of micro-powers, managed to become the protagonists of the festivities in the city. For that, the methodological path was divided into three stages: The first is an approach to the panorama of the celebrations of the Campinas elite and how the city is in an economic and social way during the years of the Civil-Military Dictatorship. The second deals more specifically with Unidos da Liberdade, its history in the Campinas Carnival and in the Liberdade neighborhood during the first fifteen years of the parade. The third moment is the analysis of the discourses and practices of resistance by the Samba Unidos da Liberdade school to participate in the Campinas Carnival. To build the analysis, newspapers, oral memory reports, photographs and documents from the Unidos da Liberdade Samba School were used. Among the main studies analyzed Luca (2005), Alberti (2010) Certeau (2012) Portella (2013) Souza (2002) Santos (2009)

Keywords: Carnival, Campina Grande, Unidos da Liberdade, Resistance.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Movimento fora do comum no comércio de Campina Grande.....	32
Figura 2 -O Rei Momo escolhido no Carnaval de 1985, do seu lado esquerdo a Rainha do Carnaval e do lado direito as duas Princesas.....	36
Figura 3- Populares participando do Carnaval no Clube dos caçadores em 1982.....	44
Figura 4- Francis no bairro da Liberdades antes do desfile.....	65
Figura 5 -Membros da Escola de Samba Unidos da Liberdade carnaval de 1984.....	74
Figura 6- Comemoração na SAB do Bairro da Liberdade.....	79
Figura 7- Pedido de autorização para participação no Carnaval de 1977.....	90
Figura 8- Licença Periódica.....	92
Figura 9- Alvará de Autorização para a participação de menores no carnaval de 1979....	93
Figura 10- Diretoria Escola de Samba Unidos da Liberdade 1982.....	95

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. CAPÍTULO I: “ENTRE FESTA E PRAIA”? O LAZER DA ELITE CAMPINENSE E SUA REINVENÇÃO.....	24
2.1 Campina Grande: Da capital do trabalho à Capital Cultural.....	24
2.2 Entre ruas e clubes: os festejos carnavalescos da elite campinense.....	27
2.1.1 A escolha do Rei Momo: Uma disputa de Peso.....	34
2.2.2 Prepara a serpentina, as fantasias e os confetes que as Matinês e Matinais irão começar.....	39
2.3 Moradores da elite “desterritorializados”	45
3. CAPÍTULO II: “O CARNAVAL EM RITMO DE SAMBA DA “LIBERDADE” A OUTROS BAIRROS POPULARES.....	49
3.1 Carnaval Popular um Lazer Permitido?.....	51
3.2 Revivendo Memórias, cheiros e sabores um pouco sobre o bairro da Liberdade.....	55
3.3 Abre Alas que a Unidos da Liberdade chegou para preencher o Carnaval Campinense.....	58
3.4 O Bacalhau na Vara é hora da despedida do Carnaval.....	77
4. CAPÍTULO III “DISCURSOS QUE SEPULTAM E PRÁTICAS QUE RESISTEM”.....	81
4.1 Campina Grande Militarizada: A vigilância e a Censura como sombra dos festejos Carnavalescos Populares.....	83
4.2 A tentativa de silenciamento dos Festejos carnavalescos através dos discursos de uma cidade esvaziada e um de um Carnaval sem atrativo para a economia da cidade..	99
4.3 A despedida do Carnaval.....	106
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
6. FONTES.....	115

7. LISTA DE DEPOENTES.....	116
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	118

1.0 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo a discussão sobre as práticas carnavalescas dos populares e sua história de resistência durante os anos de 1970 a 1994 através da história da Escola de Samba Unidos da Liberdade. O campo de abordagem está situado em uma análise cultural das práticas carnavalescas. Ressaltando que a História Cultural e a História Social estão intimamente interligadas durante todo o percurso, não havendo uma separação entre elas.

Ao entrar no curso de história no ano de 2012, eu era como uma borboleta no casulo: pouco entendia sobre o fazer história e o ser historiadora. Com o tempo e com os mestres amadureci e, agora fora do casulo, ensaio passos importantes como pesquisadora. Nesses períodos de aprendizagem muitos conteúdos passaram pelo meu convívio, porém, um de forma avassaladora despertou uma grande paixão.

Amor que surgiu no ano de 2014, justamente no ano em que a cidade de Campina Grande, a qual consiste em meu objeto de estudo, completava 150 anos de sua emancipação política. Nesse ano eu estava cursando na graduação a disciplina História de Campina Grande e o professor Luciano Mendonça² propôs como trabalho final um artigo sobre a história da cidade que, de preferência, fosse sobre temas que ainda não possuíam trabalhos produzidos, dessa maneira eu decidi escrever sobre o Carnaval da cidade. Ao ouvir relatos dos parentes e amigos que são moradores do bairro da Liberdade, enquanto historiadora em formação, eu me questionava por que o carnaval em Campina Grande não tinha incentivos e nem divulgação dos festejos por parte da mídia e dos poderes públicos, quando identifiquei que as pessoas narram suas memórias sobre grandes festas carnavalescas, como escolha do Rei Momo, Blocos e desfiles de escolas de Samba. Caminhando pelos lugares, reconhecendo as transformações, procurava repostas para questionamentos que insistiam em aparecer. Dessa forma, decidi investigar sobre as práticas carnavalescas dos campinenses ao mergulhar na história da cidade de Campina Grande através do meu trabalho de conclusão de curso.

² Professor Dr. Luciano Mendonça, atualmente docente da Universidade Federal de Campina Grande. Professor da Unidade acadêmica de história e do programa de pós-graduação em história.

Nesse caminho para a elaboração do trabalho, o professor Antônio Clarindo me estendeu a mão para orientar na pesquisa. Ajudando a delimitar o recorte temporal, auxiliando a não cair nas armadilhas que aparecem quando trabalhamos com a história oral e ajudando a me formar cada vez mais como uma historiadora.

Durante a pesquisa para o trabalho de conclusão de curso o primeiro tipo de fonte que trabalhei foi a História Oral. Como minha avó e meus tios participaram da escola de samba, encontrar os sujeitos que precisava entrevistar foi algo fácil e ao mesmo tempo um caminho com muitas descobertas e emoções. Os sujeitos que eu escolhi para entrevistar em sua maioria são participantes da Escola de Samba Unidos da Liberdade, homens e mulheres com idades entre cinquenta e oitenta anos. No primeiro momento, os entrevistados foram: José Alexandre ou mais conhecido como Zé Neto, fundador da Escola de Samba Unidos da Liberdade e diretor da Associação das Escolas de Samba e troças Carnavalescas. Francinete Alves (Francis), moradora do bairro da Liberdade e destaque da Escola de Samba. Raimundo Formiga, participante da escola como produtor de fantasias e destaque. E Maria de Lurdes, fundadora e costureira da escola, fechou o círculo de componentes da escola que foi possível entrevistar. Em sua casa, até 2010 funcionou a sede da escola, onde dona Lurdes guarda todo um acervo com nomes de participantes, fotografias, ofícios e cópias dos sambas-enredos da escola. As conversas com esses sujeitos revelaram várias faces do carnaval campinense, alegrias, emoções, saudosismo, angústia e revolta que foi possível identificar no olhar de cada um.

Mas, como pesquisadora, desejava mais. Precisava de uma ordem cronológica dos fatos, de fotografias e de entender como era essa Campina Grande nos anos de 1970 e 1980. Assim, o Jornal Diário da Borborema³ foi o segundo tipo de fonte a ser pesquisado. A todo tempo reiterando as armadilhas que as fontes podem nos colocar, pesquisei sobre os carnavais campinenses até o início da década de 1990, com isto o objeto a ser estudado foi se delineando. Desse modo, foi nas memórias dos meus parentes e personagens do bairro em que cresci e que remonto desde criança, de modo especial, nas conversas de domingo com a minha avó, antiga costureira da Escola de Samba Unidos da Liberdade, que encontrei no Carnaval um tema mais específico, pesquisando durante a graduação

³ O Jornal Diário da Borborema circulou na cidade de Campina Grande dos anos de 1957 até 2012. O seu acervo se encontra disponível para pesquisa na Universidade Estadual da Paraíba - Campus Campina Grande/PB.

sobre a história da Escola de Samba Unidos da Liberdade, o seu surgimento e sua relação com o bairro.

Porém, muitas lacunas ficaram para ser preenchidas e com a chegada da pós-graduação e da professora Keila Queiroz e Silva para fazer parte da construção desse trabalho, foi proposto um novo olhar para as práticas carnavalescas campinenses. Dessa maneira, o objetivo desse trabalho é investigar como os campinenses brincavam o carnaval no período entre 1970 e 1980 e como os populares resistem às práticas de tentativa de invisibilidade dos festejos na cidade de Campina Grande através das práticas carnavalescas dos membros da Escola de Samba Unidos da Liberdade. Para Michel de Certeau (1998) o homem ordinário inventa silenciosamente o cotidiano de mil maneiras que ele chama de artes de fazer, astúcias sutis, táticas de resistência que vão alterando objetos e códigos, estabelecendo uma (re) apropriação do uso ao jeito de cada um. Esses populares campinenses são esses sujeitos ordinários, que inventam as práticas carnavalescas de várias maneiras criando micro poderes e micro liberdades através de micro resistências, as quais abordarei nesse trabalho.

Para ajudar na discussão sobre o carnaval da cidade entrevistei mais três narradores, Valter Tavares, Eneída Agra Maracajá e Léa Amorim, que foram solícitos em abrir o guarda-roupa da memória e relatar como eles participam dos festejos, seja nas ruas ou nos clubes sociais da cidade. Esses três sujeitos fecharam o círculo de depoimentos para a construção desse trabalho.

Com essas sete pessoas compreendi o que Ecléa Bosi (2004) relata, em que narrar é também sofrer. Sofrer porque é impossível conter os sentimentos quando se escuta essas experiências, porque além de ouvir é necessário se tornar narradora. Com essa abertura de novas possibilidades com a história oral é preciso uma maior criticidade com as fontes, pois nesse tipo de fonte trabalha-se com a memória ao se deparar com essas identidades que são construídas através da negociação das memórias coletivas com as memórias individuais segundo Michael Pollak (1989).

Para a construção dessa pesquisa o entendimento da discussão sobre as memórias coletivas é fundamental para compreender como os grupos populares constroem as suas memórias. Essas memórias coletivas de acordo com Pollak (1989) tem sempre um grupo como referência que essa pessoa já fez parte ou faz parte, que estabeleceu uma comunidade de pensamento ou identificou-se e confundiu o seu passado. Essas

lembranças são estruturadas e hierarquizadas e ao definir o que é comum se diferencia dos outros e reforça um sentimento de pertencimento e fronteiras socioculturais.

Assim, através desses depoimentos muitos questionamentos surgiram principalmente sobre o que essas pessoas representavam para a história da cidade e como as suas memórias estão registradas na historiografia campinense. Com isto, a produção desse trabalho há de ter uma grande contribuição para a história dessas pessoas que não têm seus nomes e suas memórias estampadas na história dita oficial da cidade. Ao final desse trabalho será possível compreender o porquê desses festejos sofrerem tanto com as tentativas de silenciamentos e invisibilidade.

Destarte, a produção historiográfica sobre a cidade tem avançando muito com as modificações e novo modo de fazer história, nesse caminho muitos trabalhos serviram de aporte para compreender essa Campina Grande que se formava a partir da segunda metade do século XX, um exemplo dessa produção historiográfica é o texto de Damião de Lima (2012) que serviu para a compreensão das políticas implantadas durante a Ditadura Militar com todas as modificações administrativas influenciaram a economia e as suas festas.

Seguindo o mesmo caminho para entender essa cidade que se delineava na segunda metade do século XX, Keila Queiroz e Silva (1999) através das análises dos depoimentos e dos processos crimes apresenta como era a mentalidade predominante entre os discursos do povo campinense sobre normas e desejos entre os anos de 1950 a 1970, com ênfase no estudo de gênero e os modelos citadinos de masculinidade e feminilidade aceitáveis e inaceitáveis socialmente. Tal análise serve para compreender um pouco de como os campinenses enxergavam os sujeitos, que para eles durante os festejos transgrediam as normas impostas por essa sociedade campinense que se dizia moderna e ao mesmo tempo apresentava vários traços de uma sociedade conservadora e patriarcal. Para ajudar nessa compreensão dos lazeres e prazeres que eram permitidos e proibidos nessa Campina Grande, Antônio Clarindo Barbosa de Souza (2012) examina os locais frequentados por esses campinenses, sejam eles cabarés, cinemas, igrejas e como eram as festas, entre elas o Carnaval.

Continuando a discussão sobre as festas, Wagner Germiniano Santos (2008) analisa como em um curto período de tempo a cidade deixa de ser nomeada como “Capital do trabalho” e passa a ser reconhecida como “Capital cultural”, com propensão para o

turismo de eventos, a dissertação do referido autor proporciona uma melhor compreensão de como a cidade de Campina Grande passa a viver e organizar suas festas a partir da década de 1980. A pesquisadora Elizabeth Christina de Andrade Lima (2008), que trilha os caminhos para discutir a produção da festa junina no espaço urbano, completa o aporte para discussão de como os festejos carnavalescos e juninos se delinearam em Campina Grande a partir dos anos de 1980.

Em se tratando da pesquisa sobre o Carnaval, serão utilizadas as fontes orais, jornalísticas, considerando os lugares e não-lugares desses sujeitos e da fonte jornalística. Vale ressaltar que não existe uma hierarquia entre as fontes e não há uma busca por uma verdade absoluta, mas versões de uma história contada a partir das experiências dos grupos populares com as práticas carnavalescas.

O Carnaval é uma festa que tem sua historicidade e uma referência espaço-temporal e existem várias hipóteses para seu surgimento. Segundo Eneida Maracajá (1958), acredita-se que ele teve o seu nascimento nas festas alegres do paganismo como as de Ísis⁴ e do Boi Ápis⁵ entre os egípcios. De acordo com SEBE (1986), é possível que os Gregos tenham assimilado algumas tradições derivadas da cultura egípcia, práticas comuns a estes povos que foram assimilados por gregos e romanos com os bacanais, lupercais e saturnais⁶. O que é comum quando se fala sobre carnaval é que essa festa consiste no momento da fartura em relação a bebida e a comida e a liberação de atitudes que durante os outros períodos do ano eram reprimidas, como ocorria na Roma antiga quando os romanos colocavam em frente as suas casas mesas e todos sem distinção

⁴ Conta a lenda que, para o renascimento da natureza Isis tornava-se mais provocante e sedutora. Osíris, seu parceiro conquistado, teria o direito de gozar, temporariamente, todos os prazeres presumíveis. Depois de saciado no mais íntimo de seus desejos, Isis sacrificaria seu amante para que cessasse a turbulência dos dias de prazer. Todos os anos a mesma história deveria se repetir, segundo o ritmo da natureza. Em homenagem a Isis os homens se reuniam para render graças à vida, essa cerimônia ocorria sempre no período dos plantios ou das colheitas abrindo uma nova era do ciclo anual. Durante a celebração os mortais deveriam dançar, brincar e festejar para que as sementes crescessem e os frutos fossem bons.

⁵ Era o mais venerado e mais celebre dos animais sagrados do antigo Egito. Enterros cerimoniais de touros indicam que o sacrifício ritual era parte do culto das divindades e um touro poderia representar um rei que se tornou uma divindade após a morte.

⁶ Eram festas que implicavam a existência de rituais libertadores das atitudes reprimidas e abrigavam a extroversão, a permisividade, prevalecendo o tempo do dos “vícios”. As lupercais eram festas realizadas pelos romanos no fim de ano e acreditava-se que a cerimônia servia para espantar os maus espíritos e purificar a cidade, assim como para liberar saúde e a fertilidade. As saturnais eram festas em homenagem ao Deus Saturno com sacrifício no templo de saturno e baquetes públicos, derrubava as normas sociais romanas e possuía uma atmosfera carnavalesca. As bacanais eram festas romanas em homenagem ao deus Baco, deus do vinho havia um ritual sério e contrito e depois era seguido por comemorações públicas e festivas.

poderiam comer. O comércio e as repartições públicas fechavam e muitas vezes sátiras e libertinagens eram permitidas.

Com a Idade Média, de acordo com Mikhail Bakhtin (1987) e a forte influência da Igreja Católica, os festejos passaram a ser tolerados e institucionalizados, porém, houve algumas mudanças em seu significado. Para SEBE (1986), o carnaval para os povos da antiguidade representava a celebração da alegria e com a transformação ritualística do cristianismo esses festejos passam a celebrar a morte de um rei que vinha para reinar por pouco tempo e depois era morto. Esse reino morto daria início ao período da Quaresma e durante os cinco dias de festejos os cristãos poderiam liberar os seus instintos para, posteriormente, viver o período da penitência, jejum e reflexão para aguardar a celebração da Páscoa.

Portanto, durante o período medieval continuaram as danças e os disfarces que conjuntamente com seus atos e ritos cômicos, segundo Bakhtin (1987), tinham uma representação importante no cotidiano do homem medieval com atos e procissões que eram acompanhados por multidões. O período medieval tem uma função importante para compreender os tipos de festejos que influenciaram a formação do Carnaval brasileiro.

Para Bakhtin (1987), é durante o período medieval que surgem os bailes de máscara na sociedade francesa. Neste momento, o Carnaval serve de ponte para fazer críticas ao regime vigente, satirizando políticos e a hierarquia social. O que Bakhtin (1987) apresenta é que o Carnaval está muito relacionado a um espetáculo teatral e para ele não há fronteira entre atores e espectadores, porque não se assiste o carnaval, se vive, sendo uma festa existente para todos os povos.

É com essas características da encenação da vida que os festejos se espalham pela Europa e por suas colônias. No Brasil, segundo SEBE (1986), o Carnaval possui várias origens entre as quais o autor enumera quatro: “europeizado”; “africanizado” ou negro; “indigenizado” e urbanizado carioca. Todas essas influências serviram para influir as características dos festejos brasileiros, que juntas formaram características únicas e uma simbologia singular na história do país.

Os portugueses, de acordo com SEBE (1986), tiveram influências do carnaval italiano, com as práticas do entrudo⁷ e dos bailes de máscaras que foram bem aceitos nas

⁷ O entrudo era uma prática de rua, a céu aberto. Os participantes, sempre em grupos, entravam em confrontos, algumas vezes animados por simples vontade de brincar; outras, contudo agressivamente com

colônias lusitanas. Porém, essas duas práticas servem para marcar um ponto importante da festa brasileira: os salões ficaram para a elite e a rua para o grande público pobre. Com a chegada dos negros escravos ao Brasil, estes sujeitos necessitavam reorganizar suas vidas, obedecendo as tendências dos grupos negros e os modelos da sociedade patriarcal colonizadora. No entanto, os batuques e danças escravas se diferenciavam muito da cultura branca. Os negros celebravam três tipos de festejos. As festas de “Rei congo”, celebradas no mês de maio e coincidia com a festa de Nossa Senhora do Rosário. As práticas para celebração desses festejos consistiam em eleger o Rei congo e depois havia a coroação e festa com bebidas e danças. É possível que esse tipo de festejo tenha influenciado o surgimento das escolas de samba com a escolha do mestre-sala e porta-bandeira.

Outro tipo de festa era o Rancho ou reisado, formada por um grupo de pessoas que supostamente se dirigiam a Belém para visitar o menino Jesus, no caminho paravam nas casas das famílias, comiam e bebiam e depois seguiam viagem. Com um continente fortemente marcado pela cultura indígena, nossos modelos carnavalescos também sofreram influências que permanecem até hoje, a exemplo dos “blocos de índios”, vestidos com adereços indígenas que se apresentam no Carnaval de Campina Grande.

Depois de abordar sobre essas possíveis raízes do Carnaval brasileiro, é necessário compreender que no Brasil não existe apenas um modelo de festa a ser seguido, cada região do país possui formas de festejar e características próprias. Segundo SEBE (1986), alguns estudiosos colocam o modelo Carnavalesco do Rio de Janeiro como o berço das definições das festas momescas. Dessa maneira, sendo ou não o Rio de Janeiro o berço das origens carnavalescas. Segundo, Roberto Da Matta (1997) o Carnaval demonstra o próprio espelho social e ideológico, projetando múltiplas imagens de si própria, engendra-se como uma medusa na sua luta e dilema entre o permanecer e o mudar. É a inversão da ordem, permanência e continuidade. Ele também está de acordo com a visão de encontro entre classes distintas da sociedade durante os eventos festivos. Porém, é necessário analisar essa ideia do encontro entre classes distintas, como ele se dá, se ele é feito de uma forma passiva ou se o carnaval é um espaço de demarcação de territórios.

revide. A cada “ataque” deveria corresponder uma resposta, chegando sempre o “jogo” a consequências sérias. Os produtos utilizados variavam muito. No caso de líquidos, ia desde perfume, “caldos coloridos”, conhecidos como “sangue de diabo”, até urina. Em regra, tais líquidos eram acondicionados nas chamadas “frutas do entrudo” ou simplesmente “limões” ou “laranjinhas”. Os pós variavam desde farinha do reino (trigo), rapé, areia, até o aromático pó-de-arroz ou pó-da-china.

Para a construção dessa dissertação foram utilizados quatro tipos de fontes ressaltando primeiramente que não existe uma hierarquia entre elas, todas apresentam a mesma importância na construção da narrativa da dissertação, elas dialogam entre si e se completam. As fontes sozinhas não bastam é necessário a problemática histórica para fazer a análise das fontes. Os Jornais Diário da Borborema com suas reportagens de 1970-1994; os relatos orais de memórias; as fotografias provenientes de arquivos pessoais e os documentos da Escola de Samba Unidos da Liberdade; são operacionalizados através da metodologia histórica para ajudar na compreensão da história das práticas carnavalescas dos populares no período delimitado.

As fotografias são fontes provenientes principalmente de arquivos pessoais de alguns narradores, que foram disponibilizadas durante o período da pesquisa. Não é possível usar todas que foram disponibilizadas por questões metodológicas e alguns problemas com a resolução. De acordo com Lima e Carvalho (2009) as fotografias são uma invenção burguesa que se popularizou entre os séculos XIX e XX e se popularizou como fonte histórica com o advento da Escola dos Annales.

A fotografia possibilitou um amplo campo de usos principalmente quando se popularizou, com ela é possível o registro de informações, uma melhor democratização da percepção do mundo. Com a fotografia o historiador tem a possibilidade de entender sobre a formação familiar no caso das fotografias de família, na compreensão das festas como ocorre com as fotografias disponibilizadas pelos narradores. Porém, para trabalhar com esse tipo de fonte são necessários vários cuidados. O cuidado em não deslocar a fotografia do seu contexto de produção circulação e consumo e não utilizá-las apenas como uma ilustração, mas como um documento complementar.

As fotografias provenientes de arquivos pessoais possuem especificidades que as tornam insubstituíveis. No caso das que serão utilizadas na dissertação, principalmente no segundo capítulo servem para uma melhor compreensão das práticas carnavalescas dos populares e de como eles usam o bairro e de como o bairro da Liberdade estava no período estudado.

Além disso, as fotografias possuem capacidade de fornecer informações que outras fontes, não capazes de fornecer, não tiveram interesse, nem era sua função ou objetivo descrever. Além do mais as imagens constituem um discurso que visa a comunicação, elas servem como marcador social com capacidade de construção de

identidades individuais e em grupos. Ademais as fotografias possibilitam a análise das funções afetivas como ocorre com os membros da escola de samba Unidos da Liberdade.

No decorrer da pesquisa para a produção da dissertação o caminho foi desviado por o surgimento de uma nova fonte, o que Bauer e Gertz (2009) chamam de “ Fontes Sensíveis da História Recente”, os arquivos de Regimes Repressivos. A madrinha da Escola de Samba Unidos da Liberdade, cedeu uma pasta com vários documentos oficiais, samba - enredos, recibos de pagamentos e compras, alvarás de funcionamento da agremiação, lista com o nome de todos os componentes, licença para o desfile de menores. Todos estes documentos com data a partir do ano de 1977, mas o que havia de diferencial nesses documentos? Primeiramente, o diferencial é que os documentos até o ano de 1982 possuem carimbos com autorização da Polícia Federal.

De acordo com Bauer e Gertz (2009) a Ditadura Civil- Militar brasileira de 1964 agiu de duas formas. A primeira através de atividades burocráticas seguindo cadeias hierárquicas, dividindo a responsabilidade entre as diferentes instituições. A segunda forma de atuação foi através de ações clandestinas. Os documentos da escola de samba são provenientes da cultura burocrática do cumprimento de ordens que serviam para a vigilância dos grupos carnavalescos.

O trabalho com esse tipo de fonte apresenta uma grande problemática, porque os protagonistas dos documentos ainda estão vivos e os resquícios das práticas de atuação da Ditadura muitas vezes não desejavam serem lembradas por pessoas que foram atuantes no Regime. Além disso, como os grupos populares possuem uma história longa de resistência alguns temas são de difícil investigação e também percepção, porém seguindo as orientações dos autores Bauer e Gertz (2009) tentei abordá-los e analisá-los de acordo com a metodologia das fontes sensíveis da história recente.

Dentro de uma perspectiva da história cultural, ao valorizar a experiência humana na dinâmica cultural da sociedade, a história oral se mostra útil na história como um momento de compartilhamento e escuta da memória. Este uso das fontes orais não é novo: ouvir atores e testemunhas de acontecimentos já era uma estratégia utilizada por Heródoto, Tucídides e Políbio, na Antiguidade, como forma de melhor compreender os eventos de sua época. Todavia, o aumento da utilização dessa fonte bem como o seu reconhecimento só se mostrou possível após a transformação do pensamento de que haveria apenas uma verdade e uma única História, para a noção de reconhecer a existência

de múltiplas histórias, memórias e identidades, levando à desmistificação do pensamento positivista predominante no século XIX que exaltava o legítimo documento escrito como a única forma de registro histórico. Como posteriormente circulou, agora qualquer registro histórico seja ele oral, escrito, pictórico é considerado uma fonte histórica, não havendo diferenciação em ser “mais aceito” ou “menos aceito”, sem hierarquização das fontes, todas elas são válidas para contribuir à análise e ao estudo da história. Consequentemente, ao se trabalhar com os relatos dos sujeitos através da oralidade, estamos lidando diretamente com a noção de memória.

A memória é essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela [a memória] é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência – isto é, de identidade (ALBERTI, 2010, p. 167).

Tal concepção remete à ideia de que o sujeito, através de sua memória seletiva, possui a noção de identificação e pertencimento ao evento e/ou momento histórico que presenciou. Isto é fundamental para a construção do indivíduo naquele meio e pelo seu reconhecimento próprio naquela sociedade. Fato que ocorre com os narradores, moradores dessa Campina Grande tão plural, cheia de inovações e de diferenças sociais que se apresenta a cada ano estudado. Cada narrador vive e narra a experiência carnavalesca de forma diferente o que serviu para trazer várias inovações na construção da narrativa sobre as festas carnavalescas e sua história de resistência.

Do ponto de vista metodológico trabalhei com a ideia de que a História Oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fonte e que amplia a possibilidade de interpretação do passado. Não é a história pronta, ela necessita ser analisada e questionada. E muitas vezes durante a construção da narrativa foi necessário a consulta de outras fontes para a compreensão dos eventos históricos que muitas vezes eram confundidos pelos narradores. Por isso é fundamental a compreensão que todas as fontes dialogam entre si.

O equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é “História” e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise. Em nome do próprio pluralismo, não se pode querer que uma única entrevista ou um grupo de entrevistas deem conta de forma definitiva e completa do que aconteceu no passado (LUCA, 2008, p. 158).

Partindo dessa ideia de que todas as fontes necessitam ser analisadas e questionadas, trabalhei também com os jornais. A memória é seletiva e, portanto, muitas vezes foi necessário consultar os jornais para conseguir uma ordem cronológica dos eventos. Porém, não podemos esquecer que os jornais não foram produzidos para posteriormente servir como documento para construir a história: eles também, assim como a memória, estão cercados de seleção e interesses.

Depois de reiterar as armadilhas reservadas pela imprensa – “corremos o grande risco de ir buscar num periódico precisamente aquilo que queremos confirmar, o que em geral acontece quando desvinculamos uma palavra, uma linha ou um texto inteiro de uma realidade (ALBERTI, 2008, p. 117).

No terceiro capítulo, o Jornal Diário da Borborema se apresentara como um grande produtor de discurso que ora tenta sepultar o carnaval campinense popular e ora funciona como propagador das práticas carnavalescas dos populares, dessa maneira a análise desses discursos serviram mais uma vez para mostrar que é necessário muito cuidado ao manusear esse tipo de fonte histórica.

O carnaval da cidade de Campina Grande se insere a partir da compreensão dessas raízes sobre as origens carnavalescas. Os campinenses nas décadas de 1970 e 1980 participavam dos festejos nas ruas e nos clubes sociais com influências dos festejos pernambucanos e cariocas. Com a compreensão dessas influências o presente trabalho estará dividido em três momentos: no primeiro capítulo, será feita a análise das festas carnavalescas das elites, como estava a cidade de Campina Grande na segunda metade do século XX com a política administrativa do governo militar; no segundo capítulo, entrarão em cena os populares, as suas práticas carnavalescas com a escola de samba Unidos da Liberdade e suas relações com o bairro e como esses populares passam a “dominar” o espaço das ruas centrais que antes eram destinados a elite campinense; depois de analisar as práticas das elites e dos populares, no terceiro capítulo é o momento de discutir sobre os discursos que tentam sepultar o carnaval campinense e compreender como os populares resistem às inúmeras tentativas de invisibilidade e silenciamento, tendo como atores desse processo de resistência os membros da Escola de Samba Unidos da Liberdade.

CAPÍTULO I: ENTRE FESTA E PRAIA? O LAZER DA ELITE CAMPINENSE E SUA REIVENÇÃO.

2.1 Campina Grande: Da capital do trabalho à Capital Cultural

A Campina Grande que se apresenta aos olhos do homem do século XXI com grandes bairros, ruas largas, um grande comércio, um considerável número de escolas, faculdade e Universidades é bem diferente daquela encontrada na segunda metade do século XX. A cidade que se localiza a cento e vinte quilômetros da capital João Pessoa, tem sua história iniciada nos finais do século XVII, mais precisamente em 1687 quando Teodósio de Oliveira Ledo que era um apresador de índios, de posse de alguns gentios, decide em vez de seguir viagem para Capital da província, aldeá-los em uma grande Campina no topo da Serra da Borborema; no ano seguinte inicia-se o processo de catequização desses indígenas e, conseqüentemente o aumento populacional e de trocas comerciais.

A cidade em meados do século XVIII possuía uma localização privilegiada e servia de entreposto comercial entre o litoral e o Sertão. Com isso, em 1769, ela alcança a categoria de Vila. Com o passar do tempo essas trocas comerciais e feiras se formam. Segundo Lima (2012), as feiras em algumas cidades do nordeste, são o principal fator de dinamização econômica, além de espaço de discussão política e elemento difusor de ideias e ideologias. Dessa maneira, com o surgimento dessas feiras e aumento da circulação de pessoas, Campina Grande, de acordo com a Lei provincial 137 de 11/10/1864 é elevada à categoria de cidade.

Porém, até os primeiros anos do século XX, a cidade se apresentava aos olhos dos cronistas, como um espaço simples, nos costumes e nas habitações dos seus moradores, em suas festas, nas suas danças, nas suas músicas. Além da simplicidade que caracterizava a cidade, predominavam as propriedades rurais e uma grande devoção religiosa ao catolicismo. Com a chegada dos signos da modernidade, como o trem (1907), a energia elétrica (1921), os ares da cidade passam a ser outros. A partir dos primeiros anos de século XX, Campina Grande começa a receber um grande contingente populacional, principalmente por conta do *boom* algodoeiro, e para a produção historiográfica as décadas de 30, 40 e 50 passam a ser o período áureo da cidade, com um

maior desenvolvimento da mentalidade burguesa, do comércio, de atrações culturais, como Teatros e Cabarés.

Além de todo esse desenvolvimento Cultural é nesse período do início da década de 1940 que Campina Grande começa a ultrapassar a Capital João Pessoa, em termos populacionais e arrecadação econômica, como afirma o historiador Antônio Clarindo Barbosa de Souza sobre a década de 50:

Campina se destacava no cenário regional por ser o centro mais populoso do Estado da Paraíba e um dos maiores do Nordeste. E apesar de já haver passado o período áureo da produção algodoeira, que foi durante muito tempo o carro chefe de seu desenvolvimento econômico, a cidade ainda rendeu aos cofres públicos no final da década de 50 (mais precisamente em 1956) a receita de Cr\$ 48.806.935,00, o que era arrecadação maior até do que a da Capital do Estado, João Pessoa.

Além disso, Campina Grande dispunha de importante mercado, com escoamento rápido para todas as capitais e cidades do Nordeste através de uma vasta rede ferro-rodoviária, o que facilitava sobremaneira o fluxo de pessoas e mercadorias. (SOUZA 2002, p.41)

É com essas características que Campina Grande chega aos finais dos anos 1950, com um grande crescimento populacional e ultrapassa a arrecadação da capital João Pessoa, por sua localização privilegiada à cidade além da sua população fixa, atraía uma população flutuante que servia para escoar uma grande parte das mercadorias do seu comércio atacadista e varejista. Além do desenvolvimento econômico as alianças políticas entre membros do governo do Estado e da Prefeitura permitiam que nesse momento os olhos do desenvolvimento se voltassem para a cidade de Campina Grande, que nesse período se apresentava como a vitrine de todo o Estado.

Entretanto, no início da década de 1960 o cenário do processo de industrialização que surgiu no governo de Getúlio Vargas e perpassou pelo de Juscelino Kubistchek, começa a se modificar na cidade de Campina Grande mudou, com o agravamento das secas e a implantação da Ditadura Militar, assim, um novo modelo de economia imposto pelos militares passa a entrar em vigor. A política centralizadora⁸ entra em cena, juntamente com o controle total das instituições democráticas. Nos primeiros anos desse modelo o crescimento econômico é notório, porém, depois, as crises e os arrochos entram em vigor e os mais afetados foram as camadas populares. Esse cenário influi diretamente

⁸ Sobre mais detalhe sobre essa política centralizadora e como ela se desenvolve no município de Campina Grande, ver: LIMA, Damião de. **Campina Grande sob intervenção: A ditadura de 1964 e o fim do Sonho regional/ desenvolvimentista**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

na política econômica de Campina Grande, que chega a década de 1970 com um cenário bastante diferente daqueles dos últimos anos da primeira metade do século XX:

A imagem da cidade moderna, desenvolvida, progressista, industrializada e, portanto, grandiosa havia se deteriorado sensivelmente e perdido grande parte de seu sentido. Àquela altura, meados da década de 1970, Campina Grande, apesar de ter se tornado também um centro de atração de estudantes e produção de conhecimento, à medida que dispunha de duas universidades públicas, não materializava mais, nem possibilitava a atualização do discurso que a instituíra como “Capital do Trabalho” e muito menos a reprodução e a articulação, por qualquer estratégia, do enunciado “Campina GRANDE”. Muito embora, alguns discursos ainda tentassem pintá-la desta forma, o que não passava de mais uma tentativa de rechaçar aquelas mudanças. (SANTOS, 2008, p. 60)

Em menos de vinte anos a cidade que era eleita para os seus habitantes como a capital do trabalho, pouco a pouco perde o seu espaço para a capital João Pessoa. Os jornais *Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba* construíram um discurso de uma Campina Grande em crise. Essa narrativa de crise, vai afetar diretamente os festejos carnavalescos e principalmente da elite campinense, que em um processo lento começa a deixar a cidade no período carnavalesco para ir principalmente para a Capital do Estado, discussão que será aprofundada no último tópico desse capítulo.

Porém, mesmo com esses problemas no setor industrial, a cidade ganhava incentivos do governo Federal na questão educacional, os políticos da cidade ajudaram a convencer o governo que Campina Grande possuía uma posição estratégica privilegiada para a instalação de um pólo para produção de mão-de-obra especializada, com nível superior. De acordo com Lima (2012), durante os anos de 60 e 70, apesar da frustração do projeto de industrialização, a política educacional foi mantida e mesmo a cidade enfrentando forte recessão econômica foi se constituindo em importante centro universitário.

A cidade de Campina Grande chega na década de 1980 com um cenário bem complicado, com o crescimento populacional descontrolado, surgem inúmeros problemas como a falta de moradia, desemprego e favelização, em que essa população não conseguia ser atendida sequer em suas necessidades básicas. Esse panorama influenciou diretamente nas festas e no caso do carnaval, são esses sujeitos pobres e estigmatizados que entraram em cena com as escolas de samba e demais agremiações no período carnavalesco. Desse modo a elite campinense que antes era detentora do “brilhantismo” na produção das festas carnavalescas começa a ver seu espaço sendo destinado aos populares.

Com a eleição de Ronaldo Cunha em 1983, as elites clamavam por uma posição dos seus representantes porque cada vez mais elas perdiam o seu espaço e as atividades econômicas caminhavam com dificuldades. Então é no governo de Ronaldo que começa com maior ênfase a produção de discursos que colocam Campina Grande como Capital Cultural, com uma perspectiva voltada principalmente para o Turismo de Eventos. Essa ideia de transformar as festas campinenses em atração turística influenciará diretamente as práticas carnavalescas dos campinenses. Assim, nesse capítulo será discutido como as elites campinenses brincavam o seu Carnaval, primeiramente ficando na cidade, saindo das ruas para os clubes sociais e, posteriormente viajando para outras cidades.

2.2 Entre ruas e clubes: os festejos carnavalescos da elite campinense

Os festejos carnavalescos na cidade de Campina Grande começaram a surgir no início do século XX, quando alguns foliões brincavam nas ruas do centro da cidade. Naquele período, Campina era uma cidade com número de habitantes reduzido, a concentração populacional se dava apenas em algumas ruas do centro da cidade. Estes habitantes eram pessoas de uma suposta elite que se reuniam e faziam o seu carnaval. A produção historiográfica dita oficial da cidade, privilegia o nome de alguns homens que faziam a animação no período carnavalesco. Entre eles se destaca o folião Neco Belo, um dos responsáveis pelo clube dos Caiadores.⁹ Então, por muito tempo a história dos carnavais será contada com um certo saudosismo, com a lembrança dos carnavais passados, como mostra a citação do anuário de Campina Grande, do ano de 1982:

Com efeito naquela época a população maravilhava-se com os prestígios alegóricos dos clubes Caiadores, Vassourinhas, Maracatus, Bumba-meu-boi e Caboclinhos; vibravam com os ranchos e cordões do “Ipiranga” e do Galo, para não falar das “laranjinhas” (limas de cheiro) com as quais os foliões se guerreavam numa brincadeira sadia e inocente. (Anuário de 1982)

Estes festejos, no início do século XX, eram marcados pelas batalhas de confetes e serpentinas e pela prática do Entrudo e alguns blocos, costumes que vinham desde o período do império. Naquele primeiro momento, o Carnaval campinense se resumia a festejar em pequenos grupos e em um local específico. Com o passar do tempo e com as inúmeras influências que os festejos brasileiros sofreram, novas práticas carnavalescas também surgiram e Campina Grande, como uma cidade que vivia tempos de trocas econômicas e culturais, sofre diretamente com as transformações. Dessa forma, neste

⁹ No início do século XX esses blocos não se chamam blocos e sim clubes, posteriormente é que ocorre a mudança. Esses clubes saíam de casa em casa brincando a pé ou em carros alegóricos brincando o Carnaval.

capítulo será analisado como a elite festejava o seu carnaval a partir da segunda metade do século XX. Algumas vezes, será necessário situar as práticas carnavalescas da elite e dos populares, discutindo a divergência e os encontros desses dois grupos durante o período carnavalesco.

Nos primeiros anos dos festejos carnavalescos, os foliões brincavam o seu Carnaval principalmente na rua Maciel Pinheiro. A preparação consistia em ornamentar os sobrados, confeccionar as fantasias e organizar as comidas e as bebidas nas varandas dos sobrados. Neste momento, a cidade possuía um número reduzido de habitantes e algumas pessoas que no período carnavalesco destinavam-se à Rua Maciel Pinheiro, eram apenas espectadores do Carnaval. Em tal caso, o carnaval nesse período sofria uma influência dos festejos de Pernambuco com marchinhas de frevo e fantasias, como narra Léa Amorim:

O carnaval resumia-se à Maciel Pinheiro do começo da rua que era a Prefeitura Municipal até o fim da rua que hoje é um prédio chamado Ramos, né? Fazia a volta pela Marquês do Herval e voltava para a Maciel Pinheiro e isso o povo a pé brincava só na rua mas havia o Corso. O povo, os rapazes das sociedades entravam em bloco, sabe? Agora inventava as fantasias é, botavam os paletós velhos, umas gravatas, uns bonés, o meu marido mesmo que brincava, eu não brincava. Nesse tempo meu marido era mais velho do que eu claro, ele se fantasiou, você vai ver, ele fantasiado de aleijado, sabe? Se fantasiava de toda qualidade e ia, as moças sempre eram calça comprida e uma blusa que chamasse a atenção na rua. Então esse carnaval na Maciel Pinheiro era animadíssimo, as varandas dos sobrados ficavam cheias, nas calçadas de um lado e de outro era cheio de gente que queria ver, sabe? A banda tocar e tinha também a rainha do carnaval, sabe?¹⁰

Este Carnaval que a narradora apresenta é típico da elite campinense. Para essa população, a rua Maciel Pinheiro era o local onde eles brincavam os seus festejos e demarcavam o seu território. Havia divisões de gênero e classe, como é possível perceber na fala da narradora. Os homens possuíam a liberdade de usar as fantasias que quisessem e participar dos festejos nas ruas e nos clubes. Já as mulheres, só podiam participar dos carnavais nos clubes sociais depois que fizessem quinze anos e mesmo assim deveriam frequentar esses espaços acompanhadas de uma pessoa mais velha, como um irmão, um primo ou até mesmo os pais. O que denotava o conservadorismo e a força da sociedade patriarcal.

As transformações nos festejos começaram a aparecer com maior ênfase a partir da década de 1950, motivadas por diversos fatores e entre eles o aumento populacional

¹⁰ Trecho da Entrevista de Léa Amorim, concedida a autora em 04 de julho de 2018.

na cidade, surgimento de vários bairros e com isso os habitantes desses bairros se deslocavam de seus espaços para participar do Carnaval no centro da cidade.

As ruas foram sendo aos poucos deixadas à disposição dos populares. Desde a década de 50, os desfiles passaram a ser organizados pela Federação Carnavalesca que lhe deu ares de lazer organizado, planejado, normatizado e politicamente aceitável (SOUZA, 2015, p.48)

A década de 50, para Souza, é colocada como um marco em que o carnaval começa a tomar uma proporção maior em relação ao número de participantes e agora necessita ser organizado. Para isso se dá a criação da Federação Carnavalesca com o objetivo de organizar o Carnaval da cidade, instituição essa que estará sempre presente nos festejos até o início da década de 80, quando começa a surgir a tentativa de transformar o Carnaval em uma festa turística e depois o surgimento com maior ênfase dos discursos para anunciar uma suposta morte do carnaval campinense. É a Federação que vai ser responsável pela distribuição da verba para as agremiações e pela organização da estrutura da festa.

Com a chegada desses populares ao centro da cidade, os festejos carnavalescos começam a passar por um processo forte de mudança que vão se suceder pelas décadas seguintes. Aqui chegamos ao ponto chave do capítulo: a partir desse momento, passam a existir dois tipos de Carnavais em Campina Grande. O primeiro é na rua, com blocos, corsos e uma tímida prática do entrudo e, posteriormente, na década de 60 com a institucionalização das escolas de Samba.

Acreditamos que em um primeiro momento, as elites ocuparam realmente um lugar de destaque nas ruas campinenses, mas com o passar dos anos, com o aumento da população e com as pressões populares por mais espaços divisionais, os mais abastados passaram a ter como opção mais “segura” brincar em seus clubes privados. (SOUZA, 2015, p.48)

Estas elites começaram a ver o espaço da rua que elas brincavam e organizavam os seus festejos sendo penetrado por populares. Populares que para algumas pessoas não representavam uma boa imagem. Eram pessoas de condição financeira baixa ou média, não usavam trajes adequados ou, para a elite, não possuíam modos e práticas semelhantes a eles. Dessa maneira, o Carnaval construído como a festa que marca a identidade nacional também demarca territórios, preconceitos, imposição de regras, jogos de poder e criação de vários discursos.

Os festejos carnavalescos eram vistos pelas elites locais como o momento e o lugar mais oportuno para marcarem as diferenças sociais, tanto no que diz respeito ao uso dos espaços, como na apresentação de suas práticas diversionais, dos demais segmentos que compunham a sociedade local. Ou

seja, estas elites, até então tinham como uma festa produzida por ela e para elas. Assim, naquele período os festejos carnavalescos se apresentavam, para as mesmas, como mais uma oportunidade de reafirmarem e atualizarem o seu *status* econômico, social e político e por conseguinte apresentarem, alegre e festivamente, a cidade que julgavam ter construído unicamente para o seu uso. Nos discursos veiculados a época, o carnaval era para ser uma festa reservada quase exclusivamente as elites locais, ficando aos demais segmentos da “sociedade campinense” reservado, no máximo, o papel de público espectador dos arroubos daquela. (SANTOS 2008)

Estas pessoas que antes eram apenas espectadoras dos festejos, a partir da década de 1960, passam a ser atuantes na produção dos seus festejos por vários motivos. Como citado anteriormente, o aumento populacional, fenômeno que ocorre em todo o Brasil, principalmente por causa do êxodo rural e aumento da industrialização do país, acelerou o crescimento e surgimento de vários bairros na cidade e a chegada de mão-de-obra, bem como eleitores. É neste momento que um verdadeiro jogo de poder começa a se formar. De um lado, uma elite que começa a se enclausurar nos clubes mais abastados da Cidade e por uma parte condena e/ou participa das práticas desses populares nas ruas, e do outro lado uma elite política que vai utilizar essa justificativa de organizar os festejos para ter uma massa de manobra política.

É preciso compreender que essa cidade que antes “pertencia” a um grupo passa a ser direito de vários e cada grupo vai usá-la de forma diferente. Isso é o que constrói a dinâmica da cidade, essa luta constante de determinados grupos por um espaço, seja ele no plano físico ou em um plano imaginário.

“Mas, a cidade na sua compreensão, é também sociabilidades, ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” Como mostra Pesavento, essa dinâmica é própria do espaço urbano e no Carnaval, em Campina Grande, fica bastante nítida. Porém, as elites serão responsáveis por fazer dois movimentos nesses festejos: o primeiro é brincar o Carnaval nos clubes sociais, praticando a interação com os seus “iguais” em oposição àqueles que estão nas ruas e a partir do final da década de 1970 começam a viajar para brincar o Carnaval em outros lugares, principalmente no litoral do Estado.

No período escolhido para estudo, o carnaval da cidade está dividido entre aqueles que brincam nas ruas, sejam elas do centro e dos bairros, e o Carnaval de clubes. É importante ressaltar que esses foliões brincavam tanto nos clubes e/ou na rua. Assim, vamos discutir sobre o carnaval que a elite brincava nos clubes e nas ruas.

Após as festas de final de ano, a cidade começava a respirar os ares carnavalescos. Um mês antes dos dias do tríduo momesco, os jornalistas noticiavam como andavam os preparativos, os clubes anunciavam as suas programações nos jornais da cidade e as escolas de samba e troças carnavalescas ensaiavam nas ruas de seus bairros. O comércio também se preparava com a venda de fantasias, tecidos e adereços. E como sempre ocorria no Carnaval da Cidade, começava a briga pela distribuição de verbas entre o Estado e a Prefeitura.

Os jornais da cidade eram responsáveis por publicar como estava a preparação para os festejos, e na reportagem do ano de 1982 eles mostraram que apenas nas vésperas dos festejos foi que o comércio começou a ter uma maior movimentação. É preciso entender que o Brasil, como foi citado anteriormente, passava por um momento de crise com o fim da Ditadura Militar e mudanças nas políticas de distribuição de verbas dos municípios, afetando diretamente a cidade de Campina Grande. Porém, mesmo em meio a esse cenário de crise, o campinense se preparava para o carnaval sendo na véspera ou não, como mostra a reportagem seguinte do jornal *Diário da Borborema*.

Figura 1 Movimento fora do comum no comércio de Campina Grande



Fonte 2 Jornal Diário da Borborema ano de 1982

Enquanto isso, nos clubes, os associados investiam em ornamentações e no contrato de orquestras de Frevo para a animação dos seus bailes. E noticiavam nos dois principais jornais da Cidade, o *Jornal Diário da Borborema* e *Jornal da Paraíba*.¹¹ Além de anunciar sua programação, também publicavam sobre normas para se brincar o Carnaval naqueles espaços. Os sócios que participavam das matinês e matinais preparavam suas fantasias e esperavam ansiosamente para celebrar o tríduo momesco. Então, para organizar essa festa havia órgãos e entidades responsáveis, como mostra o entrevistado Valter Tavares na citação seguinte:

Olhe, na década de 70, o poder público, a Prefeitura Municipal, do jeito que organiza o maior São João do Mundo organizava o carnaval naquela época. Tinha inclusive a Federação Carnavalesca de Campina Grande, a Associação Carnavalesca de Campina Grande, tinha vários órgãos que cuidavam especificamente do carnaval de rua. E nos clubes, o carnaval era organizado pelas diretorias dos clubes e pelos associados.¹²

Por mais que os clubes e os órgãos do Município e do Estado tentassem organizar, disciplinar e normatizar os festejos ou até mesmo criar um discurso de sua suposta decadência, os verdadeiros organizadores e responsáveis por levar a folia era o povo. “Mas eu acho que a grande organização do carnaval de Campina Grande sempre foi a manifestação espontânea do povo nos seus blocos, nas suas agremiações carnavalescas¹³”. Organização essa que o povo era o principal responsável, seja organizando as suas batalhas de confetes e serpentinas ou concurso de fantasias nos clubes ou nos bairros organizando suas agremiações e troças carnavalescas.

O carnaval era uma festa muito esperada pelos campinenses e a ornamentação das ruas era um ponto chave que antecedia os festejos, porque os olhos e a mente começavam a sentir que era o momento de se preparar para os cinco dias de festa, onde homens e mulheres passam a ser autores da alegria. A euforia toma conta do povo campinense, o comércio se aquece, as costureiras trabalham com todo vigor para dar cor e brilho ao reinado das plumas e dos paetês. Está perto de chegar o dia em que essas pessoas irão brilhar nas avenidas do centro da cidade, nos clubes sociais ou nos bairros.

As artérias centrais foram feericamente iluminadas pela CELB e os préstitos carnavalescos, simultaneamente com orquestras de frevos, saíram às ruas mais cedo, enchendo de animação as noites que precedem os dias de Carnaval.¹⁴

A companhia responsável pelo fornecimento de energia do Estado colocava as luzes que ornamentavam as ruas por onde os festejos iriam ocorrer. No primeiro momento, esse carnaval ocorria na rua Maciel Pinheiro, depois da rua João Pessoa e, por fim, na Severino Cruz. Quando essas decorações não eram colocadas ou as vezes eram postas apenas nas vésperas do Carnaval, os campinenses e os jornalistas reclamavam, porque ficava a sensação de que a cidade não teria Carnaval. Porém, mesmo muitas vezes as ruas estando despidas de ornamentação ou sendo posta às vésperas, o folião campinense se divertia tanto na semana pré-carnavalesca como nos ensaios gerais das

¹² Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedida a autora em setembro de 2014.

¹³ Trecho da entrevista de Valter Tavares, concedido a autora em 03 de julho de 2019.

¹⁴ Jornal Diário da Borborema “Carnaval e Turismo” 20 de fevereiro de 1971.

escolas de Samba. As escolhas das fantasias mais bonitas nos clubes sociais, a escolha do Casal Real, tudo era motivo para festejar.

2.2.1 A escolha do Rei Momo: Uma disputa de Peso

Durante os anos carnavalescos até o final da década de 1980, um episódio cheio de simbologia ocorria no carnaval campinense. Era a escolha do Casal Real para a celebração dos festejos momescos. Segundo a tradição, o casal era responsável por coordenar a folia durante o tríduo momesco. Havia um momento simbólico de entrega da chave da cidade pelo prefeito ao casal real e nos três dias o reinado que deveria predominar era o da alegria.

A cerimônia da escolha do casal real ocorria em clubes da Cidade e junto com a escolha do Casal, escolhia-se também as princesas do Carnaval. Essa cerimônia marcava o início da semana pré-carnavalesca e havia uma premiação para os ganhadores. Apresentação do casal real era um dos momentos mais esperados pelos foliões.

Numa promoção conjunta dos Diários Associados e Federação Carnavalesca de Campina Grande, através da comissão organizadora do Carnaval, a escolha da rainha do Carnaval 71 dar-se-á sábado próximo, dia 6 de fevereiro, nos salões do GRESSE – Grêmio dos sub-tenentes (sic) e sargentos do exército.

A festa será de caráter carnavalesco com a participação da conhecida orquestra “Figueiras, Carnaval Show e a ela terão direito à entrada todos os associados de qualquer clube da cidade, bastando adquirir o ingresso-convite, ao preço de Cr \$ 5,00 na portaria do GRESSE. Exibir sua carteira social.¹⁵

Havia uma magia na cerimônia de escolha do Casal Real, porque todas as pessoas que desejassem participar dos festejos podiam comprar seu ingresso para o clube ou quem era sócio exibir a sua carteira social. Além do concurso para a escolha do casal real. Havia também desfile de fantasias, canto das marchinhas tradicionais do carnaval e desfile das escolas de samba.

Como consequência, as fantasias criam um campo social de encontro, de mediação e de polissemia social, pois, não obstante as diferenças e incompatibilidades desses papéis representados graficamente pelas vestes, todos estão aqui para “brincar”. E brincar significa literalmente “colocar brincos, isto é, unir-se, suspender as fronteiras que individualizam e compartimentalizam, grupos, categorias e pessoas. (DA MATTA, 1997, p. 63)

Nos clubes ou nas ruas, o povo estava para brincar, celebrar três dias de folia e por um momento esquecer os problemas da distinção social e econômica. Na hora da escolha do casal, as diferenças eram silenciadas e serviam como um termômetro para

¹⁵ Rainha do Carnaval será eleita no GRESSE. Jornal Diário da Borborema, 2 de fevereiro de 1971.

medir como seriam esses festejos na cidade e fazer com que o comércio da Cidade fosse aquecido, já que no período abordado todo o Brasil vivia momentos de crise por causa da Ditadura Civil- Militar.¹⁶

A escolha do Rei Momo era uma “questão de peso”, porque um dos critérios para ser o rei era que o candidato tivesse um peso físico elevado. Essa cerimônia se estende até o carnaval de 1989, em que pela análise das fontes é a última vez que a cerimônia é citada e os motivos serão discutidos no capítulo seguinte. No momento da escolha do casal Real, o dinheiro arrecadado servia para ajudar nos custos com os festejos, na ornamentação das ruas, no pagamento das bandas que faziam a animação, tanto no dia da escolha do casal real, como na semana Pré-carnavalesca e com isso a diretoria do clube também lucrava com esse evento.

Não existem muitos registros sobre quem eram os casais e como era feita a inscrição para participar do concurso. O que se percebe ao analisar as fontes é que os nomes que poucas vezes foram citados eram de pessoas que exerciam cargos públicos ou eram membros da imprensa. Havia uma expectativa e aqueles que não podiam estar nos clubes esperavam a chegada do cortejo real na Rua Maciel Pinheiro.

(...) O Rei Momo recebia a chave da cidade do prefeito. Era sempre tudo ali na Maciel Pinheiro concentrado naquela ala, eu me lembro de uma vez que o Rei Momo chegou com uma princesa, a rainha, a princesa em um carro alegórico, mas foi uma coisa pensa mesmo que hoje seria as dimensões de um trio elétrico num formato de um navio que era tão engraçado que Campina Grande não tinha mar e o Rei Momo chegou no navio, mas como o teatro(...) ¹⁷

O Carnaval celebra o grande teatro a céu aberto e todos que desejassem poderiam participar da encenação e nessa cerimônia do casal real, percebe-se um verdadeiro ato teatral. Como o colaborador fala ao narrar suas memórias, a chegada do casal real em navios provoca e desperta um imaginário nos contempladores daquele espetáculo. Os escolhidos para serem os casais reais e princesas cumpriam um protocolo e uma agenda durante os festejos carnavalescos. O primeiro é a participação no concurso, depois na semana pré-carnavalesca receber das mãos do prefeito a chave da cidade, participar das comemorações carnavalescas nas ruas centrais da cidade e estarem em cima do palanque

¹⁶ Digo Ditadura Civil-Militar porque concordo com alguns autores e através do movimento que surge na historiografia de revisão de alguns conceitos que a Ditadura brasileira de 1964-1985 não foi orquestrada apenas por setores militares, mas por civis como parte da Igreja católica, alguns jornais da época e empresários.

¹⁷ Trecho da entrevista de Valter Tavares, concedido a autora em 03 de julho de 2019.

cumprimentado os foliões e as agremiações, além de participar das festas em clubes das cidades.

O DEMENTUR está montando uma estrutura de animação que permita no domingo e também na terça-feira de Carnaval, percorrer os vários bairros da cidade, levando a caravana da alegria momesca, com Rei e Rainha e princesas do Carnaval 88, acompanhados da Orquestra Municipal de Frevos em carro aberto, visitando bares e cervejarias e todos os locais onde o povo estiver promovendo a folia.¹⁸

Pela matéria do Jornal, percebe-se que além de dar uma atenção para os desfiles no centro da cidade, a caravana real deveria participar do Carnaval nos bairros, bem como nos clubes que eram mais afastados da área central e também nas Sociedades de Amigos de Bairros que, assim como os clubes sociais, promoviam as suas matinês e matinais, animando aqueles que não se deslocavam do seu bairro para participar do Carnaval nas ruas centrais da cidade. O carnaval, para os organizadores, deveria ser integrado, não importava se estivesse no centro da cidade ou em algum bairro, o importante era não perder o compasso da folia.

Figura 2 O Rei Momo escolhido no Carnaval de 1985, do seu lado esquerdo a Rainha do Carnaval e do lado direito as duas Princesas



Fonte 3 Jornal Diário da Borborema, 4 de Fevereiro de 1985.

Esta cerimônia que marcava a abertura do Carnaval era organizada pela Federação Carnavalesca a partir da década de 1950, em conjunto com o jornal *Diário da Borborema*. A partir do final dos anos de 1988, a DEMENTUR¹⁹ é a responsável pela organização dos

¹⁸ Jornal Diário da Borborema “Prefeito Abre Hoje o Carnaval” 13 de Fevereiro de 1988

¹⁹ Jornal Diário da Borborema “Prefeito Abre hoje o Carnaval” 13 de fevereiro de 1988.

festejos carnavalescos. Depois que havia a escolha do casal real, oficialmente o reinado de Momo estava oficializado. Agora era a vez da alegria tomar conta da cidade. E assim Momo saía puxando a alegria para todas as agremiações, como será visto mais adiante.

Após a escolha do Casal Real e a abertura dos festejos, era a vez dos blocos desfilarem pela rua Maciel Pinheiro e adjacências. Os blocos carnavalescos que participavam do Carnaval campinense eram formados por amigos, parentes, colegas de trabalho e possuíam um costume bem característico: a brincadeira dos saqueamentos que eram combinados e algum membro do grupo era escolhido para preparar e oferecer os comes e bebes. Os blocos saíam pelas ruas ao som de machinhas de frevos brincando com suas batalhas de confetes e serpentinas. No meio deste percurso, chegavam ao espaço onde estavam os comes e bebes e praticavam o “saqueamento”.

Os blocos deveriam registrar-se junto à Federação Carnavalesca e o nome desses blocos era encaminhado à polícia Militar, isto porque durante o regime militar, era analisado o nome dos blocos pelo departamento de censura.

Poucos blocos carnavalescos têm procurado a Delegacia de polícia com a finalidade de solicitarem autorização para participar dos festejos carnavalescos. Informou o titular daquela especializada, Dr. Ruy Barbosa.

Adiantou ainda que em reunião realizada entre a Federação Carnavalesca e a Polícia Militar, ficou acertado que o presidente daquela federação, José Mota Florêncio encaminharia os processos de requerimento de licença à delegacia.

Obedecendo à determinação o Sr. José Mota submeter à censura os nomes que os foliões pretendem dar a seus blocos e os encaminha ao delegado Ruy Barbosa para nova Censura. Não será permitido que os blocos desfilem com nomes que venham a desacatar a opinião pública.²⁰

No ano da reportagem, a Ditadura Civil-Militar estava em dos seus períodos de maior repressão e o carnaval era vigiado e censurado. Também é comum, ao analisar jornais e documentos das escolas de samba, normas que deveriam ser obedecidas nos clubes e nas ruas, havendo uma grande vigilância acerca dos temas dos sambas-enredos e dos endereços dos participantes. Dessa maneira, é perceptível que mesmo o carnaval sendo uma festa com bebidas, alegria e brincadeiras, apresenta momentos de seriedade com críticas ao sistema, à realidade social e aos governantes.

Havia os blocos que se manifestavam dentro dos clubes sociais, era comum a reunião de grupos de amigos que em um determinado momento começavam seus desfiles nos salões dos clubes ao som das marchinhas tocadas pelas orquestras de Frevo. Os blocos

²⁰ Poucos blocos solicitam autorização para o desfile. Jornal Diário da Borborema, 5 de fevereiro de 1972.

não possuíam características que são comuns hoje com os blocos do carnaval baiano, a exemplo da compra de abadás e a separação das pessoas com as cordas. Estes cordões eram compostos por pessoas com fantasias e máscaras carregando os estandartes com o nome dos seus blocos.

Outro tipo de bloco que predominou nos carnavais campinenses até os primeiros anos da década de 1980 foi o Corso, composto por carros em fila indiana que desfilavam com suas capotas abertas na rua Floriano Peixoto e tinha como ponto de encontro a cervejaria Rivieraⁱ. Os foliões praticavam o mela-mela e jogavam os seus confetes e serpentinas.

Esta prática do Corso não era realizada por todos os foliões. Era necessário possuir o automóvel para brincar ou dinheiro para o aluguel de um. Com o aumento populacional e modificação dos festejos, o Corso é proibido nos primeiros anos da década de 1983.

Vários blocos em nossa cidade, apresentando motivos e fantasias bem diversificadas já começaram a circular nas ruas de Campina Grande, com carros sem capota, entrando mesmo no reinado da folia. Os blocos de maior movimentação é o “Homem do Alcool-atas” com sete componentes, há doze anos mantendo a mesma tradição, dinamizando o Carnaval campinense e o outro é o “Sujos e Melados” bloco também tradicional em nossa cidade.²¹

Mesmo com as inúmeras proibições que cercavam o carnaval, os campinenses arrumavam suas formas de burlar as regras impostas pelos responsáveis pela organização. O corso e o registro dos blocos são exemplos desse tipo de prática. Quando o corso é proibido, em 1983, havia uma grande expectativa para o desfile dos carros. Segundo os jornalistas, perdeu um pouco da animação, isto porque as pessoas, em cima dos carros, em fila indiana desfilando pela Floriano Peixoto, com as batalhas de confete e serpentinas, animavam os foliões.

O registro dos blocos é outro ponto importante para mostrar como o povo tem suas táticas e artimanhas para burlar algumas regras que são impostas. Durante o período da Ditadura civil-Militar, todas as agremiações eram obrigadas a registrarem-se na Federação Carnavalesca e depois esse registro era passado para a polícia Militar. Como foi citado anteriormente, esse Carnaval deveria ser disciplinado e normatizado de acordo com as regras da política vigente. Depois que passa o período mais repressor da Ditadura, essas agremiações continuam a registrar-se por causa da política de distribuição de verbas.

²¹ Jornal Diário da Borborema “Blocos”, 2 de fevereiro de 1978.

*“Além das agremiações inscritas para o desfile, diversos outros blocos organizados passaram na animação da Maciel Pinheiro, contagiando a massa com seus ritmos carnavalescos.”*²² Quanto menos blocos se registravam mais os jornais noticiam que o Carnaval iria ser fraco, porém, nos dias dos festejos os blocos apareciam para a grande surpresa daqueles que adoravam especular possíveis previsões sobre o Carnaval da Cidade.

A partir da metade da década de 1980, as transformações no Carnaval da cidade passam a ser ainda mais visíveis, outros sujeitos e outros modelos de festa passam a entrar em cena com o governo de Ronaldo Cunha Lima, com a inauguração do Parque do Povo em 1986 e com a tentativa de incentivar o turismo de eventos na cidade. Nesse momento os clubes entram em um processo lento de decadência e os blocos por um processo de modificação. No lugar de permanecerem as orquestras de frevo, eles passam a ser influenciados pelo novo sucesso do momento que é a influência do Carnaval Baiano com a chegada do trio elétrico. Porém, todas essas querelas sobre o fim ou não do carnaval campinense são discussões para o próximo capítulo. Por enquanto, continuo a mergulhar nas histórias dos grandes carnavais da cidade.

2.2.2 Prepara a serpentina, as fantasias e os confetes que as Matinês e Matinais irão começar

O ato de brincar os festejos momesco em clubes sociais no Brasil, surgiu no final do século XIX, com forte influência dos bailes franceses,²³ na antiga capital do país, o Rio de Janeiro. Desde o seu começo, ele já marcava uma diferença social, isto porque eles eram promovidos por pessoas com boas condições financeiras e em Campina Grande essas características vão continuar por um tempo.

Por ser Campina Grande uma cidade interiorana, desprovida dos atrativos representados pelo mar, os campinenses tiveram que desenvolver durante muito tempo nos Clubes sociais parte de suas atividades de lazer, estando a constituição dos clubes da cidade muito ligada à estrutura social da mesma. As principais datas do ano tinham nas dependências dos sodalícios comemorações específicas, sendo o carnaval o mais importante dela, mas não a única. (SOUZA, 2015, p. 98)

²³ Sobre o tema dos primeiros bailes carnavalescos vê: História do Carnaval Carioca – Eneida

Como citado anteriormente, a partir da década de 1960, os populares tomam os espaços nas ruas centrais para fazer e brincar e o seu Carnaval e alguns setores da elite passam a se recolher nos clubes. Esses clubes, no começo, realmente, eram reservados para os setores mais abastados da sociedade, que possuíam poder aquisitivo para comprar suas mesas e camarotes, pagar a entrada no clube ou o custo da sua associação e produzir suas fantasias. Na década de 1970 esses clubes se multiplicam, possuindo uma hierarquia entre eles e os populares além de brincar na rua também vão participar das matinês e matinais em seus clubes Paulistano na rua Major Belmiro e no Ypiranga na avenida Januncio Ferreira (atual avenida canal) e nas SABs²⁴.

Num longo e dinâmico processo vários fatores contribuíram para a reorganização das práticas carnavalescas da cidade. Aos poucos as elites foram deixando as ruas e as manifestações do que se poderia chamar de “regozijo Geral” foram deixando de existir ou sendo enfraquecidas em virtude da ampliação e melhoria dos clubes locais, com um consequentemente enclausuramento das festas (...) (SOUZA 2015, p.98)

O carnaval campinense no período escolhido para estudo era dividido em festas durante o dia na rua Maciel Pinheiro com desfile de Blocos, bois e troças carnavalescas e à noite nos domingos e nas terças-feiras os desfiles das escolas de Samba e ao mesmo tempo que o povão estava na rua Maciel Pinheiro a elite estava nos bailes nos clubes sociais. É necessário compreender que houve inúmeras modificações nos festejos Carnavalescos. Alguns grupos deixaram de exercer tais práticas em alguns espaços e passaram para outros e nesse percurso novos sujeitos passaram a exercer outras práticas. E uma modificação muito visível é a que ocorre com os clubes sociais.

Ao analisar as documentações é possível perceber que a cidade possuía oito clubes sociais: Paulistano, Ypiranga, Campinense Clube, Caçadores, AABB, Clube dos trabalhadores (1964), GRESSE e Clube Médico (Campestre). Esses clubes estavam localizados em vários pontos da cidade e havia sim uma certa hierarquia em quem frequentava tais espaços. É importante também ressaltar que cada clube possuía características próprias, regras para se brincar e programações.

(...) dentro do clube era altamente seletivo, tinha segurança e gente na porta, você sempre entrava mostrando a carteira. Então vinha orquestra de fora tocava quatro noites, termina o carnaval do Campinense terminava na praça Antônio Pessoa que é em frente, era em frente, é em frente, era não, é em frente ao Clube o clube hoje é uma faculdade e a praça tá lá ainda né para o povo que

²⁴ Sociedade de Amigos de bairro são sociedades comunitárias, que surgiram no Brasil na década de 1930, tendo forte participação na luta de direitos e melhoria da comunidade. Em Campina Grande esses espaços começaram a surgir no final da década de 1950 e permanecem até hoje. É certo que no período da Ditadura Civil-Militar, eles tiveram sua atuação reduzida, reflexo que permanece até os dias de hoje.

estuda nas mediações ficar a noite todinha conversando por lá, mas o carnaval terminava 5hs da manhã com a orquestra indo para a praça agitando até cinco da manhã, era uma maravilha era uma beleza muito grande sabe, muitas fantasias bonitas, músicas belíssimas que tocava no carnaval(...) ²⁵

A professora Léa Amorim viveu muitos carnavais campinenses. Ela morava na rua Maciel Pinheiro até os primeiros anos de sua adolescência e narra, a partir de suas memórias, contando como eram os festejos que ela chamava de quartel general da folia. Além disso, ela e sua família participavam principalmente dos bailes no Campinense Clube, ²⁶ sendo frequentadora desse espaço até a década de 1980, quando o clube se muda do centro da cidade e vai para o bairro da Bela Vista, junto ao clube de treinamento esportivo do time que tem o mesmo nome do espaço social e onde foi construída a Boate Cartola. Para frequentar esses espaços, havia o costume das moças da alta sociedade participarem apenas depois que completassem os quinze anos de idade e elas sempre iriam acompanhadas. Uma prática muito comum dos clubes era após o término das festividades, dentro dos seus espaços, as orquestras de frevo saírem pelas ruas da cidade, sacudindo os foliões nas primeiras horas do dia.

(...) O campinense clube como já era esperado, teve um Carnaval muito bem eufórico anda o seu coordenador José Araújo, que empreendeu todos os esforços para fazer do carnaval campinense um sucesso. Desde o primeiro dia que o clube lotou e a animação era uma constante por parte dos foliões(...) ²⁷

Todos os anos quando se aproximavam os festejos, os clubes divulgavam nos principais meios de comunicação as programações que haveriam durante os dias de carnavais, as normas para se brincar nesses espaços, como andava a preparação da ornamentação e qual seria o tema dessa ornamentação, para os seus frequentadores se programarem com suas fantasias para animar os bailes. Além disso, como abordar algumas reportagens dos jornais e os entrevistados falam, O Campinense Clube era frequentado por aqueles que possuíam um maior poder aquisitivo na cidade, isto porque os ingressos eram caros, já que o clube fazia questão de trazer artistas renomados em todo o país.

(...) o clube trazia cantores de Fora eu assisti nesse Campinense antigo, eu assisti o Nelson Gonçalves, Calbi Peixoto, Ângela Maria, Marisa Montenegro,

²⁵ Trecho da entrevista de Léa Amorim- concedida a autora em 04 de julho de 2018.

²⁶ O Campinense clube localizava-se na rua Miguel Couto em frente à Praça Coronel Antônio Pessoa, onde hoje se localiza uma faculdade UNESC. Depois o clube vai se instalar no Bairro da Bela Vista na Rua Rodrigues Alves, junto ao estádio de Futebol O Renatão e dentro das instalações do estádio de Futebol terá a boate Cartola.

²⁷ Reportagem do Jornal Diário da Borborema “No Campinense a elite cai no Frevo quatro noites” 5 de março de 1981.

é... um português... Roberto Leal, igual a tudo à presidência do clube trazia a gente ia para festa chiquíssima e dançava a noite toda (...)²⁸

(...) bailes de carnaval do Campinense Clube era tão grande no final dos anos 70 que havia muita gente de João Pessoa pra o carnaval de Campina Grande nos bailes de salão, então em 1978 é o baile do Campinense Clube ficava no ginásio no César Ribeiro com capacidade para mais de 2 mil pessoas é trouxe a orquestra mais famosa do Brasil naquela época, que era a orquestra do maestro Cipó do Rio de Janeiro, com um ano trouxe as chacetes as dançarinas de Chacrinha, do programa do Chacrinha que era um dos auge da TV na época e no ano seguinte trouxe veio também o maestro Cipó com as Mulatas de Sargentele que era famosíssima internacionalmente as Mulatas de Sargenteles é, enfim, eram duas orquestras, uma orquestra nacional e uma orquestra da cidade além das orquestras que vinham também de Pernambuco, a orquestra de Guedes Peixoto, a orquestra do Maestro Viló as grandes orquestras de frevo do Pernambuco.²⁹

É perceptível, pelas atrações que animavam o clube, que para frequentá-lo era necessário ter posses, para comprar os ingressos ou ser filiado ao clube, para preparar as roupas e fantasias e também para beber ou se alimentar dentro do clube. Atrações nacionais de grande nome agitavam as festas nesse espaço e que eram muitas durante o ano, sendo o Carnaval uma das mais esperadas pelos campinenses. Além do Campinense Clube, outros espaços existiam com dinâmicas de funcionamento e características bem próprias de cada espaço e dos foliões que os frequentavam.

GRESSE (Grêmio Recreativo dos Sargentos e Subtenentes do Exército), então era um clube famosíssimo que tinha grandes bailes de carnaval de salão, tinha carnaval infantil, pela manhã e à tarde tinha os bailes infantis e a noite os bailes adultos no GRESSE e quando terminava o baile de madrugada é quatro, cinco horas da manhã a orquestra descia no último dia de baile de carnaval, a orquestra descia lá do Alto Branco e vinha até o centro da cidade puxando os foliões que estavam no baile, né? Era uma tradição do GRESSE. Ai ao mesmo tempo tinha é o Campinense Clube que produzia grandes, promovia grandes bailes de carnaval de salão, né? O clube do trabalhador também tinha carnaval de salão é para bailes infantis e adultos, e a AABB³⁰ era um grande baile de carnaval infantil e adulto, o clube dos Caçadores, esse era famosíssimo, o baile de carnaval do clube dos Caçadores, era tradicionalíssimo, era inclusive com mela-mela, era permitido ter mela- mela, cê jogava talco, jogava maisena, jogava água, tudo, era um baile de mela-mela, isso do clube dos caçadores, infantil e adulto também, pela manhã e à tarde baile infantil e adulto e de noite o baile adulto do clube dos caçadores, mas o que impressionava era a alegria e a espontaneidade dos bailes de carnaval, é na época em que o carnaval chegava em Campina Grande, que era uma festa comunitária né? O carnaval era uma festa esperada o ano todo. Então, o carnaval tinha um cheiro de carnaval tinha uma personalidade o carnaval porque era uma festa da comunidade.³¹

O entrevistado Valter Tavares tem várias participações no carnaval campinense. Ele participava tanto do Carnaval clube como de rua e ainda continua participando e

²⁸ Trecho da entrevista de Léa Amorim- concedida à autora em 04 de julho de 2018

²⁹ Trecho da entrevista de Valter Tavares, concedido à autora em 03 de julho de 2019.

³⁰ AABB- Associação Atlética do Banco do Brasil. Localizada da Rua Lino Gomes, bairro do São José. Foi também um dos clubes mais tradicionais da cidade.

³¹ Trecho da entrevista de Valter Tavares, concedido a autora em 03 de julho de 2019.

lutando pelo carnaval campinense. Enquanto memorialista, ele consegue narrar através de suas memórias os vários espaços carnavalescos que existiam na cidade. Era muito comum existir clubes ligados a determinadas categorias de trabalhadores e outros aos times de Futebol. O GRESSE é um exemplo desses espaços. Era um clube ligado aos setores militares. O clube dos trabalhadores (SESI) era outro espaço frequentado pelos trabalhadores da indústria. Além de ter carnaval com matinês e matinais, esse clube possuía um espaço aquático e era um espaço frequentado por trabalhadores do ramo industrial.

Outros espaços sociais promoviam também bailes carnavalescos, além dos clubes que ficavam nas regiões mais centrais da cidade, em alguns bairros, nas suas sociedades de amigos de bairro ou no caso dos Bairros José Pinheiro³² e Liberdade.³³ Havia também festas na sede de alguns times, a exemplo do Clube Paulistano³⁴ e do Clube do Flamengo do José Pinheiro. O interessante é compreender como esses campinenses brincavam e tentar identificar as rupturas e continuidades desse Carnaval Campinense, percebendo também que esses clubes sociais se popularizam em Campina Grande, promovendo os seus carnavais e que quando as pessoas de poder aquisitivo maior começam a viajar para brincar o Carnaval em outros espaços, algumas práticas começam com seu processo de redefinição.

Como falado anteriormente, havia uma divisão social entre os clubes da cidade e por essa divisão alguns modos de brincar o carnaval ocorriam de forma diferente. O clube dos Caçadores, chamado também do clube das colinas, porque ficava em uma região mais afastada do centro da cidade, e o clube Ypiranga, marcavam bem essa diferenciação. É tanto que, quando começam a surgir os inúmeros discursos de uma suposta decadência do Carnaval campinense, esses espaços continuam a promover os seus grandes bailes de carnavais. O que demarcava também essas diferenças eram as proibições e o que era permitido nesses clubes. Uma das práticas que chama mais atenção é a liberação do mela-mela, já que essa prática sempre foi muito criticada por setores elitizados da cidade.

³² O bairro de José Pinheiro fica na Zona leste de Campina Grande, e possivelmente teve seu surgimento no início do século XX, quando começa a ser habitado.

³³ O bairro da Liberdade fica na Zona sul da cidade de Campina Grande, e possivelmente teve seu surgimento no início do século XX, e teve um maior desenvolvimento com a chegada das fábricas, perto da sua localidade.

³⁴ O clube Paulistano tinha sua sede na Major Belmiro bairro do São José e o seu Campo de futebol na Avenida Assis Chateaubriand onde hoje é o supermercado Assaí Atacadista.

Dentro do clube era permitida essa brincadeira com maizena, água-de-cheiro e outros elementos que eram usados.

Figura 3- Populares participando do Carnaval no Clube dos caçadores em 1982.



Fonte 4 Jornal Diário da Borborema, 29 de fevereiro de 1982.

Essa imagem foi retirada do *Diário da Borborema*, ano de 1982, quando se tem vários clubes sociais promovendo bailes ao mesmo tempo. Assim como os clubes dos trabalhadores, os caçadores possuíam espaços com piscinas e dessa maneira existia tanto os bailes noturnos como os diurnos. O clube Ypiranga, localizado na AV. Canal (Janúncio Ferreira) também promovia os seus bailes todos os anos e como costume de alguns espaços da cidade, ao terminar os festejos nas primeiras horas da manhã, saiam com seus frequentadores e as orquestras pelas ruas do centro da cidade.

(...) AABB, Paulistano e Ypiranga, o Clubes dos Caçadores teve maior público durante todas as festividades momescas, repetindo o feito dos anos anteriores, onde apareceu como o mais animado Carnaval de Campina Grande em termos clubísticos.³⁵

Quando os discursos se tornam mais enfáticos sobre a suposta crise ou decadência dos carnavais campinenses, esses clubes continuam a promover os seus festejos e desse modo surgem mais questionamentos. O Carnaval de quem estava em decadência? Todos os clubes? Todas as pessoas da cidade saem para outras cidades? Estamos falando da década de 1980, quando o país está passando por uma grave crise econômica, uma lenta abertura política, quando as disparidades sociais estão em alta e nem todas as pessoas possuíam condições econômicas e/ou automóvel para ir a outra cidade. Estamos falando

³⁵ Jornal Diário da Borborema, 17 de fevereiro de 1983 “Carnaval de Campina Grande, um dos mais fracos da história.

também de uma Campina Grande com um número de habitantes bem reduzido em relação ao que é atualmente.

É perceptível que os festejos se modificaram. Estamos falando da segunda metade do século XX e tudo está em constante transformação. As pessoas viajavam mais, o que é importante é demarcar quem eram essas pessoas. Não se pode usar apenas um ou dois clubes sociais para fazer uma demarcação do carnaval. Todas essas discussões sobre esses discursos são cenas para os próximos capítulos.

Depois de discutir um panorama da cidade e algumas práticas carnavalescas da elite campinense, será a vez de analisar como as elites campinenses participaram do Carnaval a partir da década de 1980, quando os populares ocupam os espaços das ruas e os desfiles com as Escolas de Samba e demais agremiações.

2.2 Moradores da elite “desterritorializados”

Como foi abordado anteriormente, as elites campinenses brincavam o Carnaval de diversas formas no decorrer do século XX. No primeiro momento, eles desfrutavam dos festejos carnavalescos na Rua Maciel Pinheiro e adjacências, essas festas ocorriam durante o dia e a noite, sendo finalizadas na Quarta-Feira de Cinzas. Com o passar do tempo e as modificações que surgiram na cidade, a partir da década de 1930, os clubes sociais com as orquestras de frevo, concursos de fantasias e matinês e matinais entram em cena. A partir desse momento, o campinense da elite podia escolher se brincava o Carnaval nos clubes e/ou nas ruas.

Porém, outros atores sociais entram em cena a partir da segunda metade do século XX e essas elites que antes dominavam todo o território carnavalesco campinense, começam a ver o seu espaço sendo penetrado por novos rostos e ritmos. O samba das escolas de samba começa a se destacar na Rua Maciel Pinheiro. A elite começa a sofrer com o processo de desterritorialização. Os espaços que antes controlavam passam a ser também de outros sujeitos, as demarcações de poder e *status* sociais não possuíam mais tantos significados para quem frequentava a rua Maciel Pinheiro.

Dessa maneira, as elites passam a se enclausurar nos clubes sociais, nesses espaços elas demarcavam o território e exibiam entre si os seus poderes. Esses clubes sociais eram cercados de regras e havia inúmeros problemas com violência como ocorria nos clubes populares. Até o início da década de 1980 os clubes sociais

da cidade estão em total efervescência, é nesse espaço que a elite ficará depois de sair das ruas.

Como foi abordado anteriormente, a cidade de João Pessoa durante a década de 1970 passa a ser a nova vitrine do Estado e atraindo várias pessoas para se divertir em seu litoral, principalmente no período de veraneio e durante o Carnaval. Essas pessoas da elite, que antes estavam nos clubes sociais, passam a ver na capital um novo espaço para brincar o carnaval, como nos dá conta o depoimento de Valter Tavares:

(...) minha convivência com o Carnaval foi nos anos 60 e 70, que foi os últimos suspiros do grande Carnaval de Campina Grande. Hoje a gente não tem um grande Carnaval em Campina. Na verdade existia o grande Carnaval em Campina no final do século XIX até a década de 60 final dos anos de 1960, quando começou essa tradição do povo ir para praia. E o Carnaval de Campina Grande era um Carnaval de Rua maravilhoso³⁶.

O entrevistado Valter Tavares, ao narrar suas memórias coloca o fim dos anos de 1960, como o ponto de partida para a viagem dos campinenses para o litoral, porém essa prática ganha mais espaço a partir da década de 1980. Como Valter é um artista, possivelmente a partir de 1970 ele começa a passar os festejos carnavalescos em outros lugares, como na cidade do Recife. Para a elite campinense a partir do momento que eles não participavam do Carnaval de rua ela se achou no direito de declarar o seu fim. Isto porque antes os clubes sociais eram espaços frequentados apenas por essas elites, depois começa a surgir na cidade outros clubes que os populares também poderiam frequentar. Dessa maneira, pela segunda vez a elite campinense está desterritorializada e necessita encontrar outros espaços para demarcar as suas diferenças.

Eneida, as minhas duas irmãs deixaram de brincar o carnaval porque achavam muito fraco aí começaram aí muito para João Pessoa mas eu brinquei até o fim porque o meu marido não queria mais brincar em João Pessoa a gente brincava aqui. E era um carnaval que assim haviam brigas na sociedade né, brigas no meio da rua, na Avenida José Pinheiro, mas era a bebida demais, mas dentro do clube tinha briga de rapaz a sociedade com rapaz da sociedade. O campinense fechou mundo porque quem sustentava era os Comerciantes sabe os Comerciantes, Comerciantes que frequentavam o 31 foi o primeiro que fechou aí chegou uma vez do Campinense saiu do centro que foi a derrota dele sabe também e foi lá para o Bela Vista que atrás do Estadual da Prata aquela parte Bela Vista, né? Que atrás do Estadual da Prata, naquela parte ele foi para lá fizeram um ginásio enorme em uma boate, a boate continuou só para festas sociais (...)³⁷

A entrevistada Leá Amorim em seu relato narra que a elite campinense começa a achar o carnaval da cidade fraco, e passa lentamente a frequentar a capital, porém ela

³⁶ Trecho da entrevista de Valter Tavares, concedido a autora em 03 de julho de 2019

³⁷ Trecho da entrevista de Léa Amorim- concedida à autora em 04 de julho de 2018

deixa transparecer em sua fala que não se sentia à vontade em brincar em João Pessoa, sua fala é notória que nos clubes sociais - que denomino da elite - havia vários problemas com o excesso de bebida e violência. Além disso, com a crise econômica que assolava a cidade, esses espaços passam a ter um público menor, o que contribui para o fechamento de alguns. No caso do Campinense Clube, com a mudança de local para o alto da Bela Vista e criação da Boate Cartola, a entrevistada fala de uma quebra de tradição, essas pessoas sentiram mais uma vez as suas memórias serem modificadas. Em meio a todo esse cenário, os jornais da cidade entram em cena a partir da década de 1970 e com mais ênfase em 1980 apresentando várias matérias sobre a partida do campinense para o litoral durante o período carnavalesco, como é possível perceber na seguinte reportagem:

Aproximadamente 70 mil campinenses deixaram a cidade no último, final de semana deslocando-se para várias cidades a fim de passarem o período momesco. Muitos preferiram, viajar para as praias paraibanas, principalmente Baía da Traição para onde foram muitas pessoas acampar, levando barracas, até mesmo famílias completas. Para outras como João Pessoa, Recife, Natal, Salvador, além de cidades no interior paraibano foi grande o número de pessoas que se dirigiu, para retornar à Campina Grande somente na próxima terça-feira e quarta-feira. A grande movimentação com o deslocamento das pessoas para diversas outras localidades, começou principalmente na Estação Rodoviária logo na sexta-feira, mas ontem durante todo o dia aumentou, já que muitos trabalham e somente no período da tarde é que dispuseram de tempo. O terminal ficou bastante movimentado, provocando até tumulto dado ao pequeno espaço físico e a precariedade daquela estação. Vários ônibus extras foram colocados para atender a demanda. Por outro lado, muitos que têm melhores condições aproveitaram os feriados e foram também veranejar em diferentes locais, levando toda a família em carros próprios, conduzindo barracas, e vários outros objetos de uso doméstico, já que somente voltarão no final dos festejos momescos. A maioria preferiu praias paraibanas.³⁸

É perceptível através dessa matéria jornalística que alguns campinenses começam a procurar outros destinos durante o feriado carnavalesco, porém os jornalistas não exibem dados concretos de quantas pessoas realmente saíram para outros espaços, o que é certo que nesse momento de crise e aumento das desigualdades sociais é que só viajava quem possuía uma condição financeira melhor. E é isso que ocorre com a elite campinense. Esses moradores(a)s perdem o espaço para brincar o Carnaval e passam a ir para o litoral. Porém, ele(a)s necessitavam de algo para lembrar os antigos carnavais, os espaços frequentados, as suas fantasias e suas machinhas de carnavais. Com isso, na década de 1990, no governo de Cassio Cunha Lima, é criada a Micarande, o carnaval fora

³⁸ Jornal Diário da Borborema, 13 de fevereiro de 1983. Campinenses esvaziam a cidade durante o Carnaval.

de época com influência do axé baiano, na ocasião a professora Eneida Agra Maracajá em oposição a esse tipo de festejo cria o Bloco da Saudade.

(...) na década de praticamente do fim de 80 pra 90 foi quando o axé que tomou conta do Brasil e não só de Campina Grande entrou em Campina Grande na gestão de Cássio Cunha Lima com o nome de Micarande que significava carnaval de Campina Grande. E aí os clubes já não fazem mais festas, baile de carnaval. O primeiro bloco a passar na micarande foi puxado por Capilé chamado “Balanço de amor”, fiquei horrorizada porque eu não conhecia aquele carnaval, o povo todo de camisola, chamava mortalha, depois passou-se a chamar de abadá, mas era mortalha, aquilo Comprido, o povo todo amarrado e os homens segurando as cordas, eu fiquei apavorada, aí eu disse uma brincadeira lá no teatro, a brincadeira pegou a turma não aceitou que fosse uma brincadeira, e eu criei o bloco da saudade só que eu não criei o bloco da saudade de início como as pessoas pensavam um bloco para chorar de saudade para viver a saudade, morrer de saudade, não eu criei um bloco para trazer à memória, a saudade, o confete, a serpentina, a fantasia, O que é importantíssimo esse dentro do carnaval, para o presente, para mostrar os mais jovens que o carnaval não é abadá, carnaval não é mortalha (...) ³⁹

O depoimento de Eneida é incisivo em mostrar como ela se sente desterritorializada, ao ver a Micarande pela primeira vez, com os blocos puxados por trios elétricos, a música baiana e uso de cordas, ela sentiu que aquele não era o carnaval que ela desejava deixar na memória do povo campinense. Dessa maneira, ela cria o Bloco da Saudade em oposição ao novo modelo carnavalesco que se instaurava na cidade de Campina Grande. A orquestra de Frevo puxa o bloco nas ruas do centro da cidade, com foliões vestidos com fantasias e jogando confetes e serpentinas, é a vez da elite mostrar para o povo campinense e principalmente para a elite política dominante na época, que não adianta sepultar o “tradicional” carnaval campinense, ele resiste nas entrelinhas do cotidiano, ele foi reinventado.

³⁹ Trecho da entrevista de Eneida Maracajá concedida a autora em 06 de julho de 2019.

CAPÍTULO II- O CARNAVAL EM RITMO DE SAMBA DA “LIBERDADE” A OUTROS BAIRROS POPULARES

[...] Era uma coisa mágica, uma energia, como uma família todo mundo fazia tudo por todo mundo. A gente era como uma comunidade feliz, era tão bom, muito gostoso [...] ⁴⁰

José Miguel e Maria Quitéria partiram do Sertão do Estado da Paraíba em 1946 com destino à Campina Grande, chegaram à Rainha da Borborema de carona em um caminhão com seus cinco filhos, Francisco, Marinete, Lurdes, Raimunda e Hercília. A primeira residência desses sertanejos que chegaram na cidade em busca de novas oportunidades foi na rua índios Cariris, depois de alguns dias passaram a residir no bairro de São José. O casal passou por um processo de separação poucos meses após a chegada na cidade. Miguel abandonou Quitéria com seus cinco filhos em um território totalmente desconhecido e agora Quitéria travaria uma batalha para sobreviver em uma cidade “grande” e plural.

Após a mudança e a separação, Quitéria constrói uma casa de taipa no bairro da Liberdade e lá residiu até a sua morte. Para criar os cinco filhos ela passou a desenvolver diversas atividades. Trabalhou como feirante, lavadeira de roupa nos açudes que existiam no bairro da Liberdade e como camareira em um hotel da cidade. Essa curta narrativa faz parte das inúmeras narrativas que escutei e escuto da minha avó e das minhas tias avós, moradoras do bairro da Liberdade desde 1946, que chegaram no bairro ainda quando ele se apresentava com várias zonas rurais. A partir daquele dia da chegada na cidade, a vida de Quitéria tomaria outros rumos. Primeiramente ela dava um ponto final na vida de migrante que levava com Miguel desde quando partiu da casa dos seus pais, no estado de Alagoas, acabando com o relacionamento com Miguel que mais uma vez decidiu viver migrando de cidade em cidade.

Essa família, que agora fazia parte dos novos rostos que compunham Campina Grande a partir do século XX, é um dos exemplos de vários populares que se fixam na cidade em busca de novas oportunidades. São essas pessoas que vão ocupar e formar diversos bairros na cidade, elas que iriam exercer diversas profissões e conquistar o direito à cidade. Essa leva de novos moradores que chegaram à Campina, principalmente

⁴⁰ Entrevista com Fracinete Alves da Silva concedida à autora em fevereiro de 2016

no período áureo do algodão, se fixam e passam a dar à cidade novas características, como veremos no decorrer de todo o texto, tendo como exemplo o Carnaval.

Os cinco filhos de Quitéria passaram o resto de sua infância e adolescência com a mãe, usufruindo de todas as novidades e dificuldades que o bairro recém formado oferecia. As lembranças das migrações e outras cidades que a família passou ficaram para trás, com a chegada à Campina Grande e ao bairro da Liberdade novas narrativas e memórias serão construídas. A construção da Igreja de Santa Filomena (1956), a participação da família e de seus amigos e vizinhos na construção da igreja Nossa Senhora das Graças (1957), a construção de um mercado público para atender a demanda do bairro (1959). Além da criação desses espaços eles também viram as inúmeras mudanças na cartografia do bairro como desaparecimento de vários açudes e barreiros que faziam parte do bairro.

Em 1962, Raimunda, a quarta filha de Quitéria, partia em direção ao ponto de ônibus na rua Almirante Barroso, para pegar o coletivo com destino ao centro da cidade, onde trabalhava em um ateliê de costura. Quando subiu no coletivo ela conheceu um rapaz chamado Marcelo. Depois de algum tempo, eles engatam um romance e três anos após esse dia, Raimunda sai de casa como sempre fazia em direção ao ponto de ônibus, mas dessa vez ela não iria para o trabalho e sim para a igreja da Guia, que se localiza no bairro de São José. Sem Quitéria saber e apoiada pelo pai que havia voltado, Raimunda e Marcelo se casam. A felicidade dos recém-casados era o motivo da tristeza de Quitéria que havia tido uma desavença com Marcelo e não aceitava mais o romance.

Raimunda decidiu tomar as rédeas do seu destino. Os recém-casados foram morar em um quartinho na rua José da Silva Chaves, chamado Beco da Pavóia. Nessa primeira habitação, Raimunda teve dois filhos: Flávia e Fábio. A situação financeira piorou e eles foram morar nos fundos da casa da sogra e lá tiveram mais três filhos: José Flavio, Fabiola e Fabiana. Logo após o casamento, a vida de Raimunda passou por inúmeras transformações, a primeira delas foi a proibição de trabalhar fora de casa. Porém, Raimunda nunca deixou de exercer a sua profissão de costureira. Marcelo passou a mostrar-se como um homem ciumento, farrista e sem amor à família. Raimunda para diminuir as necessidades passou a dividir seu tempo entre as costuras, os filhos, as atividades domésticas e a venda de comidas nos campos de futebol, nas festas da SAB e na frente da casa da sogra.

Em 1974, um novo episódio se escreve na vida de Marcelo, Raimunda e seus filhos. O irmão de Marcelo, o senhor José Alexandre Neto e seus amigos decidem formar uma escola de samba para o bairro da Liberdade. Marcelo começa a participar a partir do segundo ano da escola. Mais uma vez Raimunda e seus cinco filhos participavam nos bastidores, Marcelo exercia o papel de mestre sala da Escola e Raimunda era a costureira. O machismo de Marcelo saiu vitorioso e ela nunca teve o direito de desfilar, ela que passava dias e noites durante os meses que antecediavam o carnaval costurando para aprontar todas as fantasias, sempre partia para a avenida com o seu *kit* de costura, se caso houvesse algum problema com alguma fantasia ela estava ali para ajustar.

Enquanto Marcelo “caía” no samba, Mundinha acompanhava do lado de fora da corda. Por mais que estivesse nos bastidores, todos no bairro e na agremiação compreendiam a importância daquela rede de pessoas que não desfilavam, mas eram importantes na construção da agremiação. Quitérias e Migueis, Raimundas e Marcelos são exemplos de vários moradores que habitavam essa cidade tão plural, talvez em cada bairro, em cada agremiação essas histórias possam se repetir. Em meados da década de 1980, Marcelo é transferido para trabalhar em outra cidade. Raimunda parte com ele, mas poucos dias depois não aguenta a saudade dos filhos e volta à Campina Grande. Ao voltar ela começa a trabalhar novamente como costureira fora de casa e se aposenta vinte anos depois como costureira. A Unidos da Liberdade não tem mais Mundinha como costureira e nem Marcelo como mestre sala, mas os amigos continuam na agremiação e a história e as memórias deles se encontram.

Raimunda hoje, continua a costurar, dessa vez por passatempo, Marcelo partiu para o outro plano, mas Mundinha, a costureira da Unidos da Liberdade, continua a ouvir os sons da bateria nos meses que antecedem o carnaval e faz questão de narrar as suas memórias dos tempos passados da agremiação. São essas memórias, que escutei a vida toda, que desejo narrar neste capítulo. O cenário é o bairro da Liberdade e o personagem principal é a escola de Samba Unidos da Liberdade.

3.1 Carnaval popular um lazer permitido?

O carnaval desde o seu surgimento no Brasil, sempre se apresentou como uma festa com características próprias e que logo conquistou o coração dos cidadãos. Em Campina Grande o padrão é o mesmo, desde o período em que a cidade era apenas uma vila com poucos habitantes já era possível perceber manifestações dessa festa tão

brasileira. Com o passar dos anos e todas as mudanças que Campina recebe, nas suas festas como o carnaval passa a ser vivenciada de diferentes maneiras e essas mudanças passam a ser sentidas com maior ênfase a partir da década de 1950.

Os motivos para que as mudanças fossem sentidas apenas na década de 1950 são inúmeras, tanto em âmbito nacional como local, um dos principais pontos é o aumento populacional nas cidades de grande e médio porte brasileiras. Os movimentos migratórios nesse momento são o ponto chave para compreender esse aumento de pessoas na cidade de Campina Grande. É preciso compreender que esses movimentos migratórios sempre ocorreram na cidade desde a sua formação, porém eles se intensificaram com o crescimento da atividade industrial no período áureo do algodão.

Além desse crescimento por conta da atividade econômica que era destaque em todo o estado. Na cidade era comum a chegada de migrantes que “fugiam” das secas e da fome que assolavam as cidades paraibanas ou de estados vizinhos, como Pernambuco, Ceará e Rio Grande do Norte. Essas pessoas chegaram à Rainha da Borborema em busca de novas oportunidades, como no caso de Miguel e Quitéria, no entanto, muitas vezes esses novos rostos não encontraram a prosperidade da vida urbana que tanto sonhavam. O cenário que encontravam era bem diferente do que imaginavam, os problemas versavam sobre vários setores e começava pela moradia e as precárias condições, como a falta de água, saneamento básico, transporte e até o tipo de trabalho que eles faziam para manter as suas famílias, era de cunho informal.

Com esse cenário novos bairros se formam. A formação se dá primeiramente em bairros que ficam nos limites do centro ou relativamente próximo a ele, como José Pinheiro, Catolé, Liberdade, São José, Monte Santo, Bodocongó. Esses espaços da década de 1920 até meados de 1950 se apresentam como espaços com características predominantemente rurais, com ausência de água encanada, saneamento básico, transporte público e eletricidade além de casas com características irregulares e de pouco conforto.

Mesmo com as inúmeras dificuldades que esses migrantes enfrentam, a maioria se instalou na cidade e passou a exercer diversas atividades para os seus sustentos. Apresentam-se como profissionais liberais que exercem as profissões de feirantes, pedreiros, sapateiros, lavadeiras e operários. São os migrantes do século XX mais os habitantes que compõem o rosto da Campina tão plural a partir de todo o século XX.

Esses corpos passam a questionar o direito de usar a cidade. E este usar a cidade significava a participação em suas festas, sejam elas religiosas ou profanas, a usar espaços de lazer, questionar e solicitar melhorias para os espaços onde habitavam. Assim, pouco a pouco Campina Grande começa a crescer em números populacionais e essa população vai influenciar diretamente nas reconfigurações dos festejos carnavalescos.

Os festejos carnavalescos até meados do século XX concentravam-se em desfile de blocos nas ruas do centro da cidade. A prática do corso era realizada por pessoas que possuíam automóveis ou dinheiro para alugar um carro e participar do desfile ao som de machinhas de frevo. Por fim, ainda sobre os tipos de festejos havia os bailes em alguns clubes sociais que já existiam na cidade. Enquanto a classe média e a elite campinense faziam o seu carnaval na rua Maciel Pinheiro, os populares ficavam como expectadores daqueles carnavais. Mas como não era possível deter a população nos bairros, a prefeitura municipal a partir de 1950 começou a organizar o Carnaval.

Como não era possível deter o povo nos bairros a Federação Carnavalesca Campinense viu-se obrigada nos anos 50 a organizar, além do Corso, o desfile dos blocos e tribos que passaram a se exhibir nas ruas centrais da cidade. Em 1953, por exemplo, desfilaram “O Paulistano” “O Esporte”, o Momo na folia e Tudo unidos de São José, Piratas da Borborema, Ipiranga, Galo e o Campinense Clube. (SOUZA 2000, p.146)

A Campina Grande que se mostrava como uma cidade com discurso de capital do trabalho, a joia rara do Estado da Paraíba, passa a ter o seu Carnaval de uma forma mais plural. Ao mesmo tempo em que membros da elite exibiam suas fantasias, desfilavam em seus blocos, participavam do desfile do Corso, os populares também usavam o espaço para desfilar em seus blocos, escolas de samba e na apresentação de tribos indígenas e “bois”. Com essa leva de novos rostos e novas formas de participar dos festejos, o Carnaval campinense começa a passar lentamente por um processo de reconfiguração. Para Souza (2000) pouco a poucos as ruas vão sendo deixadas para os populares e os membros da elite passam a se enclausurar nos clubes sociais, espaços que eram marcados por uma grande burocracia para ter acesso, que ia desde a roupa que deveria usar, como se comportar e ser sócio ou possuir ingresso para ter acesso ao clube.

Porém, mesmo os populares podendo participar do Carnaval de rua, eles não estavam “liberados” para fazer os seus festejos da maneira que eles desejassem. A elite Campinense começa a pôr em prática planos para controlar os populares e isso ocorre de duas maneiras: os moradores dos bairros populares são estimulados a participar dos festejos em seus bairros, nos bailes nas SAB ou em clubes sociais ou se enquadrar nos

modelos domesticadores das escolas de Samba. Para o historiador Souza essa tentativa de institucionalizar o carnaval feria o princípio principal da festa que era a espontaneidade e as manifestações notadamente populares:

O projeto que as elites tinham para os mais pobres pode ser sintetizado em três pontos: ou transformá-lo em meros espectadores de um espetáculo alheio- o que absolutamente não aconteceu- ou domesticá-los dentro de organizações carnavalescas- o que parcialmente ocorreu- ou, por fim, simplesmente reprimi-las pela força policial- o que quase sempre não deu muitos resultados. (SOUZA, 2000, p.157)

Esse projeto que foi iniciado pela elite campinense tem sua concretização em 1964, com o golpe civil-militar e com a instalação dos atos institucionais. A partir desse momento cada vez mais os populares e as práticas carnavalescas eram vigiadas, tudo era passado primeiro pela vistoria da delegacia de censura, para posteriormente poder ser colocado em prática. Como esses populares não aceitaram ficar como espectadores do carnaval, passaram a se organizar nas escolas de samba, participar dos bailes em clubes e SAB, ou nos dias de carnaval partiam para o centro para ver o desfile das escolas de samba e participar dos festejos, caindo no frevo e/ou no samba, dois ritmos que coexistiam no carnaval campinense. Além disso, outra prática comum era a organização de torcidas que partiam dos bairros juntamente com as escolas de samba para torcer pela vitória das agremiações, prática que agitava o carnaval campinense.

A partir desses marcos cronológicos, como a década de 1950 e o ano de 1964, o carnaval para os populares passa a ser um lazer permitido. Permitido porque, para que os populares desfrutassem do carnaval, era necessário um conjunto de regras que deveriam ser cumpridas. Além disso como os festejos passam a ser organizados pela prefeitura municipal a verba que era destinada para os populares produzirem suas fantasias, confeccionar e adquirir instrumentos chegava sempre às vésperas do carnaval, o que de certa forma provocava uma dependência desses grupos do financiamento de alguns políticos da cidade. Essa falta de verba provocava uma certa apreensão na qualidade da produção dos desfiles, porque esses grupos sabiam que se fossem rebaixados de posição não receberiam uma boa quantia no carnaval do próximo ano. Por outro lado, essas limitações orçamentárias fortaleciam os laços de sociabilidade dentro do bairro, já que a busca por condições para desfilar no carnaval, no caso das escolas de samba, fazia com que eles promovessem diversos eventos para arrecadar dinheiro, e isso ocorria com apoio dos participantes da agremiação e dos comerciantes do bairro.

O plano que os poderosos tinham para o carnaval da cidade pouco a pouco foi sendo colocado em prática. Do outro lado da história, os populares em seus bairros criavam uma rede de micropoderes para burlar as regras e viver o carnaval. Mesmo em meio aos inúmeros discursos que tentam sepultar o Carnaval campinense, os populares passam cada vez mais a tomar os espaços das ruas que antes eram destinados a elite campinense, não importava se eles vinham nas escolas de samba, nas outras agremiações ou se partiam para clubes, cabarés, *dancing* o que importava é que eles estavam usando a cidade ao seu favor, por mais que os poderes tentassem o tempo todo regular suas práticas.

Para entender essas práticas carnavalescas dos populares, tomei como exemplo a Escola de Samba Unidos da Liberdade e sua relação com o bairro e o Carnaval. Ela serve de exemplo para compreender como o Carnaval campinense passa por esse processo de reconfiguração a partir da metade do século XX. Os marcos cronológicos para compreensão dessas mudanças no Carnaval campinense são os anos de 1974, com o surgimento da escola de samba e 1990 com o surgimento de um carnaval fora de época na cidade. Dois momentos que vão reforçar ainda mais a prática de resistência dos populares contra as inúmeras imposições que eram estabelecidas para a celebração da festa momesca.

3.2 Revivendo memórias, cheiros e sabores um pouco do Bairro da Liberdade

Caminhar pelo Bairro da Liberdade,⁴¹ para mim, é viver e reviver memórias. É passar pelas ruas e cumprimentar cada morador, é ver as mulheres de todas as manhãs, varrendo as ruas das vidas alheias. É ir ao mercado nos sábados e domingos e ver cores e sabores tão distintos que só a Liberdade proporciona. E à noite, experimentar dessas cores e sabores pelas praças, ruas, beijos de amores e desamores, temperos e cheiros que só tem uma gente que sorri para vida com a liberdade de quem vive.

Esse lugar que vivi toda a minha infância e adolescência é um bairro que se destaca e encanta por sua acessibilidade a todos. Assim como Quitéria e sua família construiu sua vida e suas memórias sobre o bairro eu também construí as minhas. Diferente daquele espaço com características rurais que eles habitaram no século XX, eu, moradora do

⁴¹ O bairro da Liberdade localiza-se na Zona sul da cidade de Campina Grande, e possivelmente teve seu surgimento no início do século XX, teve um maior desenvolvimento com a chegada de fábricas, perto da sua localidade.

bairro a partir da década de 1990, passei a construir outras narrativas sobre a Liberdade. Quem mora ou passa pelo bairro da Liberdade encontra vários serviços úteis a população como farmácias, hospitais, restaurantes, pizzarias, feira, lojas de roupas, materiais de construção. A impressão que dá é que os moradores nunca dormem, isto porque durante o dia tem um comércio ativo e à noite atende uma rede de lanchonetes e bares para o lazer da população.

Além dessa rede de apoio, a população do bairro e de bairros vizinhos, quem mora na Liberdade vive euforicamente as festas e a vida política. Tudo no bairro é motivo de festa e essas festas se concentram em um pequeno espaço onde se localizam as suas praças. Carnaval, eleição e futebol são momentos de erupção no bairro, tudo se vive com muita paixão, as ruas nas quais vários nomes de Estados brasileiros desembocam são coloridas com o vai e vem dos moradores e visitantes que constroem as inúmeras narrativas sobre o bairro.

Segundo Michel de Certeau (2012), o bairro aparece com um lugar onde se manifesta o engajamento social, em outros termos, uma arte de conviver com os vizinhos, comerciantes que estão ligados a você através da arte da proximidade e da repetição. Talvez isso explique o porquê de a vida ser vivida com tanta euforia no bairro da Liberdade, tudo é muito próximo um do outro, principalmente porque em um pequeno espaço territorial se concentram muitas casas, comércios, igrejas, becos e vielas.

Porém, o bairro da Liberdade nem sempre foi assim. Através das conversas em família e ao ouvir memórias dos habitantes mais velhos daquele local, falavam que era um bairro com muitas dificuldades. Isto porque nos primeiros anos do século XX, com a chegada da modernidade, o centro da cidade foi se organizando para ser algo mais comercial e os populares que não estavam dentro do discurso modernizador logo foram deslocados para espaços com construções irregulares, problemas com infraestrutura e transporte esses espaços ficavam relativamente perto do centro da cidade; foi o que ocorreu com os bairros da Liberdade e do José Pinheiro.

Não se sabe exatamente quem foi o primeiro habitante, a primeira casa, o primeiro ponto comercial. Daniella Portela (2013), em sua dissertação de mestrado, defende a ideia que o bairro surgiu por causa das fábricas que se instalaram naquele local e consequentemente a fixação de operários para trabalhar nas fábricas de beneficiamento de algodão.

Em meio à seca e à fome, centenas de famílias, em sua maioria, oriundas do Cariri paraibano, vieram para Campina Grande em busca de emprego nas fábricas ligadas ao comércio do algodão, e é justamente nessa época que grandes fábricas se instalaram na cidade, mais especificamente no entorno do bairro da Liberdade, a exemplo da Marques de Almeida (1922), Anderson Clayton (1934) e SANBRA (1935). As fábricas para os populares, talvez fossem um dos símbolos modernos mais acessíveis na cidade, já que eram criadas exatamente para explorar a mão de obra deles. (PORTELA, 2013, p. 24-25)

É nesse cenário que o bairro começa a ser povoado. Porém, as condições estruturais não eram boas. Durante muito tempo a Liberdade era um lugar com muitas áreas rurais, com pequenos açudes e casas de taipa onde saneamento básico, energia, distribuição de água era algo difícil de ser encontrado naquele local. Com a chegada da fábrica e, conseqüentemente, dos trabalhadores, esse espaço foi sendo pouco a pouco transformado em nome da modernidade e do conforto dos trabalhadores. E assim surgiram os comércios e espaços de sociabilidade. Esse processo se dá de uma forma muito lenta, é possível perceber que ruas com calçamento e as melhorias em relação à infraestrutura só chegaram no bairro a partir da década de 1980.

Essas ruas vão crescendo e junto com elas a história do bairro da Liberdade vai sendo construída. Cada tijolo que é colocado na construção das igrejas, casas, praças e estabelecimentos comerciais foi dando vida e cores a esse lugar, cada morador que ali nasceu ou veio de outra cidade ou bairro trouxe consigo bagagens carregadas de sonhos e esperanças, do desejo de ter uma vida melhor, de desfrutar daquele lugar e fazer com que ele fosse seu, por isso essa ideia de pertencimento tão forte com esse lugar.

Esse processo da chegada da modernidade no bairro Liberdade só veio aparecer na metade do século passado como nos mostra Portella (2013):

Foi só no fim da década de 50 que a energia elétrica chegou a quase todas as casas, apenas na década de 60 que as ruas foram pavimentadas e finalmente os moradores tiveram acesso ao abastecimento de água encanada. (PORTELA, 2013, p. 31)

Algumas ruas do bairro permaneceram sem melhorias, pouco a pouco o bairro foi povoado e esses moradores passam a construir com suas características, em suas festas religiosas, profanas, no futebol e na política. É como se esse espaço do bairro fosse um local privado, com algumas regras de convivência e um sentimento de pertencimento. Na década de 1970, quando o carnaval popular já está conquistando os populares, a Liberdade tem a formação da sua primeira escola de samba A Unidos da Liberdade e é a história dessa agremiação que vamos conhecer nas próximas linhas. Como tudo é vivido com

muita euforia no bairro, com a escola de samba não seria diferente, ela com seus participantes iria escrever a sua história no bairro da Liberdade a partir de 1974 e fortalecer os sentimentos de pertencimento entre moradores e participantes da agremiação.

3.3 Abre Alas que a Unidos chegou para preencher o Carnaval Campinense

A Escola de Samba Unidos da Liberdade surgiu em 11 de outubro de 1974, com alguns membros provenientes de outras agremiações que decidiram formar uma nova agremiação carnavalesca para compor a dinâmica dos desfiles carnavalescos da cidade. A Unidos da Liberdade carrega em seu nome o bairro de origem e em suas cores o verde e o branco. É uma escola que durante os seus períodos de desfile levará para a avenida ousadia, inovação e resistência e nesse momento é a hora de conhecer um pouco da história da agremiação que serve de exemplo do que ocorreu com várias escolas que desfilarão no carnaval campinense até o período de 1990, momento em que as festas carnavalescas passam a ter outras configurações.

A Unidos da Liberdade foi fundada com a adesão de alguns componentes que tinham a [Gremista do Samba]. Naquela época era no Açude Novo e daí nós brigamos com o presidente da gremista e nós fomos para a Liberdade, na Liberdade nós fundamos a Escola de Samba Unidos da Liberdade.

A escola de Samba da Liberdade tem como fundadores, Nilson Anchieta Gomes, Maria de Lurdes que ainda hoje é madrinha da escola, eu (José Alexandre Neto), José da Guia que era conhecido por “Burrego”, Carlos Alberto, conhecido como “Macarrão”, teve “fumaça”, teve “Gonzaga”, “Teinha” e esses foram os fundadores, sim: “Carlota” e “Peteca”.⁴²

O senhor José Alexandre Neto foi o responsável juntamente com outros membros por formar a Escola de Samba do Bairro da Liberdade, ele e seus amigos participavam de outra agremiação, uma escola de Samba do bairro do São José chamada Gremista do Samba,⁴³ e segundo narra Zé Neto, houve alguns desentendimentos entre ele e o presidente da escola. Esses desentendimentos eram algo muito comum nas agremiações, fatos que ocorriam entre os membros da própria escola e com as escolas rivais. Porém,

⁴² Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedido a autora em setembro de 2014.

⁴³ Segundo a reportagem do Jornal Diário da Borborema “Escolas de Samba querem desistir do Carnaval. Quarta-feira 10 de fevereiro de 1971 o senhor José Alexandre Neto era presidente da Escola Gremista do Samba, mostrando antes da fundação da Escola de Samba Unidos da Liberdade, ele já exercia um papel ativo no comando das agremiações e essa experiência que ele leva para a agremiação que ele e seus amigos irão fundar no bairro da Liberdade.

ele não dá mais detalhes de que tipo de briga ocorreu, quais foram os motivos, o que se sabe é que a partir desse rompimento o bairro da Liberdade ganha uma nova agremiação. Esses nomes que ele cita são de pessoas que durante os anos de desfiles da agremiação desde a fundação desfilaram na escola, alguns nomes serão de grande importância para o desenrolar dos acontecimentos que farão da Unidos da Liberdade uma escola extremamente ativa no carnaval Campinense.

A data de fundação da escola ocorreu justamente no aniversário de 110 anos da cidade de Campina Grande e teve como componentes moradores do bairro da Liberdade. Possivelmente a ideia de fundar a escola surgiu em momento de diversão, já que o dia era um feriado municipal e os populares estavam de folga de suas atribuições. Os narradores não deixam claro, em qual local a escola foi fundada, mas é possível especular que ela foi idealizada em algum lugar de diversão ou de práticas de sociabilidades: em alguma festa no bairro? Na feira? Na SAB? Na casa de algum membro da agremiação? Esses questionamentos no momento não podem ser esclarecidos, conquanto a madrinha da Escola Maria de Lurdes narre que a primeira sede da escola foi o Clube de Mães do bairro e depois para a SAB, possivelmente essa mudança ocorreu porque os espaços ficaram pequenos para guardar instrumentos e reunir os membros da escola. E depois passou a ser na casa de Dona Lurdes, esses espaços são na mesma rua com poucos metros de distância um do outro. É nesse local que envolve a SAB, o clube de mães, a primeira Igreja católica e a praça que a história da Unidos da Liberdade e do bairro da Liberdade a partir daquele feriado de 1974 passa a ser uma só.

A ideia que foi gestada em um feriado de outubro de 1974 deu certo e no carnaval do ano seguinte a Unidos desfilou apenas com sua bateria, feita principalmente de materiais recicláveis:

O primeiro ano da escola da Liberdade é um troço engraçado nós não tinha (sic) instrumento de qualidade nenhuma, para dizer que nós não tinha (sic) instrumento, nós tinha(sic) vindo com dois ou três surdos, Tarôs, Tamborim para que a gente pudesse fazer a bateria. Começamos a sair toda noite na rua de Campina, principalmente nas ruas João Pessoa, na Maciel Pinheiro, na João Suassuna, pegamos Tambores de Carbureto, os caras colocavam lixo, e foi com esses tambores que a gente fizemos (sic) a bateria da escola de Samba Unidos da Liberdade, onde a gente passava a noite no lugar de tá recolhendo lixo, a gente tava (sic) colocando lixo na calçada e trazendo os tambores. Foi aí que a Unidos da Liberdade surgiu com bateria que o primeiro ano foi esse sacrifício. Já a partir do segundo ano, a gente já teve um desenvolvimento maior.⁴⁴

⁴⁴ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedido a autora em setembro de 2014.

Os fundadores da escola tiveram a ideia de formar a escola, porém faltavam recursos para concretizar a ideia, episódios como esses de falta de recursos é comum na história das agremiações provenientes de bairros populares. De acordo com Zé Neto, após o rompimento com a Escola Gremista do Samba, eles vieram para o bairro da Liberdade com alguns instrumentos e para compor a bateria da escola precisaram recorrer a reciclagem. Passaram a recolher pela noite nas ruas do centro da cidade tambores de carbureto e adaptar esse material para se transformar em instrumentos musicais. Segundo Certeau (1998) o homem ordinário desenvolve o seu cotidiano de mil maneiras e burla o sistema e dessa maneira esses sujeitos desenvolvem astúcias que não são determinadas nem capitadas pelo sistema e o primeiro ano da escola de samba é um exemplo dessas astúcias.

Os membros da agremiação decidiram procurar no lixo o luxo para compor a escola de samba, porque segundo a regra, a verba proveniente da Prefeitura e do Estado só poderia ser distribuída para as agremiações que estivessem devidamente registradas junto a Federação Carnavalesca. A Unidos da Liberdade arruma uma nova forma de desfilar no carnaval de 1975 e leva até ao desfile a sua bateria, que logo conquista novos moradores para fazer parte da agremiação. De acordo com autora Cerqueira (2010) os pobres possuem uma capacidade de resistência e criação ao poder e as condições de vida existentes, é notável a capacidade dos participantes da escola de samba em resistir e exercer uma potência ativa e criadora durante a escassez de recursos.

No segundo ano da agremiação o panorama de envolvimento dos moradores do bairro já foi bem maior, algumas pessoas nunca haviam participado de nenhuma escola de samba e o samba que desde o seu início representava a situação de marginalização em que vivia negros e pobres conquista o coração de mais um bairro popular. Dessa maneira, a partir de 1975 os habitantes daquele bairro popular passam a ouvir nos meses que antecedem os festejos carnavalescos, sons de tambores, tamborins e surdos que ensaiam para animar a agremiação, do mesmo modo algumas costureiras e comerciantes do bairro são chamados a fazer parte da mais nova relação de sociabilidade que se instala naquele espaço.

(...) Tinha gente que nunca tinha participado de nada na Liberdade e então nós começamos a envolver na escola a partir do segundo ano, que foi o caso de Raimunda, conhecida hoje como “Mundinha”, de Marcelo de Sousa Lima, que também, não era, não participava da Escola, e alguém que agora me falha a memória que era presidente da SAB, sim Emanuel Paulista, que deu a maior

força também para que essa escola fosse crescendo e crescendo. Esse foi o maior prêmio que nós conseguimos até agora.⁴⁵

A partir do segundo ano, a Escola ganha maiores proporções e para Zé Neto esse sempre foi o maior prêmio: o envolvimento dos populares do bairro. Homens, mulheres e crianças abraçaram a causa da escola de samba e a partir desse momento um conglomerado de potências criadoras entram em cena. A partir do segundo ano, a escola precisou se organizar de acordo com as normas impostas pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, para poder receber o dinheiro para ajudar com os custos com os desfiles e realmente entrar na disputa pelos prêmios que eram oferecidos para as agremiações que desfilassem no período momesco.

Essa adesão dos populares às escolas de samba é um fenômeno comum em vários bairros da cidade, onde é possível perceber que ao mesmo tempo que surgiam novos bairros, novas agremiações também surgiam. Outro ponto comum é que as escolas de samba que estavam no grupo A, que eram mais antigas nas disputas, ajudavam as escolas do grupo B. Esse surgimento de novas agremiações demonstrava que os populares aproveitam o carnaval na cidade de diversas maneiras e que o crescimento dos bairros fazia com que novas agremiações surgissem nos festejos. Além do mais, aumentava a rivalidade entre os grupos, já que as escolas que estavam no grupo B desejavam subir de acesso para o grupo A e as agremiações que estavam no primeiro grupo não desejavam ser rebaixadas de posição. Assim, para os participantes das agremiações e suas torcidas, essa adrenalina para o grupo de acesso apimentava ainda mais as relações de sociabilidade e envolvimento desses grupos.

A Unidos da Liberdade se apresentou como uma agremiação que gostava de inovar e ousar na avenida. No carnaval de 1978, quatro anos após a fundação da agremiação, e no terceiro ano com desfile oficial no carnaval campinense com todas as alas e componentes, a Unidos leva para avenida a primeira mulher em cima de um carro

⁴⁵ Segundo as matérias do Jornal Diário da Borborema no ano de 1986, Campina Grande contava com oito escolas de Samba divididas entre os grupos A e B. Unidos da Liberdade, Acadêmicos de Monte Castelo, Invasores das Malvinas, Mocidade Independente da Bela Vista eram as agremiações do grupo A, depois Bambas do Ritmo, Águia de Ouro, Em cima da Hora e Caprichosos de Pilares compunham o grupo B.

alegórico vestida com um biquíni, porém, o biquíni que Francinete⁴⁶ usou era branco e o seu tecido bem transparente, o que para a Campina Grande dos fins da década de 1970, com características ainda arcaicas e conservadoras, a polêmica estava instalada:

[...] eu fui a primeira mulher a desfilar nua, a roupa foi um biquíni, tudo nu, na época eu só usava um turbante na cabeça uma capa e por sinal quem levava minha capa era Babá e a sobrinha dela Simon. Ela seguiu minha capa, eu sai em cima de um carro, foi o primeiro carro em escola, [foi uma época gostosa da minha vida]⁴⁷

Francis, no ano do desfile estava com vinte e dois anos de idade, uma mulher negra, pobre e participante da escola desde a sua fundação, aceitou o desafio de enfrentar os inúmeros olhares dos campinenses naquele carnaval de 1978 e exibir o seu corpo e a sua paixão pela escola. Naquele dia de desfile, como de costume desde o primeiro ano de desfile da escola, a agremiação se organizava no bairro, na rua da sua sede e seguia com destino a rua Maciel Pinheiro (local do desfile), porém Francis não saiu com a agremiação, ela e poucos membros que sabiam da fantasia aguardaram a escola no centro, como narra Francis:

[...] No dia mesmo de eu desfilar eu fui de carro até o centro. Eu fiquei até em um apartamento de Lícia de Sinzeno, hoje ela mora na rua São Paulo, mas era ela casada e morava no centro e na época eu me guardei na casa dela. Me troquei lá e quando a escola ia chegando eu me troquei, eu desci e subi no carro. “ishi” foi uma loucura porque ninguém esperava.⁴⁸

Ao tecer a narrativa sobre esse episódio, Francis parece em seu olhar reviver toda a euforia que foi a cometida quando os olhares voltaram-se para ela na avenida, quando subiu no primeiro carro alegórico da Unidos da Liberdade. Pela fala de Francis é possível perceber que além das pessoas que desfilavam na escola havia também uma rede de apoio com pessoas que, por vários motivos, não participavam do desfile, mas davam o suporte naqueles dias de euforia quando chegava os dias de carnaval. O desfile ocorreu e como era organizado pela prefeitura, as agremiações passavam em frente ao palanque, onde estavam alguns políticos da cidade, a imprensa e a comissão julgadora. Quando Francis passa em frente ao palanque ela convoca alguns olhares, inclusive de alguns políticos que financiavam as agremiações.

⁴⁶ A partir daqui Francinete será chamada pelo seu apelido Francis, como ela é conhecida na escola de Samba e no bairro da Liberdade.

⁴⁷ Entrevista com Fracinete Alves da Silva concedida a autora em fevereiro de 2016

⁴⁸ Entrevista com Fracinete Alves da Silva concedida a autora em fevereiro de 2016.

Em 1978, os prêmios para as agremiações eram divididos em primeiro, segundo e terceiro lugar e nas Escolas de Samba ainda havia a premiação para os destaques. Francis conquistou o prêmio de destaque, o que provocou revolta da sua principal rival, a Escola de Samba Bambas do Ritmo do bairro do José Pinheiro, porém, as tramas desse dia não se encerravam com o desfile de Francis.

No dia do desfile, a Unidos da Liberdade e a Bambas do Ritmo tiveram o tempo de desfile reduzido, primeiramente de quarenta minutos para vinte e cinco. Não satisfeito, o presidente da agremiação, José Alexandre Neto, foi juntamente com os membros dos Bambas reclamar a comissão organizadora e ficou acordado o tempo de desfile em vinte e cinco minutos.

Uma massa de pessoas tomava conta das calçadas da rua Maciel Pinheiro quando as escolas passavam, invadindo os limites que eram colocados com as cordas. Segundo os diretores das agremiações, essa “invasão” do povo atrapalhava o desfile das escolas, mas o que ocorria é que esse carnaval “organizado” que se tentava impor na cidade funcionava em partes, o resto o que prevalecia era mesmo a espontaneidade do campinense.

A organização das escolas de samba seguia os padrões das agremiações do Rio de Janeiro e São Paulo, onde após a escolha das escolas vencedoras havia o desfile das campeãs. A Unidos da Liberdade ficou entre as três primeiras colocadas. Mais uma vez a escola se organiza para ir desfilar e Francis, dessa vez, sai do bairro junto com a agremiação. No dia do desfile das campeãs o tempo estava chuvoso, no entanto, mesmo assim aconteceu o desfile. Quando a Unidos da Liberdade chega ao centro da cidade para desfilar a chuva começa a cair e o biquíni de Francis que era branco ficou transparente.

As pessoas quando me viram com a roupa ficavam gritando, quase me mataram querendo tirar do carro a polícia teve que me tirar, me ajudou. José Luiz⁴⁹ pediu para a polícia cuidar de mim, me proteger essas coisas, muita agitação eu fiquei doida um monte de dia. Cada um queria me apertar. Foi uma agitação na época, fiquei sem poder sair, eu saía assim o povo ficava tudo me olhando, apontando. Tinha muita gente ignorante. As pessoas antigas ignorantes mas, eu nunca me importei com o povo. Eles falavam muito, minha mãe ficou meio assim, mas depois que ela me viu na avenida...Foi loucura, eu corria a polícia me tirou porque os Bambas queriam me matar, tem essas coisas né! Quiseram até me derrubar do carro, um dos caras dos Bambas, aí Manezim se encostou e não deixou. Foi perigoso!⁵⁰

⁵⁰ Trecho da entrevista de Francinete concedida a autora em fevereiro de 2016.

Se por um lado a elite campinense desejava enclausurar os populares em um tipo de festejo normatizado e disciplinado o que ocorria nas ruas campinenses era bem diferente, porque o que ocorria nos dias de carnaval era a vitória da espontaneidade era ela que comandava a festa. Francis não deixa claro quem eram essas pessoas, o que elas queriam para tirar ela de cima do carro alegórico, não se sabe se era por questão do corpo – que alguns desejavam, mas outros não queriam ver – ou até mesmo por membros das torcidas de outras agremiações que não aceitavam que a Unidos da Liberdade levasse para avenida alguém com aquele tipo de fantasia. A Bambas do Ritmo não estava nem um pouco satisfeita com aquele tipo de fantasia, acreditava que pela exibição do corpo Francis havia sido privilegiada na escolha como destaque da agremiação. No bairro alguns moradores também não viram as atitudes de Francis com “bons olhos”.

Aqui na Liberdade muita mulher tem raiva. Tinha tanta mulher que tem raiva de mim. Eu levei tanto nome de coisa ruim, eu fazia raiva, provocava, provocava muito elas. Quem falava de mim, eu fazia raiva. Falava palavras horríveis comigo, porque eu provocava os homens.⁵¹

As moradias dos participantes e a sede da escola ficavam bem próximas, nesse contexto havia moradores que não participavam daquela forma de sociabilidade. Os motivos eram vários, por não sentir vontade, por sentirem vergonha, pela doutrina religiosa ou por questões de gênero. As mulheres eram muitas vezes privadas de participar, como Dona Raimunda. Os homens participavam, mas não permitiam que suas mulheres desfilassem. Esse conjunto de não-participantes junto com alguns participantes julgavam as atitudes de Francis, porque ela havia desfilado de tal maneira ou até mesmo porque desde o período da fundação ela sempre buscou ajudar a escola e saía sempre com a bateria pelo bairro, arrecadando fundos para compor as fantasias das escolas. Para Francis, as mulheres eram as protagonistas nesses xingamentos.

⁵¹ Entrevista com Fracinete Alves da Silva concedida a autora em fevereiro de 2016

Figura 4 Francis no bairro da Liberdades antes do desfile



Fonte 5 Arquivo Pessoal de Maria de Lurdes

A fotografia de Francis em alguma rua do bairro da Liberdades, antes do desfile das campeãs, já que como ela narra no dia do desfile oficial ela não saiu do bairro junto com a agremiação. Como podemos observar a roupa de Francis é branca, e no fundo da imagem o céu está com algumas nuvens e que provavelmente choveu eu iria chover ainda e Francis com essa roupa branca, poderia ficar transparente com a chuva. É possível analisar também ao fundo a quantidade de expectadores que estavam concentrados no desfile da agremiação. E podemos ver a espontaneidade e alegria de Francis na fotografia, mostrando que ela estava feliz com o papel que exerceria na escola, culminando com aquilo que ela narra.

Para Certeau (2012) no bairro existem regras de conveniências e quando você sai de dentro da sua casa, que é o espaço privado, você corre o risco de ser julgado por suas práticas. O que ocorreu com Francis, nesse episódio, foi o julgamento, porque ela desfilou de tal maneira no carnaval, ou até mesmo como ela narra, ela gostava de provocar tantos os homens como as mulheres. A prática do bairro implica aderir a um sistema de valores e comportamentos que forcem cada um a se conservar por trás de uma máscara para sair-se bem no seu papel, e quando se fala em comportamento para Certeau automaticamente o corpo entra em cena e suas inúmeras posturas. O que ocorre nesse momento é que para algumas pessoas do bairro, Francis transgrediu as regras de conveniência, porém, não só ela era motivo de “quebra” de regra para algumas pessoas dos bairros e outros membros da agremiação, os travestis também sofreram os olhares de julgamento de algumas pessoas.

Eu tenho o maior orgulho quando o povo fala que eu fui a primeira mulher a desfilar nua. Que fui destaque. Que dei o título. Porque a Liberdade é minha vida, meu começo. Quando eu comecei, crescendo, entendo de alguma coisa foi a Escola que eu amei que eu amo.⁵²

As falas de Francis durante todas as nossas conversas sempre foram de muito orgulho por participar da agremiação. É como se ela se sentisse importante em participar e representar o bairro naquele carnaval de 1978. Porém, aquele carnaval era a despedida de Francis, a Unidos da Liberdade a partir daquele ano não teria mais o brilhantismo e samba de Francis em sua composição, os olhares que tanto a julgaram, fizeram com que o seu pai, a obrigasse ir morar no Rio de Janeiro. Mas o amor pela Unidos da Liberdade fez com que alguns anos depois Francis retornasse a Campina Grande e continuasse a participar do carnaval campinense, resistindo aos inúmeros olhares de julgamento e a um “inimigo” comum de todas as agremiações, as tentativas de silenciamento do Carnaval popular campinense, cena para o próximo capítulo.

Francis deixou as marcas de sua participação na escola em vários lugares, nas memórias de quem participou daquele carnaval de 1978, nos membros da agremiação, nos moradores do bairro e nas capas dos jornais⁵³ que estampavam em suas manchetes a foto de Francis com o biquíni em cima do carro alegórico. A Unidos da Liberdade passou a compreender que a partir desse episódio com Francis ela poderia ir além do que levava para a avenida nos dias dos festejos, então ano a ano a Unidos passou a mostrar na avenida

⁵² Entrevista com Francinete Alves da Silva concedida a autora em fevereiro de 2016

⁵³ Na capa do jornal Diário da Borborema de 9 de Fevereiro de 1978, Francis encontra-se em cima do carro alegórico.

vários personagens que geravam polêmicas no carnaval campinense, e talvez essa ação é que lhe dava fôlego para resistir nos festejos e incentivar a concorrência entre as agremiações.

Quando Francis apresentou-se na avenida naquele carnaval de 1978, a Unidos da Liberdade estava apenas escrevendo as suas primeiras páginas na história do carnaval popular campinense. Com o passar do tempo e as reconfigurações das práticas carnavalescas, a escola de samba foi ficando mais institucionalizada e conquistaram mais participantes, com isso a rivalidade entre as agremiações que já existiam e as novas se acirraram mais. Essa rivalidade fazia com que a criatividade e o suspense aflorassem dentro das escolas.

E voltando “a Unidos da Liberdade era uma escola que do lixo fazia o luxo”. Uma escola que realmente dentro de Campina Grande fez tudo diferente. Foi a primeira escola a colocar Topless de mulher, a primeira escola do homem sair realmente de fio dental. Foi a escola que primeiro botou os carros, grandes carros na avenida. Trazia aquela multidão de plateia né?! Foi a primeira escola a ser realmente como as escolas do Rio. Como aqui a gente não deixava de ser enxerida sempre tem aquela explosão. “Olha a liberdade aí gente” (grito) aí aquela queima de fogos, todo mundo esquece a avenida e ficando olhando para o céu. Parece mais noite de São João, mas no fim é a Liberdade que sempre traz alegria e garra para a avenida.⁵⁴

Após seis anos de fundação da escola, com a chegada da década de 1980, a Unidos da Liberdade já havia aprendido como conquistar o seu lugar no carnaval campinense, e conquistava também novos participantes entre eles Raimundo Formiga, carnavalesco muito ligado às práticas culturais, que migrou do sertão paraibano e fixou suas raízes na cidade de Campina Grande. Após sua chegada Formiga é convidado para participar do carnaval campinense, são suas ideias que fazem a Unidos da Liberdade brilhar durante toda a década de 1980 no carnaval campinense.

Como carnavalesco da escola, Formiga e seus amigos passam a cada ano a inovar nas escolhas dos temas, confecção das fantasias e como gerir a agremiação com baixo custo, por isso que ele cita que “a liberdade do lixo fazia o luxo”. Os temas dos desfiles procuravam sempre não polemizar, nem criticar algumas figuras políticas da cidade, talvez isso tenha ocorrido por três motivos: o primeiro se tratava das proibições que

⁵⁴ Raimundo Formiga é ator, diretor de teatro, iluminador, maquiador e decorador de festa. Sua relação com a Escola de Samba Unidos da Liberdade começa a partir dos anos 1980 quando ele vem da sua cidade natal que é Coremas que fica no alto Sertão do Estado Paraíba e passa a participar da Escola de Samba como carnavalesco. Ele produzia fantasias e adereços para a escola e participava da escolha do tema. Também desfila na escola como destaque. Mesmo quando a escola deixou de participar do carnaval de Campina Grande Formiga continuou fazendo parte dos festejos com o bloco da saudade. Com a volta da escola ele continua como carnavalesco.

cercavam o carnaval campinense desde a instalação da Ditadura Civil-Militar e a vigilância que esses grupos sofriam. O segundo é que desde a institucionalização, esses grupos dependiam do financiamento da prefeitura e do Estado e de alguns políticos, por isso eles evitam criticar ou ridicularizar tais personalidades. E por fim eles assumiam tais posturas como forma de resistir aos inúmeros macropoderes que circulavam no carnaval campinense.

Esse lugar de silêncio em relação principalmente às figuras políticas, não significava que eles eram pacíficos em seus desfiles, eles apresentavam críticas à sociedade e em seus desfiles levavam pessoas que eram estigmatizadas. A Unidos começa a inovar em seus desfiles e o primeiro passo é quebrar a rotina de imitação das escolas do Sul. A Unidos foi a primeira escola a criar o próprio samba enredo e levar para a avenida o primeiro carro alegórico com homens e mulheres seminus, o que fazia com que o carnaval ficasse mais apimentado, isto porque as outras escolas tentavam ficar no mesmo patamar ou maior de inovação para conquistar os títulos e as torcidas.

As escolas de samba que desfilavam no carnaval campinense copiavam até o início da década de 1980 samba- enredo e tema das escolas da região Sul do país, vários fatores contribuíam para esse fato, o primeiro é que esses grupos sofriam uma vigilância muito forte por parte do Departamento de Censura, o que de certa forma inibia a criatividade, já que muitos temas eram proibidos. Como esses grupos sofriam muito com problemas da distribuição de verbas, trazer temas que criticassem os poderes públicos e alguns políticos que a financiavam podia prejudicar o seu financiamento. A Unidos da Liberdade como uma escola que sempre trouxe para o carnaval campinense muita inovação decidiu no ano 1982 trazer o primeiro samba-enredo produzido por membros das agremiações locais.

A Liberdade foi a primeira escola a inovar com carro alegórico e samba enredo que ninguém tinha. Inovar com carro alegórico que ninguém tinha. Foi a primeira escola a colocar um Travesti na avenida que era um Deus nos acuda e também foi a primeira escola a colocar uma mulher nua na avenida.⁵⁵

Como fundador da escola, José Alexandre Neto narra, eles ousaram na avenida com a colocação de travestis, mulheres seminuas, porém, alguns campinenses não gostavam do que viam naqueles dias de desfiles e começaram a taxar as agremiações.

A gente sempre contou com o povo mais humilde, o pessoal do poder aquisitivo melhor sempre taxava a escola porque tinha muito marginal,

⁵⁵ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedido a autora em setembro de 2014

travesti, mãe solteira aí a gente não era bem visto, quer dizer, por essa comunidade maior. Agora a comunidade menor, essa não! Vinha de braços abertos, colaborava com a escola, estava lá na avenida, brigando com a gente. Tudo! É quem ajudava a fazer carro, fantasia.⁵⁶

Enquanto alguns taxavam as escolas, do outro lado o pessoal mais humilde era quem ajudava as agremiações, eram pessoas estigmatizadas pela sociedade que faziam da participação uma criação de subjetividade. A subjetividade se insere em todos os campos da produção social e material, e para o filósofo Deleuze (1996) há duas formas de produzir essa subjetividade: a partir de uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo vive essa subjetividade tal como a recebe, que parcialmente foi o caso de algumas práticas carnavalescas ou os indivíduos vivem uma relação de expressão e criação na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade produzindo um processo de singularização.

A produção de um processo de singularização foi a forma que os grupos carnavalescos, no caso das escolas de samba, usaram para sobreviver no carnaval campinense, então eles passam a produzir desfiles cada vez mais criativos, a envolver mais ainda a comunidade e alguns setores da iniciativa pública e privada. Essas estratégias serviam para a criação de micropolíticas dentro dos bairros o que fazia com que esses grupos se fortalecessem dentro do carnaval campinense. E a Unidos da Liberdade torna-se uma das peças principais na criação desse processo de singularização.

Vários episódios marcam os desfiles da Unidos da Liberdade. Durante os dezesseis anos sobre os quais estudei sobre os desfiles, a escola sempre teve uma relação muito harmoniosa com a problemática de gênero. A composição da escola contava com uma variedade de pessoas que iam desde as crianças que desfilavam em alas específicas, como mulheres e homens principalmente negros, homossexuais, travestis e participantes de religiões com matrizes africanas, mas um dos principais membros que foram citados por todos os narradores é a participação dos homossexuais, em que segundo os narradores eles proporcionavam “um brilho maior” nas agremiações.

[...] tinha os “viados” que fazia a minha maquiagem, Peteca, me maquiava, mas sempre foram os viados (sic) eles sempre foram de fazer a beleza da escola. Que viado é jeitoso, é arte, é criativo é isso! A gente chamava muito atenção. Era bonita a nossa escola.⁵⁷

⁵⁶ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedido a autora em setembro de 2014

⁵⁷ Entrevista com Francinete Alves da Silva concedida a autora em fevereiro de 2016

Mais uma vez Francis traz em sua fala bastante emotividade ao falar dos seus companheiros de carnavais. Segundo ela, os homossexuais eram responsáveis por maquiar as mulheres no dia do desfile – essas relações se estendiam além dos dias de desfiles – e eram responsáveis também por costurar, bordar e abrilhantar as escolas nos dias de desfiles. Peteca, que Francis cita, era a rainha da bateria, desfilava como passista de maiô e com adereços que tinham bastante plumas e paetês. Além de ser uma figura conhecida no carnaval, Peteca também é muito lembrado no bairro assim como o seu companheiro de desfile Carlota.

A maior polêmica que gerou com a Liberdade foi porque Carlota [o travesti] já era uma pessoa conhecida em Campina, além de ser um travesti conhecido era um cara que era ator e estava sempre ali na liberdade. Então nós botamos Carlota no primeiro ano em cima de um carro alegórico que foi uma Kombi que nos cobrimos e botamos um tablado em cima, ficou com quatro metros e meio de altura e Carlota veio em cima. Isso foi um escândalo, porque Carlota veio de maiô, um maiô mesmo que nem toda mulher poderia usar um daquele e Carlota colocou, até hoje a gente ficou impressionado. Aí veio a polêmica.⁵⁸

Para a Campina Grande que tentava mostrar-se como ordeira e defensora dos “bons costumes”, e nesse momento entrando na década de 1980 com o surgimento de mais um novo título como capital cultural, cenas como essa ainda chocavam os habitantes da cidade e mexiam no imaginário local. Porém, Carlota como um artista encenava os seus personagens com maestria e gerava uma certa dicotomia entre aqueles participantes dos desfiles que já nutriam uma certa paixão pela agremiação. Carlota gerava polêmica em alguns setores da sociedade e entres as escolas de samba rivais. Pelas narrativas dos participantes da escola, a Unidos sempre gostou dessa ousadia, além de colocar travestis *seminus* na avenida, ela também colocou mulheres e ainda na década de 1980 proporcionou um desfile com várias passistas com *topless*.

Ano a ano a escola de samba se aperfeiçoava e chamava atenção daqueles que iam assistir aos desfiles. Conquistava os jornais que dedicavam várias páginas com fotos e reportagens sobre como a agremiação desfilou. No ano de 1980, a Unidos levou para avenida o tema “Abolicionista”, fazendo refletir um pouco sobre as práticas da escravidão e como a figura de José do Patrocínio foi importante na luta pela abolição da escravidão no Brasil:

(...) Desfilou com o carro rodeado de escravos e os figurantes, caracterizando José do Patrocínio, além de um carro com uma vidente, uma ala de baiana, a princesa Isabel com mosqueteiros, uma fantasia de dama antiga, uma princesa e uma marquesa, tudo dentro do tema “abolicionista”. Desfilou ainda com uma

⁵⁸ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedido a autora em setembro de 2014

ala de baianas na lavagem do Senhor do Bonfim e com uma demonstração de capoeira (...) ⁵⁹

Analisando os temas que a escola apresentou é possível perceber que se escolhia mais temas que estivesse relacionados a outros lugares do país do que à própria cidade. A escola ainda era iniciante no carnaval e evitava temas que ficassem em um patamar político. Nesse mesmo ano, a escola Unidos da Liberdade ficou no segundo lugar e rejeitou o troféu de melhor samba enredo. Nos anos aqui estudados cada categoria da escola concorria a um prêmio e depois havia a colocação geral, onde era entregue o troféu. A escola sempre foi muito competitiva e quando era injustiçada nas colocações reivindicava cada ponto e fazia tumulto nas apurações. Isto porque desejava que fosse reconhecido todo o seu esforço e também porque não gostavam de perder um pontinho que seja para a sua principal rival, a Escola de Samba Bambas dos Ritmo. Os episódios de perda faziam com que no ano seguinte a agremiação voltasse com uma sede de vitória e de vingança pela “injustiça” sofrida.

No ano seguinte, “Em suas cores verde e branca com muita pluma e paetês (a unidos da liberdade) foi a grande campeã deste ano de 1981 ⁶⁰” apresentando tema e samba-enredo sobre a Bahia. Mais uma vez, a Unidos da Liberdade brilhou na avenida, em seu primeiro carro alegórico fez uma homenagem ao senador Argemiro de Figueiredo, homenageou os Orixás como Iemanjá, Oxóssi e Xangô. Como destaque havia uma mãe de santo na avenida jogando seus búzios e do seu lado um pai de santo sendo elogiado pelo seu samba enredo e sua desenvoltura na avenida.

(...) Nota alta para o autor do samba enredo da “Unidos da Liberdade” você merece. A bateria da escola deu um verdadeiro show com sua batucada, agradando a todos era o comentário geral, também das bonitas mulatas”.

(...) A escola vencedora conseguiu trazer para a rua Maciel Pinheiro Quartel general da folia-mais de mil pessoas que formavam a sua torcida. ⁶¹

O samba enredo foi muito elogiado sendo comparado com as escolas de samba do Sul do país, além disso a Unidos da Liberdade contou com uma torcida muito acolhedora que trouxe a escola do bairro até a avenida, comemorando fortemente o título e atizando a torcida da sua principal rival. E com esse samba enredo a Unidos apresentava para a avenida a religião dos seus principais participantes, contar sobre as religiões de matrizes africanas também era um ato de resistência dentro de uma sociedade na qual

⁵⁹ Diário da Borborema 21-02-1980 P. 2

⁶¹ Diário da Borborema 05-03-1981 P.9 Variedades

predominavam as práticas cristãs. Segue um trecho do samba enredo tão elogiado pelo autor da reportagem do *Diário da Borborema*: Olha lá quem vem chegando/É a unidos a desfilar/ Vem mostrar na passarela/ suas belezas/ E a Bahia exaltar/ Salve a Bahia, Ô, Ô.

Mergulhando ainda no universo da cultura popular, a Unidos da Liberdade ficou como vice campeã no Carnaval de 1982, em seu samba enredo trazia uma homenagem a Netuno, o deus dos mares, segundo a mitologia romana. O componente destaque foi Raimundo Formiga que conta com bastante emoção e detalhes como ele estava nesse ano na avenida:

E eu vinha no outro carro na frente de Netuno com dois peixes, realmente de topless e na frente praticamente o abre alas vinha Lucy Pereira e Da Paz, aí pronto nesse carro que chamou atenção. (...) A nossa madrinha nessa época era Maria, uma grande sambista que sempre vinha do Rio (Era prima de Josefa, que era porta bandeira). E assim ela saiu de topless só com duas borboletinhas no bico do peito. Isso para Campina Grande na época foi... A unidos da Liberdade tá sendo depravada! Só tá vindo homem nu, e mulher nua, e a escola sempre crescendo com isso.⁶²

Como Carnavalesco da escola Formiga, narra o episódio com bastante detalhes. Além disso ele lembra de como esse *topless* das mulheres repercutiu na sociedade da época, e que mesmo em meio às críticas, às acusações de que a Unidos da Liberdade estava sendo “depravada”, ele sentia que as pessoas gostavam disso: era o que chamava atenção, aquilo que para a sociedade era considerado como diferente e inovador.

Nesse mesmo ano Formiga mais uma vez nos emociona em sua fala, como carnavalesco da escola ele enfrentou muitos desafios, principalmente o de convencer os membros a encarar o personagem. Assim como ocorreu com seu amigo Carlota:

Foi a primeira Travesti a sair dentro de Campina Grande, com a cabeça raspada feito a Piná. Foi um tema muito bonito chamado Lendas do Mar(...) E eu disse: Carlos, só sai comigo no carro, se você fizer a Nega Pina, de cabeça raspada e ela chorou, esperneou disse que não queria cortar o cabelo⁶³.

Sabemos como na nossa sociedade o cabelo tem uma representatividade muito forte, ele é sinônimo de beleza e vaidade e para cortá-lo de uma vez requer várias reflexões. Tirar o cabelo para encarar o personagem apenas no carnaval tem uma representatividade muito grande, não só para Carlota, como também para Raimundo o carnavalesco e demais membros. O que demonstrava que essas pessoas levavam os desfiles muito além do que uma prática de celebrar o carnaval. Para desfilar como Pina Carlota

⁶² FORMIGA, Raimundo. Trecho do depoimento concedido à autora em março de 2016.

⁶³ FORMIGA, Raimundo. Trecho do depoimento concedido à autora em março de 2016.

precisou se desfazer do seu cabelo e Formiga narra como foi esse momento em que Carlos chegou à sede da escola de samba para se arrumar para o desfile.

(...) Mas, e eu fazendo a roupa de Carlos (A Carlota) quando foi de tarde, quando estava todo mundo pronto, chega Carlos, com a cabeça raspada, aí tira (sic) o chapéu e diz: Formiga, me dê a roupa (choro). E assim lá vai eu preparar Carlos (...) ⁶⁴

Mesmo com um tema que provocava curiosidade sobre a mitologia romana não deu para ela levar o título de campeã do carnaval de 1982. Acontecendo apenas no ano seguinte quando a Unidos leva para a avenida a ideia de que o carnaval é como um reino de sonho, se concretizando como campeã dos festejos daquele ano de 1983.

Em 1984, a escola chegou com um tema que falava de algo mais regional: “Das maravilhas do Planalto surgiu o esplendor da Borborema”, exaltando a cidade de Campina. Porém, dessa vez não deu para levar o título de campeã. Essa perda do título para sua principal rival provocou muita revolta por parte da Unidos da Liberdade e por outras agremiações. Alegando que a comissão julgadora dos festejos daquele ano não entendia nada de carnaval.

⁶⁴ FORMIGA, Raimundo. Trecho do depoimento concedido à autora em março de 2016.

Figura 5 Membros da Escola de Samba Unidos da Liberdade carnaval de 1984.



Fonte 6 Arquivo Pessoal de Maria de Lurdes⁶⁵.

Na imagem é possível perceber os membros da agremiação, vestido em suas cores verde e branco com destino ao desfile de 1984, é possível também perceber algumas pessoas que não estavam com roupas e adereços da agremiação e que mesmo assim a acompanhavam pelas ruas do bairro da Liberdade até o local do desfile. É possível analisar também que aqueles que não acompanhavam olhavam de suas casas a agremiação passar e possivelmente ficam na expectativa para o retorno já que segundo a documentação eles iam e voltavam pelo mesmo local.

Voltaram para casa inconformados com a derrota, mas com a garra de ganhar no ano seguinte. Então, em 1985, a Unidos ainda estava inconformada com o resultado do carnaval do ano passado e levou para avenida como tema “Hoje tem marmelada”, uma crítica ao carnaval do ano passado, afirmando que teve marmelada na escolha da Bambas do Ritmo como campeã.

Após a passagem da comissão de frente, com sambistas vestidos de uniforme branco e gravatás borboletas verde, surgiu a porta bandeira vestida de verde e branco com bordados prateados e verde e acompanhada do mestre sala.

⁶⁵ As fotografias provenientes do Arquivo Pessoal de Maria de Lurdes não possuem uma datação precisa, algumas estavam em seus álbuns de fotos pessoais, outras estavam em monóculos e foram reveladas para melhor visualização.

Luxuosamente fantasiado lembrando os pierrots, chapéus em forma de cone prateado traziam no rosto pintados como palhaços. (...) ⁶⁶

A ideia de estar com rosto pintado como palhaços fazia alusão à derrota no ano anterior, em que eles acreditaram que foram feitos de palhaços pela comissão julgadora. Junto com isso, eles também fizeram uma homenagem ao circo, possuindo quatro carros alegóricos, sempre compostos de travestis e mulheres com biquínis brilhosos que faziam evoluções e dançavam com samba no pé. A bateria da Unidos da Liberdade fez sua apresentação em frente ao palanque principal e depois estacionou dando cobertura a todos os membros da escola que passavam naquele momento. Falar sobre a suposta injustiça no ano anterior fez com que a Unidos brilhasse na avenida e se tornasse a campeã do carnaval de 1985.

O ano de 1986 não foi muito bom para o carnaval da cidade de Campina Grande, a verba sempre demorava a chegar só que dessa vez foi além do que as pessoas estavam acostumadas. Além disso, a alta da inflação e a carestia das fantasias não deixou que a Unidos mais uma vez brilhasse na avenida e fosse elogiada pela mídia. Com o tema sobre “Da era de Aquarius à noite das estrelas” suas fantasias foram comparadas as de grandes escolas do Sul do país. No entanto, não deu para ficar com o primeiro lugar, mais uma vez perdendo para a sua principal rival, a Bambas do Ritmo.

A cada ano que se passava o número de pessoas envolvidas com a Unidos da Liberdade aumentava, chegando no ano de 1987 a colocar na avenida 500 pessoas desfilando pela escola e uma bateria com 120 integrantes provocando aplausos de quem assistia àquele espetáculo nas margens do Açude Velho, o que mostrava que o engajamento popular ano a ano só aumentava. Com o samba enredo “Liberdade é Brasil” a Unidos levou para avenida a ideia que a censura acabou e que agora é a época de Liberdade para o nosso país. “A fase do cruzado passando/no im(pacto) social/ o brasileiro tem sempre um jeitinho /consagrado sabendo driblar/num pedacinho do Brasil/ na nossa escola o grito é geral.”⁶⁷

Com a lenta abertura política que o país passava após a fase de Ditadura Civil-Militar, com as dificuldades políticas, sociais e econômicas, a Unidos da Liberdade chegou e mostrou que aquela fase de atraso já estava passando e que mesmo em meio à toda a repressão o brasileiro sempre conseguia dar o seu jeitinho. Com todos os requisitos

⁶⁶ Diário da Borborema-21-02-1985 P.7 Carnaval

⁶⁷ Samba-enredo – Liberdade é Brasil. Autores Biliu de Campina e Fátima Ribeiro.

exigidos pela comissão organizadora, como baianas, mestre sala, porta bandeira e com o samba enredo que propunham um futuro de Liberdade, paz e amor, a Unidos da Liberdade se consagrou campeã do carnaval de 1987.

É possível perceber que, com o passar dos anos, os membros da escola de samba vão ter uma preocupação em valorizar temas mais locais, fazendo sempre uma alusão a temas relacionados com liberdade. Em 1988, a Unidos traz para avenida o tema Nordeste, com oito carros alegóricos e participação de grupos de dança da cidade, a Unidos levou muito samba no pé para avenida com sua bateria que impressionou a comissão julgadora. Porém, nesse ano a Unidos não ficou nem em primeiro nem em segundo, mas sim em terceiro lugar, voltando para casa com o desejo de, no ano seguinte, fazer e dar o seu melhor.

Quinze anos se passaram desde a fundação da escola, a Unidos já havia passado pela sua infância quando ainda copiava temas e sambas das escolas do Sul do país. Cresceu e levou para a avenida ousadia, além disso aprendeu a falar, a resistir às inúmeras tentativas de silenciamento, aprendeu também a jogar e como um bom jogador celebrou as vitórias, refletiu e questionou as derrotas. Durante o percurso conquistou vários admiradores e rivais. No Carnaval de 1989 ela foi a grande estrela, ou melhor a debutante.

A Unidos transformou a avenida em um grande baile para celebrar os seus quinze anos, o local da festa foi a rua Sebastião Donato, os convidados foram o público presente e a sua torcida, e, por fim, a grande estrela foi a agremiação.

A escola Unidos da Liberdade desfilou sobre o tema de seus 15 anos de fundação, que não é fácil desenvolver, mas foi usada muita criatividade, logo de início um grande bolo comemorativo foi o primeiro carro alegórico. Uma ala muito interessante de passistas representando a festa de aniversário, carregando bandejas decoradas com bolinhos, docinhos, salgados, tudo que se oferece em mesa de aniversário. Pirulitos gigantes levados na mão, chocolates, etc. As baianas em vez de turbantes carregavam na cabeça uma caixa de presente, muito simbólica.⁶⁸

Com o elevado número de componentes a Unidos da Liberdade celebrou os seus quinze anos sendo muito homenageada na avenida principal pelo quesito harmonia, e durante os seus 60 minutos de desfile ela fez com que as pessoas, que estavam na avenida, vibrassem com sua passagem e se admirassem com seus adereços, que foram feitos de materiais recicláveis.

⁶⁸ Jornal Diário da Borborema 03-02-1989.

Quinze anos de glória foi justamente aonde Suzi, saiu do bolo, que foi aonde eu trabalhei mais(...) porque do lixo eu fiz o luxo. Onde o bolo chegou a menina a sair de dentro do Bolo, com as bandejas, os salgados, (copos) refrigerantes era tudo na base de papel, a gente realmente só trabalhou com coisa reciclável.⁶⁹

Quinze anos se passaram desde aquele outubro de 1974, quando os fundadores buscavam no lixo do centro da cidade materiais para compor a bateria da escola, em meio a tantos desafios a escola consegue chegar aos seus quinze anos de desfile e mostra na avenida um desfile com materiais recicláveis, talvez como uma alusão aos primeiros anos da escola ou uma forma de inovar nos desfiles. Por uma questão metodológica, para este capítulo, eu encerro sobre a história da escola no ano de 1989, uma vez que a partir da década de 1990 o carnaval campinense começa a passar por mais um processo de mutação, quando os políticos e mais uma vez a elite começaram a investir no turismo de eventos e os olhares se voltam para outras festas, como o São João e o Carnaval fora de época. Como no fim do desfile, eu me despeço das tramas da Unidos da Liberdade e mais uma vez volto para o bairro, local onde a agremiação comemorava as suas vitórias.

3.4 O Bacalhau na Vara: é hora da despedida do Carnaval

O bairro da Liberdade durante todo o capítulo apresentou-se como o ponto de partida para a produção das memórias sobre o carnaval e sobre a Escola de Samba Unidos da Liberdade. Ele é o ponto de partida para o carnaval, porque era tradição da escola, antes de desfilar no centro, fazer o seu desfile nas ruas do bairro. A escola se organizava e os moradores ficavam esperando para acompanhar a agremiação até o local do desfile, fosse ele na rua Maciel Pinheiro, Sebastião Donato, Severino Cruz ou na rua João Pessoa. Primeiro, a escola deveria apresentar-se para os seus moradores:

Quando a gente sai de quatro horas da tarde da Liberdade. Realmente a Liberdade fica vazia, porque em frente a SAB aquela multidão tudo vendo a Escola, querendo saber a escola que a gente traz tudo escondido e na hora é que vai aparecendo, surgindo. E a escola quando sobe aquela rua Rio de Janeiro é o carnaval da Liberdade.⁷⁰

Embora os macropoderes tentassem enclausurar os populares em um tipo de festejo normatizado e disciplinado, os populares com suas astúcias fizeram dessa tentativa sua resistência. As agremiações que lentamente foram se formando, desde o final da década de 1950, se fortaleceram e esse fortalecimento se deu principalmente com o apoio

⁶⁹ FORMIGA, Raimundo. Trecho do depoimento concedido à autora em março de 2016.

⁷⁰ FORMIGA, Raimundo. Trecho do depoimento concedido à autora em março de 2016.

dos populares. Foi no bairro, no cotidiano e nas relações de sociabilidade que as escolas criaram as suas raízes. Por isso tão importante para eles o desfile ocorrer primeiramente no bairro, com a expectativa de ver seus amigos, vizinhos e familiares representando o bairro. Além disso, aqueles que não desfilavam e ficavam nos bastidores produzindo as fantasias desejavam ver como elas ficaram.

O dia do desfile era o ápice da expectativa para todos, tanto os participantes como aqueles que criticavam as agremiações. A torcida da escola ajudava no trajeto para o local do desfile. Essas pessoas ajudavam a empurrar os carros alegóricos, a proteger o cordão de isolamento e cuidar das crianças que desfilavam na agremiação. Após o desfile, essas pessoas ou a maioria delas voltavam para o bairro com a agremiação. O bairro que foi o ponto de partida também era o ponto de retorno. Cansados, felizes, bêbados e/ou revoltados com o tempo de desfile, era a Liberdade que acolhia todos, e nada mais merecido do que na Quarta-Feira de Cinzas celebrar a ressaca no bairro. Os membros da agremiação após longos meses de produção faziam a sua festa e mais uma vez engajavam todos aqueles que estavam dispostos a mais uma vez estender a mão para ajudar a escola.

[...] A Liberdade começou a crescer e envolver o pessoal da Liberdade, porque quando terminava o carnaval na quarta-feira nós fazíamos um carnaval na vara, era o [bacalhau na vara], onde a gente sai nas ruas de campina, nas ruas da Liberdade mesmo e no mercado, arrecadando alguma coisa, mantimentos, para a gente fazer uma feijoada e daí a liberdade começou a crescer e começou a envolver gente [...] ⁷¹

A prática de fazer esse bacalhau e a feijoada na Quarta-Feira de Cinzas fortaleceu ainda mais as relações de sociabilidade e engajamento com a agremiação. Os membros da escola saíam pelas ruas, nos comércios e na feira livre em busca de alimentos para fazer a feijoada e depois celebrar o carnaval. A comemoração com essa feijoada ocorria nos primeiros anos na casa da madrinha da escola, depois passou a ocorrer na SAB e por fim na quadra. O deslocamento desses locais ocorria porque a cada ano a agremiação ganhava novos membros. Assim como o bacalhau na vara, a festa quando a escola ganhava o título de primeiro lugar ocorria no bairro.

⁷¹ Trecho do depoimento de José Alexandre Neto, concedido a autora em setembro de 2014

Figura 6 Comemoração na SAB do Bairro da Liberdade



Fonte 7 Arquivo Pessoal de Maria de Lurdes

A imagem é de uma festa na SAB do bairro da Liberdade, provavelmente de comemoração ao título, já que em cima da mesa tem alguns troféus. A mulher que está em frente à mesa é Maria de Lurdes, a madrinha da escola. Os outros dois membros ao seu lado não foram identificados. Mas podemos observar que as relações de sociabilidades estavam bem fortalecidas dentro do bairro. Os espaços do bairro eram utilizados para a celebração dos títulos para a arrecadação de recursos para a agremiação. É possível perceber também a participação de outras pessoas que não sabemos se eram membros da agremiação ou apenas frequentadores desses festejos.

O carnaval popular até 1989 apresenta uma configuração com o desfile das escolas de samba, são elas a principal atração juntamente com os bois e as troças carnavalescas. O carnaval de clubes que foi abordado no primeiro capítulo pouco a pouco entra em seu processo de declínio, alguns clubes com características mais populares é que vão se manter por toda a década de 1980. Porém, nem tudo nos desfiles dos populares foi fácil

como aparenta ser, eles tiveram que resistir, criar estratégias para que o carnaval ocorresse e para que eles continuassem a participar dos festejos.

Os populares tiveram que resistir a uma infinidade de discursos que tentavam colocar o festejo como algo decadente, além disso resistir às inúmeras proibições e tentativas de censura, que principalmente os participantes da escola de samba sofriam. Visto isso, convido os leitores a mergulharem comigo no próximo capítulo conhecendo um pouco sobre a história de resistência dos populares e como protagonista mais uma vez teremos a Escola de Samba Unidos da Liberdade.

CAPÍTULO III: “DISCURSOS QUE SEPULTAM E PRÁTICAS QUE RESISTEM”

Os festejos carnavalescos na cidade de Campina Grande nem sempre foram sinônimos apenas de festa, alegria e uma grande euforia carnavalesca, mas sinônimo de muita resistência. As práticas carnavalescas apresentam-se na cidade como um grande espetáculo de teatro, na apresentação tudo aparenta ser bonito, organizado, ensaiado sem nenhuma falha ou nenhum problema, mas quando as cortinas do espetáculo se fecham é tudo bem diferente luta e resistência são as principais bandeiras levantadas. Todos os grupos carnavalescos da cidade são afetados por essas lutas, alguns como os de poder aquisitivo maior não terão a mesma garra para resistir como os grupos populares. As lutas de resistência se davam sobre inúmeras práticas, a primeira que os campinenses irão enfrentar são as ações, durante a Ditadura, de tentativa de censura e de controle que afetavam principalmente os grupos populares, práticas que permanecem até o fim do governo militar. Além disso a mídia jornalística impressa terá um grande papel na criação de discursos que tentam enquadrar o carnaval como uma festa a ser disciplinada, qualquer prática que fugisse das regras da moral e dos bons costumes era fortemente condenada nos jornais. Outro ponto é a tentativa de quebra de tradição o tempo inteiro, os tipos de fantasias que deveriam ser usados, a proibição do uso de mascarás, lança-perfume, do corso ou até mesmo a mudança do local da festa, a repressão da polícia que muitas vezes deseja colocar os populares como espectadores do Carnaval.

Os grupos populares são mais uma vez os atores desse capítulo, isto porque eles quem serão mais afetados pelos discursos que tentam sepultar o carnaval campinense e por práticas políticas que ora os beneficiam e que ora os prejudicam, porém, os populares estarão o tempo todo agindo através das suas micropolíticas criando inúmeras formas de resistência. Em um primeiro momento falaremos em uma Campina sobre os olhos da Ditadura Militar o qual a nomeio de uma cidade Militarizada, os documentos da Escola de Samba Unidos da Liberdade serviram de base para discutir como os grupos populares principalmente as escolas de samba eram vigiadas o tempo inteiro. O período dessa cidade

militarizada começa em 1964 e se estende até 1983 com o início do mandato de Ronaldo Cunha Lima⁷².

Com o governo de Ronaldo Cunha Lima, Campina Grande ensaia os primeiros passos de uma cidade redemocratizada. Os grupos populares estão em total ascensão no Carnaval campinense, o número de agremiações participantes nos festejos cresceu consideravelmente. O prefeito inaugura um novo espaço para a promoção das festas “O Parque do Povo” e a partir daqui um novo projeto político é criado para a cidade, a de transformar as suas festas em festas turísticas para trazer lucro para a cidade. Do outro lado da divisão social a classe alta da cidade não satisfeita em apenas disputar as suas diferenças sociais nos clubes, passam a viajar no período carnavalesco principalmente para a capital do estado João Pessoa que nesse momento já a nova vitrine da Paraíba, o que provocara inúmeras reações principalmente da mídia. Os clubes sociais da alta sociedade campinense não farão mais bailes carnavalescos o que servirá de aporte para a criação de inúmeros discursos colocando o Carnaval campinense como fraco e sem público e o principal deles é a narrativa de uma cidade esvaziada durante os dias de carnaval. Enquanto isso os clubes frequentados por clubes populares continuam a promover os seus bailes.

O samba e o frevo coexistem no carnaval campinense até o fim do mandato de Ronaldo Cunha Lima. Com o fim do governo de Ronaldo o seu filho Cássio⁷³ passa a ser o seu sucessor e é nesse mandato que os populares sofreram um dos maiores golpes de toda a sua história. O axé penetra na cidade e expulsa principalmente o samba do cenário campinense, e o golpe final ocorre em 1989 com a chegada do Carnaval fora de época denominado de Micarande.

São essas tramas políticas e de resistência que serão abordadas neste capítulo: como os populares usaram de suas inúmeras artes de fazer para sobreviver às tentativas de censura, a falta de verbas, os discursos de uma cidade esvaziada durante o carnaval e, pôr fim, a chegada do Axé. O percurso a ser seguindo é através da análise cronológica dos fatos, ressaltando que eles não ocorreram de uma forma linear e continua alguns fatos

⁷² O mandato de Prefeito de Ronaldo Cunha Lima durou de 31 de Janeiro de 1983 até 31 de Dezembro de 1988.

⁷³ Cássio Cunha Lima foi prefeito de Campina Grande de 1º de Janeiro de 1989 até 1º de Janeiro de 1993.

irão aparecer, desaparecer e ressurgir durante todo o período problematizado, como por exemplo a problemática com a questão das verbas.

4.1 Campina Grande Militarizada: A vigilância e a Censura como sombra dos festejos Carnavalescos Populares.

Com a instauração da Ditadura Civil Militar em 1964 e em seguida os atos institucionais a vida do povo brasileiro passa a ser vigiada. A vigilância se dava em vários setores, reuniões em grupos, salas de aulas, grupos religiosos, grupos carnavalescos, ou até mesmo uma pessoa sozinha poderia ser acusada de ser subversiva ou de estar conspirando contra a Ditadura. Em Campina Grande o Regime Militar penetrou na cidade e a vigilância ocorreu em vários setores como ocorria em todo país, no caso da discussão aqui com as agremiações carnavalescas populares entre elas as escolas de Samba. É importante ressaltar que as práticas de vigilância e de censura ocorriam de forma sutil o que muitas vezes passava despercebido por grande parcela da população campinense. Criou-se a narrativa que perdura até os discursos atuais, que aqueles que eram censurados e torturados pelo Regime Militar eram bandidos e vagabundos, o que logo ganhava apoio do censo comum, porém o que ocorria nos porões da Ditadura em práticas bem diferentes.

Nesse ponto a discussão se dará em torno de duas fontes documentais de um lado os narradores que em suas falas não sentem as práticas de vigilância de tentativa mesmo sabendo que elas existiam e do outro lado documentos da Escola de samba Unidos da Liberdade que demonstram uma forte prática de vigilância com esses grupos populares, além dessa vigilância uma forte tentativa de controle para o enquadramento desses grupos no modelo disciplinador que se instaurou em Campina Grande a partir da segunda metade do século XX.

Primeiramente é necessário ressaltar que em nenhum momento da duração do Regime Militar, foram proibidas práticas festivas de caráter popular, carnaval, celebrações religiosas de cunho cristão, celebração das copas do mundo ou festa de finais de ano sempre foram celebradas. E essas festividades eram utilizadas pelos militares como grandes eventos para demonstrar que dentro do país tudo estava ocorrendo da melhor forma possível e assim manipular as massas. A manipulação dos dados ocorria também nos setores econômicos como o falso milagre econômico, os macropoderes responsáveis por essas práticas regulavam as festas com uma quantidade enorme de regras para que elas ocorressem de acordo com a sua vontade e regulação.

Não havia nenhuma censura até porque o carnaval sempre... secularmente o carnaval no Brasil sempre soube driblar a ditadura, até porque no Império havia uma censura tão rígida quanto a ditadura. E do Império vem a tradição. Hoje essa tradição de homem vestido de mulher que a gente chama de caricata é uma coisa que começou no Império quando grandes intelectuais do Brasil, como Machado de Assis, iam para rua fantasiados de mulher para satirizar o próprio Império, que não dava direito à mulher votar. A gente não tinha as eleições para votos, mas tinha os conselhos de intendência, os conselhos disso, conselho daquilo que deu origem à democracia ou regime político. O carnaval sempre teve isso, sempre se utilizou dos ditadores, da sátira aos ditadores sempre se utilizou da ironia do deboche aos ditadores aos reacionários para ser ele o próprio carnaval e o carnaval quando a gente diz que é a liberação do instinto também está nisso de satirizar o próprio discurso da ideologia dominante. Por isso que nos anos 60 a partir de 1964, mesmo com toda a ditadura existente no país, você via e assistia inclusive famílias de presidente da república misturados na rua com o povo, porque o carnaval tem esse poder de vencer até a própria censura, de vencer a opressão e os opressores⁷⁴.

Ao ser questionado sobre as práticas de censura no carnaval campinense, Valter Tavares informa em suas falas que o carnaval sempre ocorreu mesmo em períodos de Ditadura Militar e que muitas vezes as fantasias eram utilizadas para satirizar os ditadores. Porém na Ditadura de 1964 na cidade de Campina Grande isso não ocorria, além de haver um conjunto de regras a serem seguidas, algumas fantasias eram proibidas de ser utilizadas como fantasias religiosas, que afrontassem aos poderes militares. Como Valter abordar a participação de militares e políticos nos festejos eram comuns e em Campina Grande após a institucionalização das escolas de samba, eles sempre estarão presentes no palanque dos jurados que julgavam o desempenho das agremiações, muitas vezes eles usavam esse palanque como forma de adquirir votos ou apoio político, já que eles muitas vezes eram padrinhos de algumas agremiações e as ajudavam na parte financeira.

Como Valter era alguém que no período carnavalesco transitava entre o carnaval de rua é depois o de clube talvez ele não soubesse como se dava a vigilância com os grupos populares e a tentativa de sempre os discipliná-los. Porém, quando ele cita que o carnaval tem a capacidade de vencer até a própria censura, a opressão e os opressores, isto é fato porque mesmo que o tempo inteiro houvesse a tentativa de regular as práticas carnavalescas, o carnaval sempre ocorria, e as pessoas conseguiam driblar os opressores. Será que durante todos os anos de Ditadura os campinenses nunca ousaram usar fantasias que satirizassem o Regime Militar, essas respostas talvez serão difíceis de responder porque algumas práticas de censura eram realizadas bem escondidas na cidade.

Mesmo questionados sobre as práticas de censura Valter insiste em afirmar que elas não ocorriam na cidade de Campina Grande, porém é importante ressaltar que nem

⁷⁴ Trecho da entrevista de Walter Tavares, concedido a autora em 03 de julho de 2019.

todos os anos do Regime Militar se deram de forma linear com uma repressão forte, e no campo dos costumes ela teve uma menor incidência. Então como ocorriam as práticas de censura na cidade? Ou de vigilância? Mesmo antes da instauração do golpe de 1964, haviam inúmeras tentativas de disciplinarização e regulação o que muitas vezes os principais afetados eram os populares. Porém, a partir de 1964 elas passam a ser mais incidentes.

O conjunto de normas elaboradas pelas autoridades, as proibições insidiam sobre quase tudo. Sobre o lança-perfume, as buzinas e sirenes, o uso do talco para não atingir os olhos dos assistentes, a entrada de menores em certos locais, o uso de vestes “inadequadas” para as moças e o uso de transportes “rurais” pelos brincantes. Contudo, não se podia simplesmente proibir a presença de pessoas nas ruas, a pé, a cavalo ou de carro. Iam e vinham de um extremo a outro da cidade. Tomavam banho no açude de Bodocongó, durante o dia; dançavam nas matinês do clube Caçadores á tarde, assistiam o corso nas primeiras horas da noite e, quem podia e aguentava, ia aos clubes a partir das 22 horas, que era quando começavam efetivamente os bailes. (SOUZA, 2002 p.160)

Como as autoridades não conseguiam disciplinar os populares em seus bairros eles os enquadravam em festejo disciplinador. O carnaval sempre foi uma festa que representou o reinado do improvisado da alegria, do mela-mela, da sátira, das críticas as práticas cotidianas e do divertimento na cidade era o tempo todo regulado. Como se faz carnaval com tantas proibições? Sem mela-mela? Sem buzinas e sirenes? Sem máscaras? Sem liberdade? O que se sabe é que os populares não deixam de vir dos seus bairros até o centro para participar do carnaval, e enquanto mais anos se passavam a população aumentava mais essas pessoas partiam com destino ao centro, seja a pé, em transportes rurais, com trajes que para a elite e para as autoridades campinenses eram “inadequados” e muitas vezes se excediam no consumo de bebidas e provocavam brigas. Por mais que houvessem o tempo inteiro uma tentativa de regulação das práticas dos populares eles estavam nas ruas do centro de Campina Grande. Práticas que as autoridades “achavam” que proibiam sempre ocorriam, poderia ser que não fossem vistas nas ruas centrais, mas nos bairros e nos espaços frequentados pelos populares continuaram a existir inúmeras práticas como as brincadeiras de mela-mela, o uso de mascaras, o consumo de bebidas alcoólicas em excesso e as inúmeras práticas amorosas.

Com o passar dos anos, após 1964, as incidências de portarias para as proibições só aumentavam. O carnaval que antes era uma festa organizada pelo povo, através de práticas espontâneas passa a ser cercado por uma leva de instituições ligadas ao aparelho do Estado como aborda SANTOS (2008)

[...] Do juizado de Menores que tentava disciplinar “a participação de crianças nos festejos de momo” em Campina. Da Secretaria de Segurança pública e de da Polícia que tentavam “coibir e reprimir a violência, a roubalheira e os atentados á moral e a os bons costumes” durante o carnaval. Da Ciretran que buscava “organizar o trânsito no período carnavalesco”. Dos jornais locais que tentavam produzir “o brilhantismo a festa”. E do prefeito e seus prepostos, responsáveis pela liberação das verbas para o carnaval. (SANTOS, 2008 p.105)

E assim com essa série de instituições a festa será cada vez mais regulada. Porém, o que as autoridades não imaginavam é que mesmo com essas inúmeras proibições e regras os populares tomavam cada vez mais o seu espaço nas ruas do centro durante o período carnavalesco, fato tão provável que a partir da década de 1980 a Maciel Pinheiro não comportava mais a quantidade de pessoas que vinham de vários locais para participar dos festejos, sendo a festa descolada para a rua João Pessoa, artéria maior e mais larga. Seja no modelo disciplinador das escolas de samba ou em outras agremiações ou até mesmo como espectadores dos desfiles os populares não deixavam de participar dos festejos carnavalesco da cidade. Até o ano de 1983 Campina viveu sobre as “rédeas” de uma cidade militarizada e ano a ano essas instituições que Santos (2008) cita em seu trabalho serão responsáveis por criar várias portarias e regras que deveriam ser cumpridas no período carnavalesco.

Em portaria baixada pela Secretaria de Segurança do Estado, estabelecendo normas para serem “observadas e cumpridas durante os festejos carnavalescos do corrente ano de 1981”, fica proibido “ o uso de trajes sumários atentatórios ao pudor “, assim como invalidades as licenças para uso de armas, mesmo as concedidas pela secretaria.

A portaria tem o seguinte teor que publicamos na sua integra:

O SECRETARIO DE SEGURANÇA PUBLICA, no uso de suas atribuições que lhe são conferidas pelo Decreto Estadual Nº 7.889 de 27 de dezembro de 1978 e ainda.

CONSIDERANDO a imperiosa necessidade de preservação da ordem pública, propiciando um clima de tranquilidade e bem estar a população do Estado;

CONSIDERANDO os direitos e a liberdade individuais, em particular no período carnavalesco, quando as manifestações adquirem características de extravasamento e de excesso;

RESOLVE:

Baixar a presente PORTARIA, estabelecendo normas para serem observadas e cumpridas durante os festejos carnavalescos, do corrente ano de 1981:

1) FICA EXPRESSAMENTE PROIBIDO:

- a) O porte e uso de entorpecentes e psicotrópicos, bem como de confete de isopor, lança perfume, aerossóis ou todo tipo de liquido ou pó tóxico, considerados nocivos à saúde;
- b) O uso de trajes sumários, atentatórios ao pudor;

- c) Durante o período de 15 de fevereiro a 4 de março do corrente ano, o uso de armas, de qualquer tipo, não sendo validas as licenças concedidas pela Secretaria da Segurança Pública;
- d) O uso de fantasias que possam se assemelhar a símbolos de Instituições Públicas, Bandeira Nacional ou de outro país ou a fardamentos adotados pelas Forças Armadas ou Auxiliares, bem como trajes e/ou manifestações que importem em desrespeito a crenças religiosas;
- e) A execução ou canto do Hino Nacional, dos Estados ou de outros países e de canções alusivas as autoridades constituídas;
- f) O “corso” com exceção de carros alegóricos de entidades carnavalescas;
- g) O uso de máscaras depois das 18 horas, salvo em ambientes fechado, após identificação.
- h) O fornecimento de bebidas alcoólicas a menores de 18 anos, na forma do disposto na Portaria do Juizado de Menores para o ano de 1981;
- i) Aglomerações nas calçadas de Quarteis e Repartições da Polícia Civil.⁷⁵

As proibições versavam sobre vários setores dos festejos carnavalescos, começando sobre os trajes que poderiam ser utilizados, o tipo de psicotrópicos e entorpecentes. A proibição de fantasias que atentasse a símbolos nacionais ou religiosos. A proibição da realização do Corso que era algo tão comum nas festividades carnavalesca da cidade e uma maior vigilância sobre os menores de 18 anos. O que se pode observar e que as práticas carnavalescas populares sempre foram vítimas de regulação em Campina Grande do século XX, mesmo que no início da portaria houvesse a reserva do respeito as liberdades individuais, que muitas vezes eram afetadas e silenciadas.

Mesmo com esse conjunto de regras a serem seguidas os populares não sentiam as práticas de censura ou de tentativas lhe afetarem. Embora seja possível perceber que pelos números de documentos e regras que os membros das escolas de samba deveriam apresentar a delegacia de censura eles eram submetidos a uma vasta vigilância e em suas falas eles não sentem essas práticas lhe afetarem como narra o carnavalesco da Unidos da Liberdade, Raimundo Formiga.

Achava uma cidade muito rústica tipo da Ditadura Militar, da Censura. Qualquer coisa dizia: Cuidado com a Censura, cuidado na Censura. E por debaixo do pano a gente não... A gente precisa quebrar esse Tabu né? Porque lá faz, o Rio faz e porque a gente não pode fazer?

Não, ao meu ver eu nunca passei por isso. Como carnavalesco e membro da Escola.⁷⁶

⁷⁵ “Licença para uso de armas não serão validas” Jornal Diário da Borborema p.8 25 de fevereiro de 1981.

⁷⁶ Entrevista com Raimundo Formiga concedida a autora em

Embora Formiga tenha chegado a Campina após 1975 as práticas de vigilância e censura continuavam a ocorrer, em suas falas ele apresenta Campina como uma cidade muito rústica, talvez porque ele transitava por outras cidades e Campina Grande mesmo com a chegada da década de 1980 continuava com discursos de uma sociedade patriarcal que preservava sempre pelo comportamento e pelos bons costumes. E Raimundo primeiramente como carnavalesco condenava alguns costumes e comentários que existiam na cidade durante o desfile carnavalesco e após eles.

Outro ponto é que Formiga afirma que havia um certo temor com a censura, mesmo negando haviam sempre alertas, porém ele não entra em mais detalhes sobre o que eram esses alertas e usa um dito popular que por “debaixo dos panos” ele realizavam práticas que poderiam ser censuradas e ainda questionam se no Rio de Janeiro e São Paulo fazia porque em Campina Grande não se poderia fazer? E realmente no caso da Unidos da Liberdade como foi abordado no capítulo anterior a agremiação mesmo sobre a ameaça dessa censura, levava para a avenida fantasias e pessoas que para os bons costumes significava uma afronta. E muitas vezes havia a tentativa de um desfile prévio como uma forma de controle dos corpos como nesta reportagem do Jornal Diário da Borborema de 1974.

[...] Por outro, não tem fundamento a notícia de que a Prefeitura teria exigido um desfile prévio das escolas de samba, blocos e troças, uma vez que a solicitação partiu da própria comissão organizadora do Carnaval, que com isso quis avaliar as condições em que se encontravam as agremiações, incentivando as que mais se destacassem na apresentação que seria sem fantasias, uma medida das mais lógicas, uma vez que mesmos as grandes batucadas do Rio, só no carnaval que vão apresentar suas fantasias para não quebrar o ineditismo da apresentação.⁷⁷

Na reportagem a Prefeitura negou que havia exigido o desfile prévio das agremiações e colocou a culpa na comissão organizadora do carnaval. Essas comissões que durante os anos estudados apresenta inúmeras nomenclaturas eram responsáveis pela “organização” dos festejos e distribuição de verbas que eram repassadas pelo Governo do Estado e pela Prefeitura Municipal. A comissão organizadora também era responsável por registrar as agremiações e segundo a reportagem do Diário da Borborema de 1974 teria exigido o desfile prévio das agremiações.

⁷⁷ Jornal Diário da Borborema, 1 de fevereiro de 1974.

Segundo a reportagem o desfile deveria ocorrer sem as fantasias, e os que mais de destacassem nos desfiles receberiam as verbas e estavam autorizados a participar dos festejos carnavalescos. Práticas como essas representavam uma quebra de tradição e uma violência com os grupos populares, porque eles deveriam mostrar se havia condições para desfilar. Como se o carnaval, a alegria, a espontaneidade fossem a mesma que ocorre nos cinco dias do reinado de momo. Além disso, a verba todos os anos chegava apenas nas vésperas dos festejos, quando muitas vezes as fantasias já estavam finalizadas, mas uma vez o modelo disciplinador entra em cena.

[...]Segundos as explicações ouvidas de Gil Gomes, presidente da COCA, o que se resolveu estabelecer quando se falou em distribuição de verbas às escolas de samba e blocos, foi um critério que permitisse agraciá-los com subvenções apenas as escolas realmente formadas.

“O que acontece, explicou ele, é que sempre, nos anos anteriores, na hora da distribuição da verba aparecia umas 40 escolas de samba na lista de subvenções. A maioria sem condições de aparecer. Então ano, decidimos que seria preferível dar o dinheiro a poucos conjuntos, dez talvez, mas que apresentassem boa bateria e coreografia. Quando pedimos que as escolas desfilassem para a Comissão, para decidir quem teria condições de representar Campina Grande em matéria de Carnaval, não exigimos que estas se apresentassem com vestimentas. Seria apenas um teste de bateria e coreografia.”⁷⁸

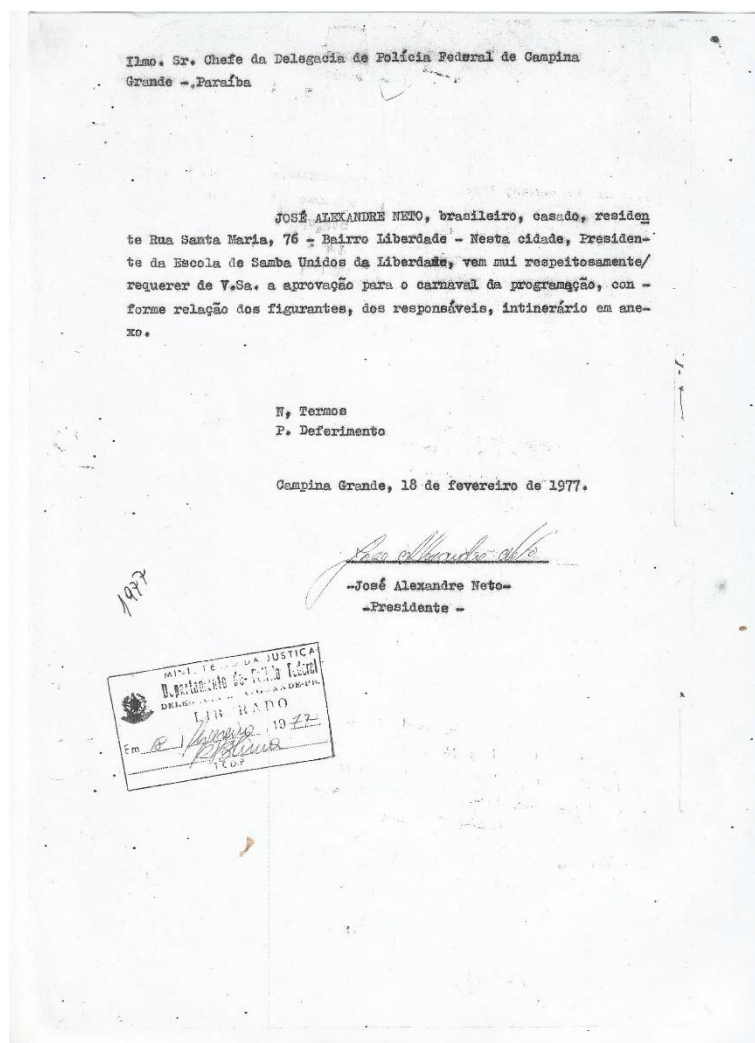
De acordo com o presidente da comissão organizadora, sempre apareciam blocos e escolas de samba que segundo eles não estavam aptos a desfilar e não mereciam receber parte das verbas. Práticas como essas fazem parte do modelo disciplinador em que os populares deveriam se enquadrar e além disso se não estivessem aptos para o desfile deveriam ficar apenas como expectadores dos festejos. O Jornal Diário da Borborema não apresenta em suas páginas seguintes ou próximas edições se houve ou não o desfile prévio para a avaliação dos grupos carnavalescos. Possivelmente não houve porque os populares sempre foram ativos em questionar quando algo não os agradava e o jornal fazia questão de divulgar todas essas querelas. O que se sabe é que na administração de Enivaldo Ribeiro⁷⁹ sempre houveram algumas prévias carnavalescas para movimentar os festejos na cidade e que só desfilava a bateria e algumas passistas sem as fantasias que iriam usar nos dias de desfile.

⁷⁸ Jornal Diário da Borborema, 1 de fevereiro de 1974.

⁷⁹ O governo Municipal de Enivaldo Ribeiro ocorreu de 31 de janeiro de 1977 até 31 de janeiro de 1983.

O que a reportagem traz para a discussão é que como o modelo disciplinador já estava instaurado eles precisavam arrumar uma forma de selecionar os grupos populares aptos a receber as verbas e a desfilar nos festejos carnavalescos e a solução deveria ser realizada de uma forma que aparentasse um carnaval institucionalizado, porém o que vai ocorrer é a junção de um modelo disciplinador e militarizado. O primeiro é o enquadramento dos populares em um tipo de festejo que suas práticas pudessem ser controladas e do outro uma vigilância prévia que tentava exercer o controle sobre as práticas que pudessem significar algum tipo de afronta ou conspiração contra o regime ditatorial. Com isso as agremiações deveriam apresentar alguns documentos que comprovassem o número de participantes, os responsáveis pela agremiação no caso da composição da diretoria e apresentar o tema e o samba enredo para o Departamento de Polícia Federal. Esses documentos passariam por uma análise e se fossem autorizados as agremiações poderiam participar dos festejos carnavalescos.

Figura 7 Pedido de autorização para participação no Carnaval de 1977



Fonte 8 Arquivo da Escola de Samba Unidos da Liberdade

O primeiro documento⁸⁰ a ser analisado é um ofício enviado ao Departamento de Polícia Federal pelo presidente da escola José Alexandre Neto, no documento como podemos ver havia todas as informações sobre o endereço, o estado civil e o cargo que ele exercia na agremiação. O pedido principal era a autorização para participar dos festejos carnavalescos, porém para a aprovação segundo o documento era necessário anexar a lista de figurantes. Essa lista era composta pelo nome completo e endereço de todos os participantes da agremiação, os responsáveis e o itinerário que a escola percorreria ao sair do bairro até o centro onde ocorreriam os desfiles e também em alguns documentos é possível perceber que o samba enredo deveria ser anexado e analisado.

A participação das agremiações dependia de um conjunto de fatores. Primeiramente a regulamentação das agremiações, posteriormente a dependência de verbas provenientes do Estado e da Prefeitura e, por fim, da autorização da Polícia Federal e do Delegado da Vigilância geral e costumes. Mais uma vez essas práticas representavam uma agressão às festas carnavalescas, como se os populares só pudessem participar dos festejos se estivessem em um modelo disciplinador, regulador, não poderiam cometer “excessos” e logo após o desfile deveriam retornar para os seus bairros. A vontade de participar da festa, marcada pela alegria dependia também de um carimbo de aprovado ou reprovado pela Polícia Federal.

⁸⁰ Os documentos que serão analisados são todos do arquivo da Escola de Samba Unidos da Liberdade, todos eles foram disponibilizados pela madrinha da escola Maria de Lurdes. Os documentos só foram disponibilizados quando o período da pesquisa com história Oral já estava encerrado, não sendo possível buscar maiores informações sobre eles. Além disso, dentro da escola de samba existe algumas querelas que dificulta a entrega de alguns documentos e fotos, isto porque a Unidos da Liberdade ainda resiste desfilando no carnaval campinense e alguns membros da antiga composição continuam a participar juntamente com novos o que gera um quadro de disputas internas principalmente em torno de tudo que diz respeito a história da agremiação.

Figura 8 Licença Periódica

Delegacia de Vigilância e Controle
Setor de S.C.D.P.
CAMPINA GRANDE

ESTADO DA PARAÍBA
SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
Serviço de Casura de Diversões Públicas

LICENÇA PERIÓDICA N.º 24

O Sr. JOSE ALEXANDRE NETO

tem permissão para fazer funcionar, sob sua responsabilidade a seguinte diversão: ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DA LIBERDADE

Local do funcionamento: Parque dos Centauros

desta Cidade

Período de funcionamento: Durante os Festivos Carnavalescos

Campina Grande, 24/02/79
3680-7880/808

CICERO LUDUGERO PEREIRA
Cap. PM-P/2 DELEGADO DE VIGILANCIA GERAL
E COSTUME

OBSERVAÇÃO Esta licença, a cuja despesa se referem as anotações de verso, foi expedida de conformidade com o estabelecido no Decreto 777, de 17 de Maio de 1955, (Regulamento do S. C. D. P.) E Lei 3208 de 14-10-1964.

Em 24, 02, 1979

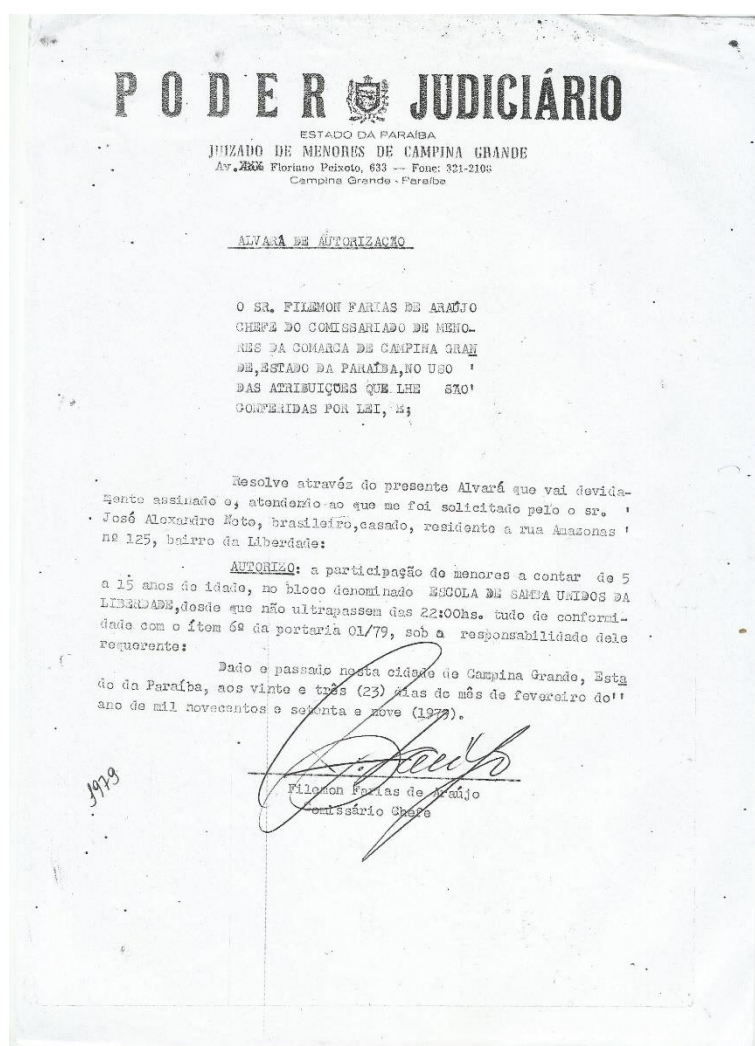
[Signature]
Chefe do S. C. D. P.

OBSERVAÇÃO: Não Será permitido uso de mascaras, pós, ou outra substancia nociva à saúde das pessoas.

Fonte 9: Arquivo da Escola de Samba Unidos da Liberdade

Além dos documentos que eram entregues para que fossem liberados para desfilar, os populares deveriam encaminhar à secretária de segurança pública um pedido para que a escola pudesse desfilar no centro da cidade durante o período carnavalesco. Além de ter que apresentar esses inúmeros documentos, eles tinham que perder licenças para usar espaços da cidade que por direito os pertencia, mesmo a cidade sendo espaço de todos. Mais uma vez entramos na discussão de Souza (2002) que o lazer para as classes populares era uma festa que foi “permitido” e que sempre deveriam ser marcados por um conjunto de regras e regulações.

Figura 9 Alvará de Autorização para a participação de menores no carnaval de 1979



Fonte 10 Arquivo da Escola de Samba Unidos da Liberdade.

O documento é de 1979 quando o regime ditatorial estava em crise, mas mesmo assim as práticas continuariam a existir até 1983, quando foi possível conseguir o último registro desse tipo de documentação. Após a assinatura do Delegado de Vigilância Geral e Costumes é possível perceber uma observação que no verso do documento deveria conter uma lista com as despesas da agremiação e o decreto que exige essa licença e prestação de contas é de 1955, mas foi regulamentado em 1964 quando a Ditadura já estava instaurada no país, o que mostra que após o golpe algumas portarias passaram a ser mais rígidas.

No fim do documento há outra observação sobre o uso de máscaras e substâncias nocivas à saúde das pessoas, o que ocorria é que os membros das agremiações não poderiam consumir nenhum tipo de bebidas alcoólicas, brincar com substâncias que provocassem as práticas de mela-mela ou consumir outros tipos de entorpecentes, isto

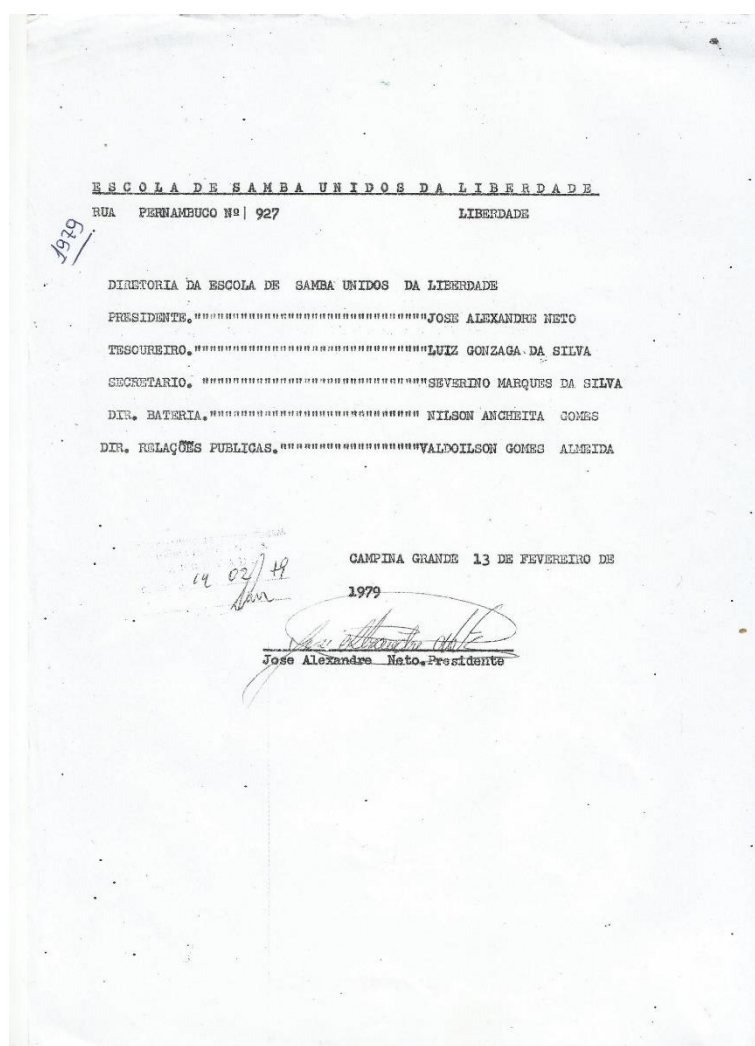
porque eles deveriam se apresentar, concorrer aos prêmios e voltar para o bairro. É claro que um ou outro desobedecia essas regras, porque estavam ali para se divertir nos festejos de momo, mas a maioria dos participantes deixavam para consumir as suas bebidas e fazer suas festas populares nos bairros, locais que eles se sentiam mais livres para exercer as suas confraternizações.

Além das autorizações para desfilar havia um conjunto de normas para a participação de grupos de menores como o documento anterior. Segundo Souza (2002) desde de 1964 criou-se um conjunto de normas e regras, quase todas voltadas para o controle dos jovens que passaram a ser fortemente vigiados para não frequentarem os lugares tidos como pervertidos. O controle era exercido sobre todos os espaços carnavalescos, desde a participação desses jovens em bailes nos clubes sociais até o desfile nas escolas de samba.

Todos os anos a diretoria da Escola de Samba enviava ao juizado de menores de campina um pedido de autorização para a participação dos menores nos desfiles carnavalescos. A autorização sempre ocorria, porém com ressalvas e a principal é que a participação desse público não passasse das 22:00hs. Práticas como essas e como algumas referidas anteriormente reforçavam o controle sobre os populares, isto porque forçava após o fim do desfile a volta para casa, já que a responsabilidade com os menores estava com José Alexandre Neto o requerente do documento de 1979.

Algumas crianças e adolescentes que participavam da agremiação eram filhos de membros das escolas de samba e, possivelmente, estavam acompanhados de seus pais. No ano do documento é possível que a participação de menores não seja tão elevada já que é a partir da década de 1980 que o número de participantes subirá nas agremiações existente e nas novas que surgiram durante toda a década de 1980. Além da licença periódica, do Alvará para participação de menores os membros da agremiação deveriam apresentar toda a comissão organizadora e responsável pela diretoria da escola de samba.

Figura 10 Diretoria da Escola de Samba Unidos da Liberdade ano de 1979

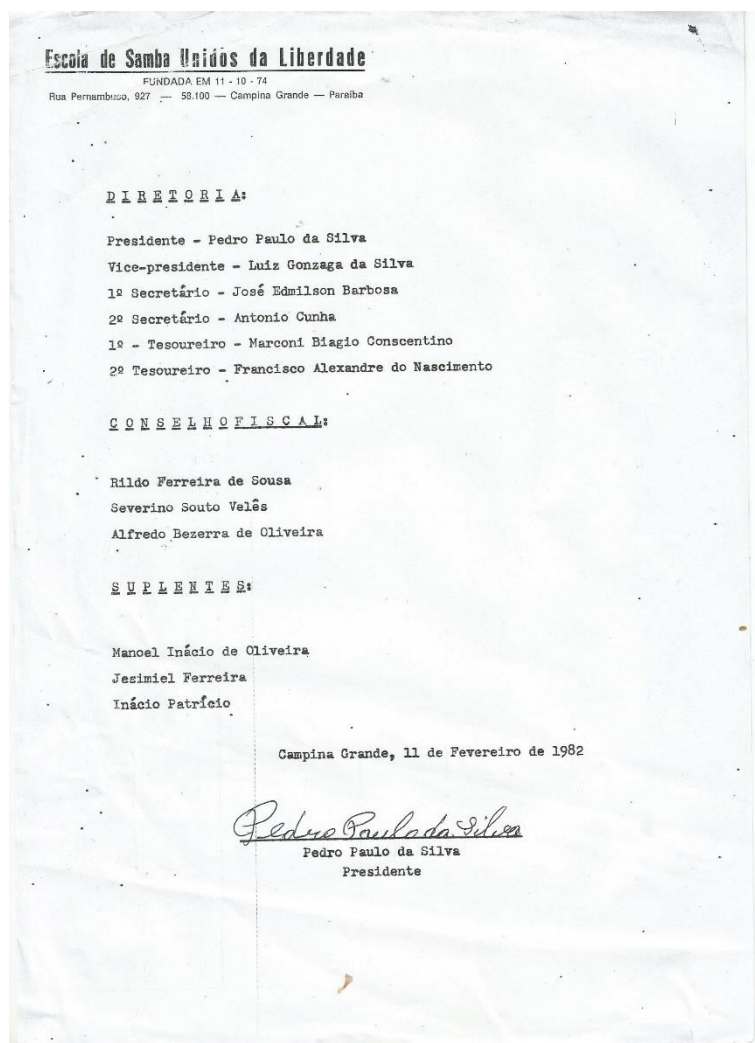


Fonte: Arquivo da Escola de Samba Unidos da Liberdade.

Este documento é de 1979 e a diretoria da escola de samba estava constituída por presidente, tesoureiro, secretário, diretor de bateria e diretor das relações públicas o que demonstra que essas agremiações eram bem organizadas com funções delimitadas para cada membro. Essa forma de organização exigia cada vez mais dos membros cuidado e união já que todos esses membros da diretoria deveriam ao fim do carnaval prestar contas de suas atividades. Outro ponto importante é que podemos observar é que em 1979 a Unidos da Liberdade era uma agremiação muito nova no carnaval campinense, do seu primeiro desfile em 1975 apenas com a bateria até 1979 passaram-se apenas quatro anos o que mostra uma capacidade de organização muito forte entre a agremiação e os moradores do bairro. Esses documentos servem para nos mostrar também que por mais que o tempo todo houvesse uma tentativa forte de vigilância, de censura e de

disciplinarização eles enfrentavam toda essa burocracia de uma forma muito motivadora, a cada ano que eles ficavam mais “organizados”, com mais credibilidade ganhavam no carnaval campinense e na chegada de novos membros.

Figura 10 Diretoria Escola de Samba Unidos da Liberdade 1982



Fonte: Arquivo da Escola de Samba Unidos da Liberdade

De um documento para a outro passam-se três anos e a lista de componentes da diretoria da agremiação aumentou. Em 1982 temos presidente e vice-presidente, primeiro e segundo secretário, primeiro e segundo tesoureiro, o que mostra que a responsabilidade não estava concentrada em uma apenas em um membro, mas sim em vários, os cargos de diretor de bateria e de diretor das relações públicas foram extinguidos e houve a criação de conselheiros fiscais e de mais três suplentes. Talvez esse aumento no número de cargos se deu porque a cada ano o número de participantes das agremiações crescia, tornando-se necessário mais pessoas para organizar a agremiação. E também porque como a Unidos era uma agremiação que se destacava entre os três primeiros lugares, o recebimento de

verbas também era alto e eles deveriam fazer a prestação correta de contas para garantir o recebimento no carnaval seguinte. Além disso, eles contavam também com ajuda financeira de algumas instituições privadas, como políticos, comerciantes ou tentavam arrecadar recursos através de festas, bingos na SAB do bairro. E para isso necessitavam também de autorizações da Polícia Federal.

Essa cidade “militarizada” perdura até 1982, que é quando temos o último documento com esse carimbo da Polícia Federal e quando Ronaldo Cunha Lima é eleito prefeito de Campina Grande. Porém as práticas de enviar esses documentos continuaram nos anos seguintes, talvez como forma de demonstrar que as instituições carnavalescas eram organizadas, talvez também por medo de não receber as verbas e ficar fora dos festejos carnavalescos. Esses festejos sob forte vigilância marcaram toda a década de 1970 até início da década de 1980.

Talvez as autoridades campinenses e militares não imaginassem que todas aquelas tentativas de vigilância disciplinarização serviriam cada vez para que os populares formassem agremiações carnavalescas e se organizassem para participar dos festejos carnavalescos campinenses. Mesmo que alguns cidadãos não participassem dessas agremiações eles se dirigiam às ruas do centro da cidade para prestigiar o desfile das agremiações, para torcer ou simplesmente para desfrutar dos festejos carnavalescos. Ano a ano aumentava a vinda de campinense de vários locais uns pertos do centro outros mais distantes que nesse momento da década de 1980 Campina já contavam com um número bem elevado de novos bairros.

Com toda essa vigilância e tentativa de censura os populares fizeram no Carnaval Campinense aquilo que Guattari (1996) chama de processo de singularização social, eles começam a produzir subjetividades e cada uma delas produzidas implica na formação de agenciamentos. E como esses agenciamentos se dão com os populares que são tão vigiados durante todo o período abordado anteriormente? Eles fizeram dois percursos, no primeiro momento tiveram uma atitude normalizadora; eles integraram essa burocracia e vigilância como uma prática comum da agremiação, considerando uma regra ou um problema secundário.

E depois uma atitude reconhecedora, que possibilitou a articulação e uma mudança efetiva da situação. Mas como é possível perceber isso? Os populares fizeram desses documentos uma grande proteção porque com eles e com essas autorizações eles

não poderiam ser excluídos do Carnaval campinense, se de acordo com os documentos exigidos estivesse tudo em situação regular, o que lhe empatariam de participar dos festejos? Prestação de contas, lista com componentes, samba-enredo, autorização para participação de menores o que poderiam questionar? Dessa maneira, eles se articulam através da arte, das fantasias, da organização em comunidade, em micropoderes que agenciam através de suas práticas cotidianas. Era como o carnavalesco da escola Raimundo Formiga falava “por debaixo dos panos...” e realmente nas paredes das casas, nas mentes barulhentas, na sede da escola eles preparavam os seus grandes agenciamentos. Desfilavam com fantasias nuas ou seminuas, colocavam negros, pobres, homossexuais para serem os protagonistas dos dias de Momo. E assim conquistavam sua comunidade exercendo uma micropolítica fortalecida e articulada com os populares.

Nesse primeiro momento esses discursos que tentam disciplinar o carnaval campinense estão coordenados principalmente por autoridades políticas e militares que desejavam exercer o controle principalmente sobre o carnaval de rua campinense. As práticas de resistência são sutis e a tentativa de silenciar o Carnaval popular não é tão forte como veremos mais adiante. O certo é que mesmo sobre forte censura, regras e vigilância os populares saíram desse período mais fortalecidos e articulados em relação as suas práticas Carnavalescas.

4.2 A tentativa de silenciamento dos Festejos carnavalescos através dos discursos de uma cidade esvaziada e de um Carnaval sem atrativo para a economia da cidade

Com o advento da década de 1980 a cidade Campina Grande se apresentava com características bem diferentes das décadas anteriores. O processo de industrialização não havia engatado e João Pessoa passava a ser novo centro industrial do Estado. O terreno preparado pelos militares no campo industrial havia fracassado, mas no plano educacional a política havia sido mantida. A cidade preparava-se a cada ano para se transformar em polo educacional, com a criação da Fundação Universidade Regional do Nordeste (FURNE) atual UEPB, que tinha como principal objetivo a formação de professores e técnicos de nível superior. De acordo com Lima (2012) de 1974 a 1980 foram criados 13 novos cursos superiores no Campus II localizado na cidade de Campina Grande. Com a criação desses novos cursos a economia municipal recebeu um novo alento, isto porque diversas pessoas começam a se instalar na cidade para lecionar.

Para Lima (2012) além dessas pessoas que se instauram na cidade para lecionar, outros grupos também se instalaram na cidade, aqueles que desejavam se qualificar com o ensino superior, provenientes de várias partes do estado ou até de outros estados. O que é possível perceber é que essas pessoas, diferentemente daquelas que chegaram à Campina em décadas anteriores, possuíam uma renda fixa e iriam contribuir para o incremento do comércio e de todas as outras atividades urbanas. Até o fim de 1982 a cidade se encontrava na gestão de Enivaldo Ribeiro, que era aliado do governo militar e essa aliança proporcionou uma melhor vinda de recursos e obras para o desenvolvimento da cidade. Porém quando o candidato de Enivaldo perde as eleições em 1982 a ameaça do corte de verbas se concretizam e a cidade perde investimentos com a chegada do governo de Ronaldo Cunha Lima.

Com esse panorama do fim da aliança entre militares e o prefeito a cidade se via mais uma vez à deriva na questão econômica, porém outros olhares surgem para a recuperação dessa cidade e a para o novo grupo que estava no poder “Os Cunha Lima” a solução será o investimento em turismo de eventos. Mas como? Em qual festa? Em Qual época? No primeiro momento tem a visão que o Carnaval poderia se transformar nessa festa, porém com todos os discursos que circulam a festa, logo vários empecilhos surgem

para que ela não seja a escolhida para ser um grande evento para a cidade. Escolher o carnaval, significaria neste momento escolher os populares, homens, mulheres e crianças provenientes de bairros populares que para a elite e para a imprensa da cidade não deveriam jamais representar para todo o mundo a cidade que antes recebia o título de Capital de Trabalho e agora seria a Capital da Cultura.

Desde a década de 1970 surgiram inúmeros discursos que o carnaval campinense estava em decadência e a que a cidade estava esvaziada no período momesco, porém uma maior incidência na década de 1980. Para Santos (2008) além do Jornal Diário da Borborema, o Jornal da Paraíba também funcionara como propagador dos discursos de um carnaval decadente. Além da imprensa, os comerciantes ajudavam na construção de um discurso que não havia um grande movimento no comércio durante os dias que antecediam os festejos e isso não ajudava a economia da cidade que neste momento já estava com tantos problemas. Essas lamentações ocorriam também porque esse grupo não era mais o detentor do controle de verbas carnavalescas, que neste momento já era destinada para o carnaval através da Prefeitura e do Estado, e como muitas vezes a verba só chegava na véspera dos dias momesco não provocava tanto aquecimento nos estabelecimentos comerciais.

É no interstício destes acontecimentos que emergem na década de 70 um discurso e uma estratégia agenciados pelos grandes comerciantes, industriais “tradicionais” elites locais e o jornal que servia de instituição para (re) produção e atualização daquele discurso, o Jornal da Paraíba. Esta estratégia e o discurso que lhe é correlato tentaram construir e gerar uma imagem extremamente negativa do carnaval da cidade e daqueles que dele participavam, fazendo eco às vozes e anseios daquele segmento social que havia sido alijado do carnaval da cidade e que também estava sendo demovido dos processos decisórios e das instituições governamentais de Campina desde o final da década de 60; (SANTOS, 2008, p.109)

Como mostra Santos esse discurso que emergiu na década de 1970 passou toda a década sussurrando nos jornais campinenses, porém, ele não conseguiu ser o discurso vencedor neste momento. Enquanto os discursos são gestados no seio dessa elite, os populares cada vez mais invadem os espaços do centro da cidade no período carnavalesco. Porém, a penetração desses espaços não seria de uma forma tão fácil para esse grupo. O primeiro percurso é a indefinição ano a ano de onde ocorreriam os festejos carnavalescos. De acordo com o Jornal Diário da Borborema a partir de 1978 a rua Maciel Pinheiro não comportava mais o número de participantes do carnaval e este deveria ser deslocado de lugar. A rua que sempre representou não comportaria mais os inúmeros rostos anônimos

que marcavam a cidade tão plural, para a elite campinense estes rostos deveriam ser deslocados para outros espaços e quanto mais longe do centro melhor.

O deslocamento do desfile ocorreu para as ruas Venâncio Neiva e Sete de Setembro ruas íngremes que dificultavam a locomoção dos sambistas, depois da transição para estas ruas foi a vez dos festejos carnavalescos serem deslocado para a rua João Pessoa, artéria que apresentava uma estrutura estreitas e com pouco desenvolvimento o que fez com que a multidão que ia prestigiar o desfile das agremiações ficasse apertada muitas vezes invadindo o espaço destinado para a apresentação das agremiações. Com a década de 1980 essa indefinição do local da festa continuará. Em um primeiro momento os desfiles foram deslocados para a Sebastião Donato, porque com a inauguração do parque do povo⁸¹, todos os festejos da cidade eram deslocados para aquele espaço. Já na década de 1990 os desfiles seriam deslocados, mais uma vez para a Severino Cruz às margens do açude Velho. Mesmo com toda essa indefinição do local dos festejos os populares não deixavam de participar do carnaval campinense.

Carnaval de rua reuniu cerca de 50 mil pessoas
Seis escolas de Samba, um bloco Indígenas e 12 troças carnavalescas, num total de 19 agremiações, fizeram o Carnaval de Rua de Campina Grande, deste ano, arregimentando, para o centro da cidade, mais destacadamente na última terça-feira, um público de 50 mil pessoas.
As ruas Floriano Peixoto (parte) Marquês do Herval, Getúlio Vargas, Índios Cariris e Presidente João Pessoa, num itinerário superior a 1,5 KM, foram tomadas pelo povão. Esse fato veio desfazer o pessimismo daqueles que, tendo a Federação Carnavalesca transferido o Carnaval tradicionalmente realizado na rua Maciel Pinheiro, para rua João Pessoa, o povão, dificilmente para esta se deslocaria. O desafio foi vencido e a conclusão deixada é de que nem mesmo a João Pessoa acomoda na sua extensão e largura, na maior parte em que foi definida para o desfile, assistência e as instituições momescas participantes dos desfiles ficando gente nas outras ruas atrás referidas.⁸²

A população de Campina Grande na década de 1980 já alcançava a marca dos duzentos e cinquenta mil habitantes, e segundo a reportagem do DB no carnaval de 1982 haviam comparecido ao carnaval de rua vinte por cento dessa população que chega a cinquenta mil, e com ressalva daqueles que ainda participavam dos festejos nos clubes e nos bairros que não compareceram as artérias do centro da cidade. A reportagem serve para mostrar como os discursos muitas vezes se mostravam contraditórios sobre a participação dos populares no carnaval campinense. Se hoje fossemos repetir o mesmo percurso que o jornal cita que o “povão” ocupou perceberíamos que havia um número elevado de pessoas ocupando todos esses espaços citados. Porém, na mesma reportagem

⁸¹ Foi construído e inaugurado durante o governo de Ronaldo Cunha Lima em 1983.

⁸² Jornal Diário da Borborema 23 de fevereiro de 1982.

é possível perceber dois movimentos. O primeiro é a abordagem sobre a possível “fuga” dos campinenses para o litoral, e depois como essa fuga afetou os carnavais nos clubes sociais.

Se o “povão” ocupou as artérias do centro da cidade, quem foram aqueles que não participaram dos carnavais dos clubes? Quais clubes foram afetados pela não promoção dos bailes carnavalescos? Seguimos analisando os discursos vinculados no Diário da Borborema.

Fuga dos Campinenses prejudica os clubes

A evasão dos campinenses para outras cidades neste Carnaval atingiu seu clímax por todo o dia de ontem quando milhares de pessoas, deixaram Campina Grande, preferindo, na sua grande maioria, a capital do Estado e Baía da Traição, precisamente o litoral nesse período momesco.

Como a fuga dos campinenses é vertiginosamente crescente a cada Carnaval, as promoções momescas nos clubes sociais da cidade estão fadadas a um fracasso, com grandes possibilidades de prejuízos para suas diretorias, já que até ontem, a procura por mesas nos sodalícios era insignificante, segundo as reclamações dos responsáveis pela promoção.⁸³

Analisar as falas a partir desse momento torna-se algo muito importante porque promove um maior entendimento do reflexo que esses discursos terão nos anos seguintes para os rumos que os festejos irão tomar. Segundo a reportagem “milhares” de campinenses deixaram a cidade no período carnavalesco. Primeira contradição do discurso campina contava com uma população neste momento na casa dos duzentos e cinquenta mil não teria nesse momento na cidade tantas pessoas para deixá-la esvaziada. Além disso, nem todos os habitantes da cidade possuíam automóveis para deslocar para o litoral, e habitações para se hospedarem lá durante os dias de folia. Além disso, a cidade já recebia estudantes de diversas partes do Estado, que, possivelmente, aproveitam o feriado para visitar os seus familiares. É claro que neste momento já existiam práticas de passar esta festa no litoral pessoense, mas não representavam uma parcela elevada da população que deixaria a cidade totalmente esvaziada.

Além disso as próprias diretorias dos clubes reclamam dos prejuízos que a não promoção dos bailes carnavalescos está promovendo na cidade, o que significava que era os frequentadores desses espaços que estavam deixando a cidade com destino o litoral. É necessário ressaltar que é esse carnaval da elite campinense que está decadente neste momento, enquanto os discursos tentam criar um carnaval fraco e esvaziado, os populares

⁸³ Jornal Diário da Borborema 21 de fevereiro de 1982.

cada vez ocupam as ruas do centro da cidade através das suas práticas de micropoderes. De um lado temos um macropoder formado pela elite, imprensa e grandes empresários que tenta criar uma narrativa de morte do outro temos os micropoderes formado por populares, moradores dos bairros populares, pobres e uma classe média que resiste participando os festejos momesco da cidade.

Nos clubes, um grande fracasso

O carnaval de 82 de Campina Grande foi uma decepção para os clubes que promoveram bailes, matinés e matinais em virtude da fuga dos campinenses para o litoral paraibano, mais acentuadamente João Pessoa e Baía da Traição. As diretorias dos sodalícios garantem que arcaram com grandes prejuízos, principalmente o Campinense, que entre despesas com orquestras, ornamentação e outros detalhes, teve um negativo de um milhão de cruzeiros.

A alternativa para “ salvar o carnaval” foi a redução dos preços como fez a diretoria do Caçadores, que determinou uma queda de 50 por cento no ingresso e mesas, na segunda-feira, o que foi o suficiente para diminuir os prejuízos.

Os outros clubes que se encontravam na mesma situação não adotaram tal iniciativa e por isso mesmo perderam mais que o clube das colinas.

Os diretores dos sodalícios responsabilizaram os seus sócios que não corresponderam à promoção, preferindo o litoral durante todo o reinado de Momo. A revolta foi geral das diretorias dos clubes⁸⁴

A partir do ano de 1982 as reportagens serão mais incisivas sobre o suposto esvaziamento da cidade, e a não realização dos bailes carnavalesco em alguns clubes sociais. Na reportagem podemos perceber que os diretores do Campinense clube, reclama que fizeram um grande investimento e não obtiveram retorno com a participação de seus sócios. Já em outros clubes da cidade que eram frequentados por uma classe média e populares a alternativa foi a redução no preço dos ingressos para a atração de mais pessoas. É perceptível que os clubes frequentados pela elite campinense estão com seus salões esvaziados porque estes preferiam participar do carnaval no litoral.

Com todas essas matérias estampadas nos jornais da cidade, a partir de 1982 teremos mais um processo de redefinição das práticas carnavalescas de Campina Grande. O ano de 1983 pode ser considerado como o ponto chave para a compreensão dessas reconfigurações. A crise que instalava em todo o Brasil afetou o estado da Paraíba e as verbas que foram repassadas para a promoção do carnaval neste ano haviam deixado a desejar. Segundo, o Jornal Diário da Borborema o carnaval do último ano de mandato de Enivaldo Ribeiro havia sido fraco, desorganizado e esvaziado. Naquele ano várias

proibições estavam em curso em relação aos festejos, não havia mais corso, não havia mais bailes carnavalescos nos grandes clubes da elite, e as páginas do Diário da Borborema em vez de abordar sobre as práticas carnavalescas nas ruas centrais e nos bairros, insistia em dedicar várias páginas para abordar discursos que mostram uma cidade esvaziada com cerca de setenta mil ⁸⁵partidas registradas nas rodoviárias da cidade.

Durante os anos do governo de Ronaldo Cunha Lima⁸⁶ as práticas carnavalescas do Carnaval de rua continuaram sob forte incidência. Dessa vez o local da realização da festa será modificado para o Parque do Povo e suas ruas adjacentes. O governo usará desse espaço recém-criado o seu espaço político para promoção dos grandes feitos do governo. Agora o “povão” campinense teria um espaço para fazer as suas festas e nesse espaço é que elas deveriam ocorrer segundo as autoridades locais. As reportagens dos jornais continuavam a incidir sobre as fugas dos campinenses e abordavam sobre as práticas carnavalescas de rua.

Enquanto isso as escolas de samba continuavam a exercer o seu apogeu no Carnaval campinense. De acordo com o Jornal Diário da Borborema em 1986 participaram dos festejos oito escolas de samba, cinco criadas no mesmo ano, o que proporcionou um grande movimento nos festejos carnavalescos. Com o surgimento dessas agremiações novos frequentadores passaram a participar dos festejos carnavalescos da cidade. Nesse momento os festejos carnavalescos não eram mais organizados pela Federal Carnavalesca e sim pelo Departamento de Turismo da cidade, o que mostra que havia sim uma tentativa de transformar a festa em uma atração turística.

Povão garantiu a Folia 3 dias

Apesar da grande revoada da população, principalmente para a orla marítima, o chamado povão assegurou o Carnaval de Campina Grande e centenas de foliões amanhecera ontem, marcando o passo no Parque do Povo, ao animado som da Orquestra de Frevo da Prefeitura Municipal de acordo com os cálculos do Departamento de Turismo do Município, cerca de 5 mil pessoas compareciam diariamente ao “Forró-dromo” transformado no quartel General da Folia durante o tríduo momesco deste ano.

O “pique” dos festejos carnavalescos deste ano teve início no domingo, quando as Escolas de Samba do Grupo B- Bambas do Ritmo de José Pinheiro, Caprichosos do Pedregal, Águia de Ouro da Palmeira e Em cima da Hora, de

⁸⁵ Jornal do Diário da Borborema, 13 de fevereiro de 1983

⁸⁶ Não foi possível encontrar as edições do Diário da Borborema de 1984-1985 ficando impossível a análise de como ocorreram os festejos carnavalescos nos dois primeiros anos de mandato do Governo de Ronaldo Cunha Lima. As edições de 1984-1985 estavam ausentes tanto no acervo da Biblioteca Atila Almeida como na Secretaria de Cultura do município de Campina Grande.

Bodocongó- iniciaram seus desfiles na Rua Sebastião Donato, ao lado do Parque do Povo.

Na segunda-feira, desfilaram Bumbas-meu-boi e troças carnavalescas e o auge mesmo das festividades aconteceu na noite da terça-feira quando pisaram na passarela as luxuosas Escolas de Samba do Grupo A- Unidos da Liberdade, Acadêmicos de Monte Castelo, Mocidade Independente e Invasores do Samba está última como umas das fortes concorrentes ao título.

Enquanto as escolas desfilavam, centenas de foliões se concentravam no “Forródrômo” e, ao final das apresentações, uma verdadeira avalanche de carnavalescos tomavam conta daquela área de lazer animando o frevo madrugada à dentro.

Caçadores e Ipiranga, únicos clubes a promover bailes, não obtiveram sucesso em suas promoções e por conta disso os prejuízos foram inevitáveis. Nos bairros periféricos a animação não ficou por menos e a principal atração foram os tradicionais papangus que pelas ruas arrastavam principalmente as crianças.⁸⁷

O parque do Povo nosso cenário para as festas carnavalescas em 1988 já estava concretizado, os grupos populares que foram tão vigiados durante os anos de Ditadura Civil-Militar enfrentavam o seu apogeu. Como podemos ver na reportagem do Diário da Borborema, a década de 1980 marca o crescimento desses grupos que agora havia a necessidade da divisão das agremiações em grupos. Essa divisão se dava principalmente por uma questão de organização já que a problemática sobre a distribuição das verbas perduraria todos esses anos de festejos, não sendo possível a distribuição igualitária dos recursos para todas as agremiações. Além disso, por uma questão de logística para a promoção da festa a divisão desses grupos em dias de diferente faria com que o carnaval ficasse mais dinâmico e a competição entres esses grupos carnavalescos se acirrasse, já que havia sempre aquela concorrência dos que queriam subir do grupo B para o A e dos que não queriam sair do grupo A.

A nossa reconfiguração dos festejos também dividia a festa entre aqueles que desejavam participar as escolas de samba como figurantes das agremiações ou espectadores dos desfiles. E aqueles que desejavam ficar no “Forródrômo” se divertindo ao som do Frevo. Esse Carnaval plural do Frevo e do axé sempre coexistiram no carnaval campinense. Por mais que desde a década de 1960 os clubes sociais promovessem seus bailes e o samba chegasse na cidade com as Escolas de Samba estes dois ritmos carnavalescos sempre estarão em harmonia, diferente de 1989 quando o axé baiano começa a penetrar no carnaval da cidade.

⁸⁷ Jornal Diário da Borborema, 18 de fevereiro de 1988.

Até 1989 nem o discurso esvaziamento da cidade nem a tentativa de transformar o carnaval em cidade turística seria o discurso vencedor. Os populares em suas agremiações, em seus blocos em seus clubes populares seriam os grandes vencedores do momento. O silenciamento com grupos populares não ocorreu na década de 1980, ao contrário para eles e para as suas histórias foram o de maior resistência e fortalecimento como vimos no capítulo anterior com a história da escola de samba Unidos da Liberdade. Porém com a chegada da década de 1990 um novo plano, um novo discurso, uma nova festa sai vencedora na cidade de Campina Grande com o governo de Cássio Cunha Lima.

4.3 A despedida do Carnaval

O prefeito Cássio Cunha Lima na condição de gestor leitor do texto cidade vitrine e executor de um projeto citadino voltado para a Cultura de Eventos, ao identificar o “esvaziamento” de Campina Grande durante o período de Carnaval, uma vez que os moradores de classe média e classe alta se retiravam da cidade aquele esse período, criou em 1990, o carnaval fora de época aos moldes baianos em ritmo de axé denominado “Micarande”.

Essa iniciativa vertical de maior invisibilização do Carnaval Popular campinense e desinvestimento na festa momesca no período que historicamente é considerado Carnaval, tornou ainda mais periférica e frágil em termos de investimentos e mídia, a apresentação das Escolas de Samba de bairros populares da cidade. O olhar estigmatizador da experiência popular do Carnaval foi intensificado com essa “invenção” do Carnaval fora de época.

As narrativas de morte do carnaval campinense foram intensificadas pela mídia local, ao mesmo tempo que, como forma de resistência, pertencimento à cidade e afirmação de uma identidade cultural momesca, os populares continuavam desenhando uma Campina com muitos corpos que continuavam sambando, desfilando e preparando ritualisticamente as apresentações de suas escolas de samba.

A partir de 1990 o Jornal Diário da Borborema, começara um longo processo de silenciamento dos os grupos populares, diminuindo cada vez mais as páginas dedicadas a falar sobre o carnaval popular e aumentando as páginas dedicadas ao novo evento que se instalava na cidade. A resistência dos populares mais uma vez entrará em cena. A última reportagem que teremos no jornal será de vinte e cinco de fevereiro de 1990 quando o presidente da associação das escolas de samba desabafa sobre a humilhação que

as escolas estavam sofrendo com a distribuição de verbas. As verbas a partir de agora deveriam ser divididas entre o carnaval popular e o carnaval fora de época. A problemática da pouca verba oferecida ou da distribuição apenas nas vésperas ganharia mais um problema que era divisão com outra festa na cidade.

Com o surgimento da Micarande ficou difícil para se fazer o carnaval, porque o poder público na época, o prefeito na época, não queria ajudar as agremiações, dizia que primeiro era a Micarande depois ia pensar no carnaval..., mas mesmo assim a gente não deixou de fazer...⁸⁸

De acordo com Zé Neto, o caminho para as agremiações carnavalescas ficou mais complicado com a chegada da Micarande, e a verba era o principal motivo que afetava a não realização do carnaval popular. Porém, esses grupos como tentativa de resistência passam a realizar o carnaval mesmo sem incentivo da prefeitura municipal de Campina Grande, como mostrar a reportagem do Jornal Diário da Borborema de 1992.

Nem a indiferença da Prefeitura para com as milhares de pessoas que ficaram em Campina Grande impediu que elas fizessem cada um ao seu modo, o carnaval na cidade. Dezenas de troças “La ursas”, tribos indígenas e até escola de samba esqueceram as dificuldades e foram a rua Sete de Setembro mostrar que apesar de tudo, o espírito momesco ainda tem vez na Rainha da Borborema. A promoção ficou a cargo da Panorâmica FM e contou com o apoio da TV, da Rádio e do Diário da Borborema.⁸⁹

A partir de 1992 o carnaval na cidade será promovido por novos parceiros provenientes de alguns meios de comunicação como mostrar na reportagem, porém logo o Jornal Diário da Borborema não participara mais dessa organização ficando a cargo apenas da Rádio Panorâmica FM e do seu dono Damião Feliciano. O discurso de uma cidade esvaziada durante o período carnavalesco torna-se o grande campeão nesse momento, porém os grupos populares não deixaram de fazer os seus festejos. Então, a partir de 1992 os festejos momesco de Campina Grande serão denominados de um novo evento chamado “Carnaval dos que ficam” apoiado pelo político Damião Feliciano.

A euforia e os grandes desfiles que marcaram toda a década de 1980 entraram em um longo processo de decadência, algumas agremiações deixaram de existir, principalmente por conta da falta de incentivos com as verbas. Mesmo assim outra parte continuará a participar dos festejos resistindo a sua tentativa e invisibilidade por parte dos

⁸⁸ Trecho da Entrevista com José Alexandre Neto concedida a autora em setembro de 2014

⁸⁹ Jornal Diário da Borborema 09 de março de 1992.

poderes públicos municipais. Para eles esse tipo de festejo não traria lucros para a cidade que nesse momento estava com as propostas voltadas para o turismo de eventos.

A Micarande foi quem praticamente acabou o Carnaval de Rua, porque foi uma coisa que as escolas “foi se acabando”. As escolas foi se acabando e a Micarande tomando conta daquilo e da cidade.. E ficava naquela dependência de verbas de ajuda e uns patrocinavam outros não, uns ajudam outros não mas, a gente continuou com as escolas, não com todas mas, com a Unidos da Liberdade, Bambas do Ritmo com a Monte Castelo. A 15 de novembro não quis saber mais, a Pingo de Ouro não quis mais saber, As Malvinas não quis saber, a Em cima da Hora também. Ai diz paro ano a gente volta mas, quando chega na hora a gente não consegue verba, não consegue pessoas humanas mas, tem instrumento mas, as pessoas já tá participando de um boi, tá participando de uma Ala Ursa, enfim de outra escola. E as outras escolas fecharam e até agora a gente fica esperando que ela abra para concorrer para não ficar só aquela, Liberdade e Zé Pinheiro, no outro ano é Liberdade, no outro ano é Zé Pinheiro.⁹⁰

Formiga, é incisivo em sua fala e mostra que muitas agremiações não resistiram a problemática da verba e a disputa com a Micarande. Mesmo com a criação do Carnaval dos que ficam algumas agremiações deixaram de participar do Carnaval popular campinense. Para alguns a despedida do Carnaval campinense foi permanente para outros não. A escola de Samba Unidos da Liberdade continua toda a sua história de luta e resistência no carnaval campinense, caminha com dificuldades até os dias hoje, mas não deixa de exibir seus sons no bairro da Liberdade, de exibir o seu verde que representa a esperança de dias e de carnavais com mais incentivos. A despedida da Unidos da Liberdade e dos populares nunca é permanente ela é de muita resistência e fortalecimento.

A luta pela permanência da festa carnavalesca em Campina Grande, mesmo com toda a construção discursiva da morte desta pelo discurso oficial, para os populares foi e continua sendo uma pulsação de luta pelo direito à cidade. As cartografias campinenses de “baixo” vão de encontro ao sepultamento da expressão carnavalesca e de toda a memória foliã da Rainha da Borborema.

Diante da pesquisa com moradores populares foliões de Campina Grande, cabe-nos salientar que a despedida do Carnaval em 1990, não foi uma experiência dos moradores marginais. Os moradores do bairro da Liberdade e integrantes da Escola de Samba “Unidos da Liberdade” não se despediram do Carnaval em 1990, no século XX, muito menos no século XXI, no auge da tessitura da Campina Cidade Santa, um novo texto escrito por gestores e moradores fundamentalistas cristãos que lutam contra as

⁹⁰ FORMIGA, Raimundo. Trecho do depoimento concedido à autora em março de 2016.

experiências diferentes e ameaçadoras da ordem divina, como o Carnaval e o Encontro da Nova Consciência.

Os corpos ecumênicos, os corpos foliões, os corpos populares representam um imaginário e uma pulsão citadina profana e até demonizadas pelos “novos santos” da Rainha da Borborema” que está se constituindo em pleno século XXI como Rainha do preconceito e da destruição do Patrimônio Cultural local. Na mesma proporção que os donos dos macropoderes vêm investindo progressivamente na morte do Carnaval campinense, os populares continuam tecendo micropolíticas que continuam cartografando, dando sentido e visibilidade à Campina do samba, da liberdade de expressão e dos que ficam, não para rezar, mas para dançar e preservar esse valioso patrimônio cultural popular que são as escolas de samba dessa cidade que é santa e profana, desigual e plural, dos brancos e negros, dos pobres, médios e ricos, dos moradores de todas as etnias, raças, gênero, gerações e crenças. Despedida do Carnaval é coisa dos moradores de cima, os moradores de baixo continuam em ritmo de samba.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da segunda metade do século XX a cidade de Campina Grande passa por inúmeras transformações e essas mudanças afetaram as festas carnavalescas. O aumento populacional, as mudanças sociais, políticas e econômicas afetaram a estrutura de uma cidade marcada pela chegada de novos rostos homens, mulheres, crianças, velhos, ricos e pobres passam a compor cada vez mais os rostos dessa cidade tão plural como vimos no primeiro capítulo, e esse conjunto de modificações afetou as práticas carnavalescas da elite campinense.

A elite campinense que antes era detentora da rua Maciel Pinheiro e do centro da cidade, viu o seu espaço ser penetrado pelos populares, primeiramente dos bairros com pouca distância em relação ao local da festa. Em um primeiro momento acreditava-se que esses populares seriam apenas espectadores dos festejos, porém eles passam a participar das festas, com seus trajes que muitas vezes eram mal vistos, usavam transportes com animais e frequentavam cabarés e dancing que eram julgados pela elite campinense. De um lado havia uma elite com suas fantasias bem elaboradas, seus casarões enfeitados e seus carros preparados para o desfile do Corso. Do outro lado da barreira social havia populares com fantasias improvisadas, espectadores do corso, que consumiam bebidas alcoólicas e brincavam do mela-mela, prática tão criticada no Carnaval.

Pouco a pouco o espaço foi se tornando “inabitável” para a elite que desejava marcar as suas diferenças e os seus territórios. Então começou a surgir bailes carnavalescos em clubes sociais. Nesses espaços que já existiam antes da década de 1970 havia inúmeras regras para participar dos seus bailes carnavalescos, acirrando ainda mais as diferenças sociais. Os bailes luxuosos, com aquisição de bebidas e grandes atrações ficavam para a elite campinense, enquanto os populares tomavam os espaços da rua.

Com a década de 1980 os bailes em clubes sociais passam a entrar em um processo de decadência e os bailes carnavalescos principalmente nos clubes deixados pela elite campinense param de existir. A elite campinense passa a demarcar suas diferenças em outros territórios, principalmente na capital de João Pessoa. E alguns membros dessa elite Campinense decide na década de 1990 criar o Bloco da Saudade, para relembrar os antigos carnavais campinense. Carnaval esse que o ritmo do frevo prevalecia, as fantasias

luxuosas, porém esse tipo de festejo ocorre nas prévias carnavalescas da cidade e a elite campinense depois de tantos anos continua a passar carnaval na capital João Pessoa.

Os populares entraram em cena e se enquadraram no modelo domesticador das escolas de samba, são eles os atores que fizeram parte do carnaval campinense como protagonistas até o ano de 1989 quando os festejos passam por um mais processo de reconfiguração. Como vimos, a escola de samba Unidos da Liberdade tem uma história marcada por lutas, glórias e resistências. Através de uma rede de micropoderes os populares conseguiram se fortalecer no carnaval campinense durante toda a década de 1980, as relações de sociabilidade firmadas no bairro da liberdade se tornaram peça fundamental para a construção da resistência dos populares durante todos esses anos.

Esse fortalecimento dos grupos populares não se deu apenas no bairro da Liberdade, mas em vários outros bairros populares como José Pinheiro, Monte Castelo e esse fortalecimento fez com que várias agremiações participassem do carnaval de rua campinense, como bois, Ala Ursas, blocos. A partir de 1970 o samba e o frevo passam a coexistir no carnaval campinense. Porém, toda a trajetória enfrentada por esses populares tem como pano de fundo inúmeras sombras, como discursos jornalísticos que tentam sepultar o carnaval campinense, bem como problemáticas com a distribuição e aquisição de verbas e a indefinição para o local dos festejos.

Além de enfrentar toda uma rede burocrática para que o carnaval ocorresse e que esses grupos populares tivessem o direito de participar dos festejos. A elite política e econômica, tentava criar uma narrativa que a festa não trazia lucros e rendimentos para a cidade, e que não havia sentido investir tanto em uma festa que não gerava lucro e deixava a cidade esvaziada.

O terceiro capítulo abordou como o discurso primeiramente burocrático e silencioso do regime militar, afetou as práticas carnavalescas. Os documentos analisados serviram para perceber como os grupos populares eram vigiados por um sistema burocrático. Porém, toda essa vigilância não impediu que esses grupos se fortalecessem. As inúmeras regras e proibições se tornaram práticas comuns por aqueles que participavam dos festejos até o fim da Ditadura.

Com o fim da Ditadura, outras práticas e discursos passam a ser vivenciadas pelos populares, o primeiro deles é a de uma cidade esvaziada durante os festejos carnavalescos. Porém, as próprias fontes jornalísticas se contradiziam com relação a esse esvaziamento

da cidade. Esse era o momento que os micro e os macro poderes estavam em maior efervescência. As práticas giravam em torno de uma indefinição de onde ocorreriam os festejos e a distribuição das verbas apenas nas vésperas do Carnaval.

Mesmo com todos esses discursos e práticas, os populares resistiam, cada vez mais novas agremiações surgiam e novos espectadores. Porém, o ano de 1989 marca um grande divisor na história do Carnaval popular campinense. Os grupos que haviam se fortalecido durante todos esses anos passam por mais uma reconfiguração com a chegada do Carnaval fora de época denominado Micarande. Como foi abordado no capítulo três, esse novo modelo de festa proporciona um maior retorno econômico para a cidade que no momento tem seu plano econômico voltado para o turismo de eventos. Para participar desse tipo de festejo era necessário a aquisição de abadás com preço elevado. O novo modelo de festa era inspirado no carnaval baiano e com blocos “puxados” por trios elétricos. As pessoas que não tivessem dinheiro deveriam acompanhar fora da corda e eram apelidados de “pipoca”.

Os grupos carnavalescos que participavam do Carnaval de rua campinense deveriam se apresentar neste carnaval fora de época, dominado pelo novo ritmo, o axé baiano. Segundo os narradores, eles não aceitaram tal proposta e assim passaram a ser esquecidos pelo poder público municipal. A partir daquele momento, os grupos populares serão silenciados na cidade, e para realizar o carnaval enfrentaram toda uma história de resistência. Porém, alguns grupos não conseguiram resistir por muito tempo e desistiram de participar dos festejos carnavalescos campinenses.

Os poucos grupos que resistiram na preservação do carnaval campinense participaram do carnaval denominado “Carnaval dos que ficam”, promovido pelo político Damião Feliciano. A partir de 1992 cria-se na cidade o Encontro para a nova consciência que se propõe a agregar diversos credos religiosos, com um viés ecumênico, afirmador das diferenças. A partir desse momento durante o período carnavalesco a cidade viveria um retiro espiritual religioso.

Em 1999 a cidade de Campina Grande apresentou uma “nova” cartografia de sua herança conservadora, a expressão da diversidade de credos, crenças e religiões que era possibilitada pelo Encontro da Nova Consciência foi demonizada. A disputa narrativa, territorial, de recursos públicos e visibilidade midiática que historicamente existiu entre as manifestações celebrativas dos moradores privilegiados e os moradores sem prestígio

social assumiu outra face. O gestor da cidade de Campina Grande aderiu ao movimento dos fundamentalistas cristãos contra os líderes e participantes do Encontro da Nova Consciência, usando a narrativa da demonização como justificativa para sua adesão e apoio financeiro e logístico ao Encontro dos “verdadeiros filhos de Deus”.

A segregação espacial, material e simbólica que os foliões populares das escolas de samba enfrentaram desde o início de sua história também atingiu os organizadores e integrantes do Encontro da Nova Consciência. Na cidade santa fundamentalista cristã não cabem os corpos ecumênicos, nem os corpos carnavalescos. Outros personagens entram em cena na luta pelo direito à cidade no período do carnaval de Campina Grande. Os discursos da disciplinarização, moralização, higienização e cristificação da cidade foram justificando a perda de espaços dos corpos que ameaçam a ordem e os princípios da cidade santa. A profanação da cidade e do período carnavalesco tinha como protagonistas, as escolas de samba populares e os organizadores e participantes do Encontro da Nova Consciência.

E Campina Grande de 1999 para cá vem se desenhando como uma cidade cheia de rugas e rugas moralizantes, excludentes e demolidoras da expressão e preservação de dois patrimônios culturais locais: O Carnaval Popular e o Encontro da Nova Consciência. Estes ficam cada vez mais descredibilizados, estigmatizados e desterritorializados. A Campina plural vai sendo violentada, em nome do verdadeiro Deus e dos verdadeiros moradores dignos da cidade, os cristãos.

Os populares, assim como os organizadores e participantes do Encontro da Nova Consciência têm enfrentado uma acirrada e desigual batalha para ter o direito de usar a cidade durante o período carnavalesco. Com a chegada do século XXI, no auge da implantação dessa cidade santa, o profano e o sagrado entraram em uma grande disputa e os populares entraram em uma grande luta para ter o direito de participar dos festejos que já são tão estigmatizados. Segundo os políticos e a comunidade religiosa evangélica Campina deve viver um grande retiro espiritual durante o Carnaval, quem não quiser participar deverá deixar a cidade para participar dos festejos em outro lugar e os populares que insistirem em ficar no carnaval dos que ficam deverão ser ocultados, silenciados e afastados dos olhos dos turistas e da comunidade “sagrada” que frequenta a cidade nesse período.

As históricas práticas de resistência dos grupos populares não morreram com a chegada da Micarande,, ao contrário esse modelo carnavalesco chegou ao fim na cidade em 2008, principalmente por conta dos altos índices de violência que a festa proporcionava. Estas expressões momescas dos de “baixo” não morreram também nessa cartografia que além de sepultar o carnaval, o demoniza, estes blocos populares continuam pulsando a festa, o samba, as redes de sociabilidade para a tessitura da festa e lutando pelo direito aos seus desfiles, que em 2019 foram obrigados a desfilar fora do período do Carnaval para não profanarem a paisagem citadina santa e cristã. Esses corpos populares festivos continuam existindo e resistindo, mesmo diante de uma Campina que se consiste fundamentalista cristã, com suas tramas e seus dramas continuam cartografando uma cidade plural ao ritmo do samba. Profanar é resistir e existir, para esses moradores populares.

Fontes

- Anuário campinense 1982.
- Jornal Diário da Borborema (1970-1994) - acervo disponível na Biblioteca Átila Almeida- UEPB.
- Jornal Diário da Borborema- acervo disponível na SECULT (Secretária de Cultura de Campina Grande). O acervo do jornal não está completo sendo possível a análise de alguns exemplares.
- Documentos da escola de Samba Unidos da Liberdade disponibilizados por Maria de Lurdes, madrinha da escola.
- Fotografias do acervo Pessoal de Maria de Lurdes, madrinha da escola.
- Fotografias reveladas a partir dos monóculos disponibilizados por Maria de Lurdes.
- Fotografias do acervo pessoal de José Alexandre Neto.
- Fotografias do acervo pessoal de Raimundo Formiga.
- História Oral.

Lista de depoentes

Eneida Agra – Professora, Fundadora do Bloco da Saudade. A professora Eneida é mais uma prova de luta contra o carnaval que se instaurou em Campina Grande na década de 1990. Ela é organizadora também do Festival de Inverno da Cidade e do Bloco da Saudade. Sua entrevista trouxe para a discussão a importância de reviver os antigos carnavais campinense.

Francinete Alves (Francis) – Doméstica. Foi destaque da Escola de Samba Unidos da Liberdade, depois partiu para o Rio de Janeiro e retornou anos depois para Campina Grande. Morador do bairro da Liberdade, ainda desfila pela Unidos da Liberdade. A sua entrevista foi uma das mais emocionantes que fiz, Francis sempre se mostrou cordial e apaixonada pela Unidos da Liberdade e pelo bairro da Liberdade.

José Alexandre Neto (Zé Neto) - Fundador da Escola de Samba Unidos da Liberdade. Defensor da luta pelo Carnaval popular, fundador da associação campinense das Escolas de Samba e Troças Carnavalesca. Foi membro de outras agremiações, morador do bairro da Liberdade e fez parte da resistência e da luta pelo carnaval popular campinense até os seus últimos dias de vida em maio de 2019. Zé Neto sempre foi muito acessível para narrar sobre a resistência e história do carnaval popular campinense.

Léa Amorim – Professora de história aposentada- Participava dos festejos carnavalescos na rua e do Clube da elite campinense. Era moradora da Rua Maciel Pinheiro quando a rua ainda era palco dos carnavais campinense. Léa foi bastante receptiva e cordial comigo, narrou seus carnavais nos clubes de Campina Grande e de João Pessoa. Sua trajetória me ajudou na compreensão de quanto a cidade possuía ares patriarcais e como Léa conseguiu-o se formar no período do surgimento do polo educacional de Campina Grande. Léa junto com sua irmã Eneida participam do Bloco da Saudade.

Maria de Lurdes – Artesã. Madrinha da Escola Unidos da Liberdade desde a sua fundação em 1974. A entrevista dela não foi utilizada porque ela estava com umas querelas internas com alguns membros da escola, porém ela me acolheu em sua casa e cedeu toda a documentação que foi utilizada no terceiro capítulo, as fotos. Na sua casa

funcionou a sede da agremiação por muitos anos. Lurdes também foi costureira da agremiação e sempre desfilava com grandes fantasias.

Raimundo Formiga – Diretor de Teatro, Ator, Iluminador, maquiador, decorador de festa e Carnavalesco da Escola de Samba Unidos da Liberdade. Participa da agremiação desde a década de 1980 até os dias atuais. Em nossas conversas sempre se mostrou alguém apaixonado pela arte e pelo carnaval.

Valter Tavares – Artista de Espetáculo. Trabalha na secretária de Cultura de Campina Grande, Valter participa do Carnaval desde a sua infância. Ele participou de todas as transformações que ocorreram nos festejos carnavalescos campinense desde 1964, possui um vasto conhecimento sobre a cultura e a história da cidade. Valter sempre foi muito acolhedor comigo e com o meu trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155 – 202
- _____. **Manual de história Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.
- ANDRADE Lima, Elizabeth Christina de. **A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano**. 2ªed., Capina Grande, EDUFCEG, 2008.-
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**; tradução, Plínio Dentzien- Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas. Volume I 3ª edição. Editora brasiliense.
- CERQUEIRA, Monique Borba. **Pobres, resistência e criação: personagens no encontro da arte com a vida**- São Paulo: Cortez, 2010.
- CERTEAU, Michel de, 1925-1986. **A invenção do cotidiano: 2**. CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre;. **Morar, cozinhar.**; 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- _____. **A invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUATARRI, Felix; ROLNIK Suely. **Micropolítica cartografias do Desejo**. Petrópolis: Editora Vozes. 1996.
- LAZZARI, Alexandre. **Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1970-1915)**. Campinas: Editora da Unicamp / Cecult, 2001.
- LUCA, Tania Regina de. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- _____. **História dos, nós e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 111-153.
- MATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

PORTELA, Daniella Karla. **Quando o apito tocava no bairro da Liberdade: Memórias e representações na SANBRA**. 2013. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de.(org) **O historiador e suas Fontes**- São Paulo: Contexto,2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Os pobres da cidade: vida e trabalho-1880-1920**- Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS,1994.

_____, Sandra Jatahy. **O Espetáculo da rua**. 2. Ed.- Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS,1996.

SANTOS, Wagner Geminiano dos. **Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des) inventando festas e (re)inventando a cidade - 1965-2002**. Ano de Obtenção: 2009. Dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Pernambuco.

SEBE, José Carlos. **Carnaval Carnavais**. São Paulo: Ática, 1986.

SOUZA. Antônio Clarindo B. De. **Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)**. Tese de doutorado. Recife: UFPE,2002.

SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. **No passo do urubu malandro: Uma História social do Carnaval Campinense**. Pará de Minas: VirtualBooks, 2015